

Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Letras -IL
Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula - LIV
Programa de Pós-Graduação em Lingüística - PPGL

**Empréstimos lingüísticos do inglês, com formativos latinos, adotados pelo
português do Brasil
vol.1**

Flávia Cristina Cruz Lamberti Arraes

Brasília
2006

Flávia Cristina Cruz Lamberti Arraes

**Empréstimos lingüísticos do inglês, com formativos latinos, adotados pelo
português do Brasil
vol.1**

**Tese de doutoramento apresentada ao
Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e
Vernácula como parte dos requisitos para obtenção do
Grau de DOUTORA EM LINGÜÍSTICA, pela
Universidade de Brasília**

Orientadora: Professora Doutora Enilde Faulstich

**Brasília
2006**

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Enilde Faulstich
(Presidente, UnB/LIV)

Professora Doutora Ieda Maria Alves
(Membro efetivo, USP)

Professora Doutora Sabrina Pereira de Abreu
(Membro efetivo, UFRGS)

Professora Doutora Maria Luiza Corôa
(Membro efetivo, UnB)

Professora Doutora Vilma Reche Côrrea
(Membro efetivo, UnB)

Professora Doutora Orlene Carvalho
(Membro suplente, UnB)

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora, Professora Enilde Faulstich, pelo acompanhamento e avaliação cuidadosa dos trabalhos, pelas discussões ao longo do curso de doutorado, pelas indicações de leitura que conduziram as pesquisas e foram determinantes para o esclarecimento de pontos essenciais, pelo apoio e segurança na decisão dos rumos certos da pesquisa.

A Professora Margarita Correia, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que foi a minha co-orientadora durante o período de estágio realizado em Lisboa, de maio a setembro de 2005, e muito me auxiliou com as discussões, com a leitura crítica do material de análise dos dados, e com todo o material bibliográfico disponibilizado. Agradeço também pela carinhosa acolhida.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), do Ministério da Educação, por ter me concedido apoio financeiro ao longo de todo o doutorado e durante o período de estágio em Lisboa.

O Departamento de Lingüística, mais especificamente os professores, que muito contribuíram com a minha formação ao longo do curso, e os funcionários, em especial a Jacinta Fontenele, pelo apoio administrativo.

O Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Centro Lexterm), coordenado pela Professora Doutora Enilde Faulstich, que me forneceu ótimas condições de estudo e de pesquisa bibliográfica. Agradeço também às funcionárias do Laboratório de Línguas, Cida e Eurica.

O ILTEC (Instituto de Lingüística Teórica e Computacional), em Lisboa, instituto que gentilmente me recebeu e no qual realizei parte de minha pesquisa durante o estágio. Agradeço à direção, presidida pela Professora Doutora Maria Helena Mira Mateus, aos pesquisadores, em especial Ana Mineiro, Mafalda Antunes, Maria Dória e Rita Gonçalves, e aos funcionários administrativos, mais especificamente as senhoras Maria Eduarda Luz e Izabel França, pela excelente e hospitaleira recepção.

Meus pais, Armando e Sônia, o meu marido, Virgílio Arraes, a minha família, destacando a presença afetuosa de minhas tias Carmem Cruz e Izabel Cristina Cruz Pandolfi, e todos os amigos, mais especificamente a Elisabeth Alves, Patrícia Vieira Nunes Gomes, Sandra Patrícia, Mary Lourdes Angotti, que me apoiaram e me deram força, motivação e confiança.

SUMÁRIO

Agradecimentos -----	iii
Sumário -----	iv
Abreviações -----	viii
Resumo -----	x
Abstract -----	xi
INTRODUÇÃO -----	1
1 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA -----	4
1.1 Introdução-----	4
1.2 Tema da tese e objeto de estudo-----	4
1.3 O Problema-----	5
1.4 Objetivos da pesquisa-----	8
1.5 O que se pretende provar com a tese?-----	10
1.6 Etapas para a explicação dos objetivos-----	10
1.6.1 Acomodação do empréstimo lingüístico-----	11
1.6.1.1 O empréstimo como produto: tipos de empréstimo-----	13
1.6.2 O modelo teórico-----	17
1.7 Síntese do capítulo-----	18
2 ESTUDO EVOLUTIVO DA MORFOLOGIA DERIVACIONAL -----	20
2.1 Introdução-----	20
2.2 A morfologia na tradição clássica e no historicismo-----	20
2.3 A morfologia derivacional no estruturalismo-----	21
2.4 A morfologia derivacional na gramática gerativa-----	24
2.4.1 O Modelo-Standard: A Hipótese Transformacionalista-----	24
2.4.2 O retorno da morfologia: A Hipótese Lexicalista-----	27
2.5 Síntese do capítulo-----	30
3 DISCUSSÃO DE PROPOSTAS ALTERNATIVAS -----	32
3.1 Introdução-----	32
3.2 Os modelos não-estratificados-----	33
3.2.1 <i>Jackendoff</i> (1975)-----	33
3.2.2 <i>Aronoff</i> (1976)-----	36

3.2.3 <i>Basílio</i> (1980)-----	41
3.3 O modelo estratificado de <i>Halle</i> (1973)-----	43
3.4 O modelo estratificado e associativo de <i>Corbin</i> (1987, 1991, 1997a, 1997b e a publicar): o modelo SILEX-----	46
3.4.1 Crítica à morfologia da evidência-----	47
3.4.2 Os morfemas como unidade mínima da morfologia-----	48
3.4.3 Regularidade e irregularidade no léxico-----	50
3.4.4 Por um modelo associativo-----	51
3.4.5 Componentes do modelo lexical estratificado-----	53
3.4.5.1 Componente de base-----	55
3.4.5.2 Componente derivacional-----	61
3.4.5.3 Componente pós-derivacional-----	64
3.4.5.4 Componente convencional-----	65
3.5 Síntese do capítulo-----	66
4 QUESTÕES METODOLÓGICAS -----	68
4.1. Introdução-----	68
4.2 O motivo da recolha de dados em dicionários-----	68
4.3 As fontes de recolha-----	70
4.4 Os procedimentos de recolha e de análise preliminar dos dados-----	72
4.4.1 Critérios para a determinação da etimologia-----	73
4.4.2 Procedimentos de análise preliminar-----	76
4.5 Princípios teórico-metodológicos para a análise morfolexical-----	77
4.6 Considerações sobre a definição lexicográfica e sua relação com o significado previsível das palavras construídas-----	82
4.7 Síntese do capítulo-----	84
5 ESTRUTURAS ANALISÁVEIS -----	86
5.1 Introdução-----	86
5.2 Alguns princípios orientadores da análise-----	86
5.3 Estruturas analisáveis segundo regras existentes-----	87
5.3.1 Estruturas analisáveis por meio de regras de construção de substantivos-----	88
5.3.1.1 Substantivos de ação deverbais-----	89
5.3.1.2 Nomes de qualidade-----	92
5.3.1.3 Agentivos deverbais-----	100
5.3.2 Estruturas analisáveis por meio de regras de construção de adjetivos-----	101
5.3.2.1 Adjetivos relacionais-----	101
5.3.2.2 Adjetivos deverbais-----	102
5.3.2.3 Adjetivos de possibilidade-----	104
5.3.3 Estruturas analisáveis por meio de regras de construção de verbos-----	105

5.3.3.1	Verbos isocategoriais e denominais-----	105
5.3.3.2	Verbos de mudança de estado-----	107
5.3.4	Regras de truncamento-----	110
5.4	Síntese do capítulo-----	113
6	ESTRUTURAS COMPLEXAS NÃO-CONSTRUÍDAS-----	115
6.1	Introdução-----	115
6.2	Alguns princípios orientadores da análise dos dados-----	115
6.3	Estruturas não-analisáveis: tipos de restrições-----	116
6.3.1	Segmentos inexistentes na posição de base-----	116
6.3.1.1	[?X (-ção) _{suf}] _S -----	117
6.3.1.2	[?X (-ncia) _{suf}] _S -----	118
6.3.1.3	[?X (-ia) _{suf}] _S -----	118
6.3.1.4	[?X (-idade) _{suf}] _S -----	120
6.3.1.5	[?X (-ismo) _{suf}] _S -----	120
6.3.1.6	[?X (-or) _{suf}] _S -----	121
6.3.1.7	[?X (-ete) _{suf}] _S -----	122
6.3.1.8	[?X (-ic-; -ári-; -an-) _{suf}] _{ADJ} -----	122
6.3.2.	Segmentos inexistentes apesar da existência em português da forma evoluída do latim-----	124
6.3.2.1	[?X (-mento) _{suf}] _S -----	124
6.3.2.2	[?X (-nte) _{suf}] _{ADJ} -----	125
6.3.2.3	[?X (-or) _{suf}] _S -----	125
6.3.3	Tema impossível para a base-----	126
6.3.4	Categoria lexical impossível-----	128
6.3.4.1	[*X (-ção) _{suf}] _S -----	128
6.3.4.2	[*X (-ista) _{suf}] _S -----	129
6.3.4.3	[*X (-ic-) _{suf}] _{ADJ} -----	130
6.3.5.	Significado importado não-associado à estrutura interna previsível-----	131
6.3.5.1	Modelos de construção divergentes-----	131
6.3.5.1.1	[*X (-vel) _{suf}] _{ADJ} -----	131
6.3.5.1.2	[*X (-or) _{suf}] _S -----	132
6.3.5.2	Derivação semântica-----	133
6.3.5.2.1	[... (-mento) _{suf}] _S ; [... (-ncia) _{suf}] _S -----	133
6.3.5.2.2	[... (-ia) _{suf}] _S -----	134
6.3.5.2.3	[... (-al;-an-) _{suf}] _{ADJ} -----	134
6.3.5.2.4	[... (-iv-) _{suf}] _{ADJ} -----	135
6.3.5.3	Distinto significado da base-----	136
6.3.5.3.1	[*X (-ista) _{suf}] _S -----	136
6.3.5.3.2	[*X (-ismo) _{suf}] _S -----	137

6.3.5.3.2.1 Base substantiva em inglês-----	137
6.3.5.3.2.2 Base verbal em inglês-----	139
6.3.5.3.3 [*X (-or) _{suf}] _S -----	140
6.3.5.4 Especialização do significado da base em inglês-----	140
6.3.5.4.1 [*X (-ção) _{suf}] _S -----	140
6.3.5.4.2 [*X (-dade) _{suf}] _S -----	141
6.4 Síntese do capítulo-----	141

7. PERCURSO, VERNACULIZAÇÃO E CONVIVÊNCIA DAS UNIDADES LEXICAIS IMPORTADAS-----	143
7.1 Introdução-----	143
7.2 Especificidades do percurso dos empréstimos sob análise-----	143
7.3 O processo de vernaculização-----	146
7.3.1 Estruturas nominais-----	147
7.3.1.1 Estruturas com os sufixos <i>-ção</i> , <i>-ncia</i> e <i>-mento</i> -----	148
7.3.1.2 Estruturas com os sufixos <i>-ia</i> ¹ átono (substantivos deadjetivais em <i>-nte</i>), <i>-ia</i> ² tônico (substantivos deajetivais), <i>-(c)ia</i> ³ átono (substantivos de origem latina), <i>-dade</i> e <i>-ismo</i> -----	155
7.3.2 Estruturas verbais-----	159
7.4 Empréstimos como unidade lexical do português-----	162
7.5 Síntese do capítulo-----	164
CONCLUSÃO-----	166
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS-----	171
BIBLIOGRAFIA DE LEITURA COMPLEMENTAR-----	174
OBRAS LEXICOGRÁFICAS-----	180
CADERNO DE ANEXOS-----	182

ABREVIATURAS E CONVENÇÕES USADAS

Adj	- adjetivo
AE	- <i>Aurélio Século XXI</i>
AHD	- <i>American Heritage Dictionary</i>
DAC	- <i>Dicionário da língua portuguesa contemporânea</i> . Academia de Ciências de Lisboa
DENF	- <i>Dicionário Etimológico Nova Fronteira</i>
esp.	- espanhol
etim.	- etimologia
f.	- formado a partir de
Fr.	- francês
FA	- francês antigo
H	- <i>Dicionário Houaiss da língua portuguesa</i>
ing.	- inglês
it.	- italiano
lat.	- latim
LM	- latim medieval
NDLP	- Novo dicionário latino-português
OED	- <i>Oxford English Dictionary</i>
por.	- português
PR	- <i>Le Petit Robert</i>
rad.	- radical
RAE	- regra de análise estrutural
RCP	- regra de construção de palavras
REI	- regra de estrutura interna
Rv	- radical verbal

S / s.	- substantivo
Sb	- substantivo de base
V	- verbo
Vb	- verbo de base
°	- marca uma palavra possível não-atestada
*	- marca uma palavra agramatical
?	- marca um segmento sem estatuto sígnico

RESUMO

A presente tese concentra-se no estudo de empréstimos lingüísticos adotados do inglês pelo português do Brasil, mais especificamente de empréstimos morfossemânticos híbridos e de decalques lingüísticos, constituídos por formativos de origem latina.

O objetivo principal da tese foi analisar os aspectos morfológicos e semânticos da estrutura vernacular do empréstimo adotado, tendo em vista observações, no âmbito da morfologia lexical, de que as estruturas podem apresentar problemas relacionados com a constituição da sua estrutura interna, tais como a dificuldade de sobreposição da estrutura morfológica com a interpretação semântica, gerando formações com significado idiossincrático.

A análise dos dados concentrou-se na análise da estrutura morfolexical a partir dos princípios da abordagem lexicalista da morfologia lexical, em especial desenvolvidos por Danielle Corbin (1987, 1989, 1991, 1997 e a publicar), representante do modelo SILEX. A análise permitiu identificar estruturas analisáveis e estruturas parcialmente analisáveis com base em uma regra de construção de palavras do português, o que permitiu constatar que a estrutura vernacular produzida do empréstimo pode ser uma estrutura regular, mas também pode ser portadora de idiossincrasias identificadas na constituição de sua estrutura morfológica e resultantes da ausência de associatividade entre a estrutura morfológica e a interpretação semântica.

Tendo em vista os resultados obtidos com a análise dos dados, é possível afirmar que a estrutura vernacular, quer analisável ou parcialmente analisável, dispõe de propriedades essenciais (categoriais, semânticas, morfológicas, morfossintáticas principalmente) que permitem o seu uso como qualquer unidade lexical do português.

ABSTRACT

The present thesis intends to carry out an analysis concerning the linguistic borrowings adopted by Portuguese from English, which can be characterized as morphosemantic loanblendings and loanshifts as well as constituted by latin-originated formatives.

The main objective is to analyse the morphological and semantic aspects of the structure produced in Portuguese taking into consideration, within the scope of lexical morphology, that the structures can present problems related to their internal structure, such as the lack of associativity between morphological structure and meaning, which indicates an idiosyncratic formation.

The analysis was based on the morpholexical principles defined within the lexical framework mainly developed by Danielle Corbin (1987, 1989, 1991, 1997) model, named SILEX Model. The investigation was able to identify structures which are able to be analysed according to a Portuguese rule of word structure and as well as structures which are partially analysed. This means that the vernacular structure can be a regular one, but it also can have idiosyncrasies related to how their morphological structure was built and to the lack of association between morphological structure and meaning.

The results obtained with the analysis show us that the vernacular structure, analysable or partially analysable, has essential properties (categorical, semantic, morphological and morphosyntactic) and that allows it to be used as any other lexical unit of Portuguese.

INTRODUÇÃO

O português do Brasil adota da língua inglesa unidades lexicais por meio de três processos distintos: o primeiro tipo é o de importação (com substituição fonológica) da unidade lexical com forma tal qual no inglês; o segundo tipo é o de substituição, que permuta uma unidade lexical do inglês por outra do português, ou permuta as partes constituintes da unidade em inglês por constituintes do português, e o terceiro tipo é o de acréscimo de constituintes necessários na construção da estrutura em português.

Esses processos fazem parte do processo de vernaculização, cujo objetivo é tornar o empréstimo lingüístico passível de ser usado e reconhecido como qualquer outra unidade lexical do português.

A presente tese concentra-se no estudo das unidades lexicais complexas, mais especificamente das unidades sufixadas, compostas por base e sufixo(s). Além disso, estas unidades se caracterizam por terem sido originariamente formadas em inglês a partir de constituintes de origem latina ou por terem sido adotadas, pelo inglês, do latim diretamente ou pelas vias do francês.

A existência em português de uma unidade lexical cognata, ou de constituintes cognatos ao modelo em inglês, torna mais fácil o processo de vernaculização, porque, em alguns casos, observa-se a troca de um constituinte por outro. No entanto, essas unidades lexicais podem apresentar particularidades relacionadas à estrutura interna obtida durante o processo de vernaculização. Observam-se, em alguns casos, no nível da constituição da estrutura morfológica, dificuldades de identificação da base e de sua categoria lexical, assim como dificuldade de associar a interpretação semântica à estrutura morfológica.

O primeiro objetivo da tese originou-se, portanto, da intenção de compreender e de explicar a estrutura obtida no processo de vernaculização. Em conseqüência, pretendeu-se também investigar a possibilidade de identificar unidades lexicais

importadas analisáveis, quer dizer, unidades com estrutura morfológica e interpretação semântica associáveis.

A tese está dividida em sete capítulos, para além da Introdução, da Conclusão, das Referências Bibliográficas e Bibliografia e do Caderno de Anexos.

No capítulo 1, introduz-se a delimitação da pesquisa, apresentando-se o tema da tese, o objeto de estudo, o problema e os objetivos. São também apresentadas as etapas por meio das quais se almeja cumprir os objetivos, tendo em vista, em especial, o âmbito de análise morfolexical dos dados, que tem seus fundamentos teóricos na abordagem lexicalista da morfologia lexical, mais especificamente o modelo SILEX.

Nos próximos dois capítulos, capítulos 2 e 3, realiza-se um estudo teórico a respeito da morfologia lexical com o intuito de compreender a concepção de análise da estrutura interna de uma unidade lexical, assim como de identificar um modelo teórico que forneça suporte para a análise das unidades lexicais importadas sob estudo. No capítulo 2, realiza-se um breve estudo evolutivo, que se inicia na tradição clássica e vai até a gramática gerativa. No capítulo 3, discutem-se propostas alternativas às anteriores que, até então, apresentavam deficiências na análise da estrutura interna das unidades lexicais. Foram escolhidos trabalhos que se sucedem no tempo e que, de certa forma, tentam se superar, no sentido de proporem alternativas às deficiências de um modelo anterior. Os modelos, em termos cronológicos, são Halle (1973), Jackendoff (1975), Aronoff (1976) e Basílio (1980). Por último, apresenta-se o modelo SILEX, que é o modelo teórico que sustenta a análise procedida por esta tese.

No capítulo 4, tem-se o desenvolvimento da metodologia que intenciona, em uma primeira parte, explicar o motivo da recolha de dados em obras lexicográficas, as fontes e os procedimentos de recolha e de organização dos dados, assim como apresentar os critérios necessários para explicar como foram resolvidos problemas relacionados com a etimologia, mais especificamente a determinação da língua na qual uma unidade lexical foi construída. Uma segunda parte preocupa-se em apresentar os princípios que regem a análise morfolexical das unidades importadas e em esclarecer a

relação entre a informação semântica presente na definição lexicográfica e o significado composicional das unidades lexicais analisáveis.

No capítulo 5, tem-se a exposição das unidades lexicais importadas analisáveis segundo uma regra de construção de palavras do português. No capítulo 6, por outro lado, reúnem-se as unidades que não são passíveis de análise por meio de uma regra, apresentando-se o tipo de restrição que impede a sua analisabilidade.

No capítulo 7, apresentam-se as unidades lexicais importadas em termos do percurso de cada uma desde a sua língua de origem até a sua adoção pelo português do Brasil. Em seguida, apresentam-se as características do processo de vernaculização assim como os tipos de estruturas de vernaculização. Por último, são realizadas considerações acerca do caráter de unidade lexical atribuído à unidade lexical importada do inglês.

Cada capítulo conterà, no final, uma sinopse dos seus aspectos considerados mais relevantes e, na conclusão final, será realizado um levantamento das principais conclusões gerais da tese.

Há, ainda, um Caderno de Anexos, que é constituído pelos verbetes das unidades lexicais recolhidas nas seguintes obras lexicográficas: o *Dicionário eletrônico Aurélio século XXI*, o *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* e o *Oxford English Dictionary*. Neste anexo, faz-se uma reprodução parcial dos verbetes, isto é, não se reproduz o verbete por completo, mas apenas a(s) aceção(ões) sob análise.

As citações em língua estrangeira foram traduzidas para o português pela autora do presente trabalho e os originais encontram-se em notas de rodapé.

CAPÍTULO 1

DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

1.1 Introdução

Este capítulo delimita que o âmbito da pesquisa se concentra na morfologia lexical, com ênfase na análise da estrutura morfolexical das unidades lexicais importadas, mais especificamente empréstimos morfossemânticos híbridos e decalques lingüísticos, com constituintes de origem latina, adotados no português do Brasil pelas vias do inglês.

Apresentam-se o tema da tese, o objeto de estudo, o problema que inicialmente motivou o seu desenvolvimento, assim como os objetivos pretendidos pela tese. Foram elaboradas três hipóteses que apresentam proposições provisórias a respeito de uma possível explicação para o desenvolvimento dos objetivos.

A análise, cuja função é fornecer meios para a explicação dos objetivos, engloba dois expedientes, um preliminar e outro principal. O preliminar pretende definir os tipos de empréstimo lingüístico adotados pelo português. O principal, sustentado pelo quadro teórico do Modelo SILEX, intenciona proceder a uma análise da estrutura morfolexical do empréstimo, com a intenção de verificar se a estrutura obtida com a importação é analisável segundo as regras de construção de palavras do português.

1.2 Tema da tese e objeto de estudo

Nesta pesquisa, procuramos verificar que mecanismos morfológicos e semânticos atuam na estrutura de vernaculização de unidades lexicais estrangeiras, a partir do modelo estratificado e associativo de derivação lexical.

Esta pesquisa está no âmbito dos estudos de morfologia lexical, dedicando-se, especificamente, ao estudo de empréstimos lingüísticos adotados do inglês pelo português do Brasil, que se caracterizam por serem unidades lexicais que:

- i) são decalques do inglês formados por meio da substituição de formativos (elementos de construção de palavra), obtendo-se uma nova unidade lexical (*decalque morfológico*) ou uma unidade lexical já existente com novo significado (*decalque semântico*), ou
- ii) são unidades lexicais híbridas (*empréstimo morfossemântico híbrido*), que se constituem de um formativo estrangeiro e de outro vernacular;
- iii) têm em i) e ii) formativos, que podem ser bases e/ou afixos, de origem latina.

Estes tipos de empréstimos lingüísticos representam, de modo geral, uma estrutura vernacularizada formada a partir de uma estrutura em inglês e têm a aparência de ser unidades lexicais genolexicais, quer dizer, formadas originalmente em português.

1.3 O problema

A motivação da pesquisa originou-se da observação de que:

- i) as unidades lexicais sob análise parecem genolexicais, mas não foram construídas originalmente em português;
- ii) a existência em português de constituintes cognatos, latinos, aos formativos que constituem a unidade lexical em inglês facilita o processo de adoção dos empréstimos em português;
- iii) algumas unidades lexicais não são associáveis, quer dizer, não há sobreposição de sua estrutura morfológica com a interpretação semântica.

A facilidade de adoção é, muitas vezes, aparente, porque as regras existentes no componente lexical do português podem não ser capazes de analisar a estrutura importada, mesmo após a substituição por formativos cognatos em português.

No processo de adoção do empréstimo, é possível observar a ocorrência dos seguintes problemas no âmbito da morfologia lexical do português:

1) junção de formativos sem ter em conta a estrutura interna, com apenas a construção de réplicas daquelas unidades que vêm do inglês;

2) dificuldade em determinar a palavra, o radical ou o tema a partir dos quais a nova unidade foi formada, não havendo, em alguns casos, informações redundantes que permitem estabelecer as relações lexicais, necessárias em uma unidade lexical complexa, entre a base, por exemplo, e a unidade supostamente derivada;

3) em consequência dos itens 1 e 2, possibilidade de construção de novas unidades lexicais complexas que não são passíveis de análise pelas regras existentes no componente lexical do português;

4) dificuldade de sobreposição da estrutura morfológica com a interpretação semântica, gerando formações com significado idiossincrático.

Alguns exemplos

Amostra 1:

Ing. (inglês) *impedance* => por. (português) *impedância*

A pergunta que se coloca é se o decalque morfológico *impedância*, cujo significado no Aurélio (AE) é:

Impedância [Do ingl. *impedance* < (to) *impede*, 'impedir', + ingl. *-ance* (v. *-ância*).] S. f. Eng. Elétr. 1. Quociente entre a amplitude de uma tensão alternada e a amplitude da corrente que ela provoca em um circuito [símb.: *Z*]. AE

poderia ser considerado uma unidade lexical analisável a partir do radical *imped-* e do sufixo *-(a)ncia*?

Impedância é um decalque morfológico que se caracteriza por ter a sua forma estrangeira original substituída completamente por formativos do português: *imped-* foi substituído pelo formativo cognato *imped-* e o sufixo *-ance* pelo correspondente *-(a)ncia*.

O problema é que o segmento *imped-*, isolado formalmente em *impedância*, não tem nenhuma relação semântica com o radical preso *imped-* ‘impedir de andar, travar; embarçar, estorvar’ (Houaiss Eletrônico, 2001) do léxico do português. Não é possível afirmar que *imped-*, no português, reincide em *impedância*. O segmento *-(a)ncia* também está relacionado de modo parcial com o sufixo *-ncia* em português, porque existe entre estes apenas uma relação formal, mas não semântica: o sufixo *-ncia* está presente em substantivos deverbais de ação, parafraseáveis por ‘ação ou resultado da ação, estado’. A unidade lexical *impedância* não pode, no entanto, ser analisada como substantivo deverbal de ação. Em *impedância*, não é, portanto, possível identificar uma estrutura morfológica que seja compatível com o significado atestado.

Amostra 2:

Ing. *pressurize* => por. *pressurizar*

Pressurizar, com o significado de:

Pressurizar [Adapt. do ingl. (to) *pressurize*.] V. t. d. 1. Manter por processos mecânicos pressão aproximadamente normal dentro de um espaço hermeticamente fechado em (veículos ou cabinas destinados a funcionar em grandes altitudes ou a grandes profundidades). AE

pode ser considerada uma unidade lexical analisável a partir de *pressur-* e *-iz(ar)*?

A unidade lexical *pressurizar* pode ser considerada um empréstimo morfossemântico híbrido, porque ocorre a substituição parcial dos formativos da unidade lexical estrangeira: mantém-se o segmento estrangeiro *pressur-* e substitui-se o sufixo *-ize* pelo correspondente cognato em português *-iz(ar)*.

O segmento *pressur-*, isolado formalmente, não tem, no léxico do português, um significado. O segmento *-iz(ar)* pode ser relacionado de modo parcial com o sufixo *-iz(ar)* em português, porque existe apenas uma relação formal, mas não semântica: o sufixo *-iz(ar)* ocorre em verbos denominais ou deadjetivais parafraseáveis por ‘transformar(-se) em X, prover de X’, ‘causar X’.

Tendo em vista as estruturas com o sufixo *-iz(ar)* em português, as propriedades formais, sintáticas e semânticas de *pressurizar* não são inteiramente dedutíveis dos segmentos *pressur-* e *-izar*. *Pressur-* não é uma base atestada, não é passível de categorização e não tem significado propriamente recorrente .

Em português, não existe uma regra que permitirá deduzir as propriedades de *pressurizar*, porque o modelo de sua formação encontra-se no inglês. Marchand (1969, p. 320) apresenta cinco tipos semânticos de formações com o sufixo *-ize* em inglês. *Pressurize* pode ser relacionado com o terceiro tipo, que objetiva formar verbos com o significado de: “subject to the action, treatment, or process of ___” (submeter à ação, tratamento ou processo de X), como em *propagandize, hospitalize, radiumize, scrutinize, terrorize*. A paráfrase de *pressurize* pode ser assim formulada: ‘subject to the action of pressure’ (submeter à ação de pressão).

1.4 Objetivos da pesquisa

O empréstimo lingüístico sob análise é considerado uma unidade lexical em português, no sentido de que a unidade, como um todo, é um signo e é portadora de uma categoria lexical que lhe permite ocupar, nos enunciados, uma posição de núcleo sintagmático.

No entanto, esta unidade pode apresentar particularidades relacionadas com a constituição de sua estrutura interna, tal como apresentado no item 1.2. O objetivo primeiro deste estudo é, conseqüentemente, entender e explicar a estrutura formada no âmbito da morfologia lexical do português.

A hipótese para a razão de problemas está relacionada com a construção de uma estrutura sem observação do funcionamento das regras de construção de palavras em português, o que, por consequência, cria unidades lexicais com ausência de associatividade entre a estrutura morfológica e a interpretação semântica, ocasionando dificuldades para se estabelecer as relações lexicais entre uma unidade de base e uma unidade derivada, assim como para realizar uma operação de cálculo do significado previsível.

Relacionados com o objetivo primeiro, há outros objetivos que se derivaram dos questionamentos em relação à constituição da estrutura interna das unidades lexicais importadas, que são:

- i) identificar se são possíveis unidades lexicais importadas analisáveis, quer dizer, unidades com estrutura morfológica e interpretação semântica associáveis;
- ii) compreender o que se pretende com a constituição da estrutura importada, com base na questão: seriam pretensões referentes unicamente à construção da estrutura morfológica para o provimento de propriedades de ordem categorial e morfossintática, sem levar em consideração a interpretação semântica?

A hipótese em i) é a de que há unidades lexicais importadas passíveis de serem analisadas segundo uma regra de construção de palavras do português; a hipótese em ii) é a de que a pretensão da constituição da estrutura da unidade importada é provê-las de propriedades essenciais, quais sejam, propriedades categorial, morfológica, morfossintática (gênero), semântica e pragmática, em detrimento, muitas vezes, da associatividade entre estrutura morfológica e interpretação semântica, para que a unidade possa ser reconhecida como unidade lexical do português.

1.5 O que se pretende provar com a tese?

Pretende-se provar as hipóteses apresentadas acima, quais sejam, a hipótese principal e as derivadas em (i) e (ii), respectivamente:

- que pode haver problemas de depreensão da estrutura morfológica e do significado de uma unidade lexical por causa da falta de observância das regras de construção de palavras em português e da ausência de associatividade na constituição da estrutura interna do empréstimo;
- que pode haver estruturas analisáveis segundo uma regra de construção de palavras do português,
- que é recorrente a intenção de permitir que a unidade lexical importada possa expressar as propriedades que permitem o seu uso como qualquer outra unidade lexical em português, com a atribuição de propriedades essenciais, como categorial, morfológica, morfossintática (de gênero), semântica e pragmática.

1.6 Etapas para a explicação dos objetivos

Há duas etapas que conduzem à explicação dos objetivos:

- a primeira é uma etapa preliminar, desenvolvida a seguir, que está relacionada com a compreensão do processo por meio do qual se deu a acomodação da unidade lexical importada, assim como com a definição dos tipos de empréstimos sob estudo.

- a segunda e principal etapa está relacionada com a análise da estrutura interna das unidades lexicais importadas a partir dos princípios que regem a análise da estrutura interna das unidades lexicais em português, com base em um modelo teórico de abordagem lexicalista.

1.6.1 Acomodação do empréstimo lingüístico

Haugen (1953) define o empréstimo lingüístico como um processo e não como um estado, apesar de reconhecer que os termos usados para a sua discussão objetivaram descrever o seu resultado ao invés do seu processo. Haugen (1953, p. 212) define o empréstimo como um processo que envolve uma reprodução e afirma que qualquer tentativa de analisá-lo implica a comparação do padrão original com a sua imitação:

Devemos chamar o padrão original de MODELO e reconhecer que o empréstimo pode ser mais ou menos semelhante a este. (...) Se o empréstimo é semelhante ao modelo a ponto de um falante nativo aceitá-lo como seu, diz-se que o falante do empréstimo IMPORTOU o modelo para a sua língua, considerado uma inovação nessa língua. Mas, quando a reprodução do modelo é feita inadequadamente, ele normalmente realiza uma SUBSTITUIÇÃO por um padrão semelhante em sua própria língua.¹

No que se refere à substituição, Haugen (1953, p. 213) acrescenta que esta é um fenômeno comum e que, nestes casos, o falante bilíngüe realiza uma operação de lingüística comparativa. O autor afirma que a substituição engloba constituintes da flexão e da formação de palavras, e cita um exemplo do português:

Quando em português americano o falante substitui o sufixo agentivo *-er* em inglês *boarder* pelo sufixo *-o*, produzindo *bordo*, ele dá provas de que reconhece a equivalência entre os dois sufixos. Ele não seria capaz de

¹ We shall call the original pattern the MODEL, and recognize that the loan may be more or less similar to it. (...) If the loan is similar enough to the model so that a native speaker would accept it as his own, the borrowing speaker may be said to have IMPORTED the model into his own language, provided it is an innovation in that language. But in so far he has reproduced the model inadequately he has normally SUBSTITUTED a similar pattern from his own language.

explicá-la, mas seu comportamento é a prova de uma reação complexa que, para sermos breves, podemos chamá-la de ‘mental’, embora dificilmente tenha sido consciente. É tarefa do lingüista explicitar o procedimento realizado pelo falante [...].²

Humbley (1974, p.59) observa que, no processo de substituição, a comparação das estruturas, tendo em vista a semelhança formal da palavra na língua de origem com a palavra na língua recebedora, é um procedimento usual que tende a facilitar a adoção. Humbley denomina este procedimento de analogia formal. Segundo o autor:

[...] é normal que haja uma analogia formal para ativar a transferência sêmica. Isto quer dizer que uma palavra da L2 (língua de origem) se parece com uma palavra da L1 (língua de acolhimento) no plano formal, e possui também ao menos um sema em comum; o empréstimo de um segundo sema será favorecido.³

A criação analógica é representada como uma operação análoga ao cálculo da quarta proporcional, como ilustrado a seguir:

	Inglês	:	Português		
MODELO	Xtion	:	Xção		
Ex.	communication	:	comunicação	=	estivation : X
					X = estivação

² Yet when an AmPort. speaker substitutes the agent suffix *-o* for English *-er* in *boarder*, producing *bordo*, he is giving evidence he recognizes the equivalence between the two suffixes. He would not be able to formulate it, but his behaviour is evidence of some kind of complex reaction which for brevity's sake we may as well call 'mental', though it can hardly have been conscious. It is the linguist's task to make the speaker's procedures explicit [...].

³ Il est plus normal qu'il y ait une analogie formelle présente pour déclencher le transfert sémique. C'est-à-dire que lorsqu'un mot de la langue 2 ressemble à un mot de la langue 1 sur le plan formel et possède en outre au moins un sème en commun, l'emprunt d'un deuxième sème éventuel est favorisé.

(leia-se: *communication* está para *comunicação*, assim como *estivation* está para *estivação*)

As estruturas *Xtion*, em inglês, e *Xção* em português são estruturas semelhantes formalmente, porque são compostas por um constituinte na posição de base (X) e por um sufixo cognato, característico de construções substantivas em ambas as línguas. Tal fato favorece a realização de uma analogia formal, facilitando a produção de estruturas que, muitas vezes, parecem ter sido construídas em português, mas são cópias de uma estrutura não construída originalmente em português.

Neste trabalho, as unidades lexicais importadas foram formadas originalmente em inglês, em francês ou em latim, mas entraram em português pelas vias do inglês. Com o intuito de acomodar a unidade lexical importada de modo a torná-la uma unidade como qualquer outra unidade do léxico do português, produziu-se uma estrutura vernacular tendo em vista dois tipos de motivação:

- a) a semelhança formal da estrutura da unidade lexical em inglês e em português;
- b) o fato de o português dispor, em muitos casos, de constituintes cognatos aos constituintes em inglês.

1.6.1.1 O empréstimo como produto: tipos de empréstimo

Entre os diversos tipos de empréstimos lingüísticos existentes, este estudo investigou somente os empréstimos morfossemânticos híbridos e os decalques lingüísticos, tanto morfológicos como semânticos, com formativos latinos, que entraram no português do Brasil por meio do inglês, pois os empréstimos com estas características aparentam ser estruturas vernaculares e genolexicais em português.

A seguir, serão apresentadas as definições pontuais do empréstimo como produto, tendo em vista os estudos de Loubier (2003), Lerat (1987, 1988) e Correia (2004a).

O empréstimo como produto é o resultado obtido a partir do processo de reprodução. Neste trabalho, o produto obtido pode ser classificado como pertencente a duas tipologias distintas: o empréstimo morfossemântico híbrido e o decalque lingüístico.

O empréstimo morfossemântico híbrido resulta, na definição de Loubier (2003, p. 26), de “uma transferência parcial da forma de uma unidade lexical estrangeira. O empréstimo híbrido constitui uma forma mista onde os traços morfológicos pertencentes a línguas diferentes são reunidos”⁴. Os tipos mais correntes são:

- adaptação sufixal (acréscimo de um sufixo pertencente à língua recebedora ou substituição do sufixo estrangeiro). Os exemplos citados por Loubier (2003) são do francês: *watcher, flasher, scanner* (de *to watch, to flash* e *to scan*), que são exemplos de acréscimo; *dopage, listage e caravanage* (de *doping, listing* e *caravaning*), que servem de exemplo para a substituição.

- empréstimo de um dos elementos de uma unidade lexical complexa estrangeira. Os exemplos do francês são: *adresse e-mail* (de *e-mail address*), *planning d’exploitation* (de *operational planning*).

Quanto ao decalque lingüístico, Loubier (2003, p.27) afirma que este é primeiramente um empréstimo semântico, isto é, um “empréstimo lexical que resulta

⁴ [...] d’un transfert partiel de la forme d’une unité lexicale étrangère. L’emprunt hybride constitue une forme mixte où des traits morphologiques appartenant à des langues différentes sont réunis.

de uma **transferência de significado** de uma unidade lexical estrangeira para a língua receptora”⁵. Pode ser de dois tipos: decalque semântico e decalque morfológico.

O decalque semântico é um “empréstimo semântico cuja **forma estrangeira é traduzida e substituída por uma forma já existente** na língua receptora”⁶. Servem de exemplo ocorrências como *agenda* (conjunto de questões ou assuntos a serem tratados), *inteligência* (serviço de informação), etc.

O decalque morfológico, por outro lado, é um “empréstimo semântico cuja forma estrangeira é **traduzida e substituída** na língua receptora por uma **forma nova que imita o modelo morfossintático estrangeiro** e reproduz mais ou menos exatamente a imagem veiculada pela língua estrangeira”⁷. Servem de exemplo ocorrências como *fisicalismo*, *internalizar*, *terapista*, etc.

No que se refere aos empréstimos lingüísticos procedentes da língua inglesa mas construídos com formativos de origem latina, Lerat (1988, p. 485) propõe a denominação *anglolatínismo* e os define como “uma variante de uma palavra inglesa tomada de empréstimo mediante a sua acomodação, visível ou invisível à gramática das línguas românicas”⁸. Lerat afirma que os produtos desta tipologia são derivados analógicos, a seguir delimitados:

a) séries prefixais e sufixais apresentando paralelismos cômodos, bem conhecidos e explorados espontaneamente pelos tradutores. Ex: ing. *conversational* / fr. *conversationnel* / it. *conversazionale* / esp. *conversacional* / por. *conversacional*.

⁵ [...] emprunt lexical qui résulte d’un transfert de sens d’une unité lexicale étrangère dans la langue emprunteuse.

⁶ [...] emprunt sémantique dont la forme étrangère est traduite et remplacée par une forme déjà existante dans la langue emprunteuse.

⁷ [...] emprunt sémantique dont la forme étrangère est traduite et remplacée dans la langue emprunteuse par une forme nouvelle qui imite le modèle morphosyntaxique étranger et reproduit plus ou moins exactement l’image véhiculée par la langue étrangère.

⁸ [...] une variante d’un mot anglais emprunté au prix d’une <accommodation> visible ou invisible conforme à la grammaire des langues romanes.

b) a analogia é exercida de língua românica a língua românica do mesmo modo, seja a origem angloamericana ou não.

Estes derivados analógicos podem, segundo Lerat, apresentar uma motivação morfológica na língua de acolhimento. Isto quer dizer que seria possível reconhecer os elementos que os compõem. Apoiando-se em Saussure, Lerat afirma que a palavra tomada de empréstimo não conta mais como tal quando estudada no seio do sistema da língua de acolhimento. Ao entrar nessa língua, o que importa é a relação e a oposição que a palavra importada terá com as palavras a elas associadas, tal como qualquer outro signo autóctone.

Lerat defende, portanto, a existência de uma “motivação internacional” entre as línguas românicas, no caso dos anglolatinismos, haja vista serem unidades lexicais construídas em inglês, mas que recorrem a componentes de origem latina e às regras próprias das línguas românicas⁹.

Lerat (1987, p. 485) considera que os anglolatinismos são “um recurso interessante, quando possível, e recomendável porque respeita os recursos da língua de acolhimento favorecendo ao máximo a força do intercâmbio”¹⁰.

Para finalizar, Correia (2004a, p. 103-104), partindo da discussão a respeito da motivação morfológica, apresenta um novo quadro de tipos de empréstimos lingüísticos ou das importações, termo preferido pela autora. A inovação da proposta de Correia advém do fato de a autora propor um tratamento dos empréstimos dentro de um quadro teórico da morfologia lexical, mais especificamente o modelo SILEX.

Correia considera as importações como unidades lexicais que passam a fazer parte do componente lexical da gramática da língua recebedora. As importações

⁹ A questão da existência de motivação morfológica nas unidades lexicais importadas é essencial para este trabalho, uma vez que têm implicações para determinar se a estrutura interna da unidade lexical pode ser analisada, mesmo que parcialmente, na língua de acolhimento.

¹⁰ [...] une ressource plus heurieuse quand elle est possible, et donc recommandable parce qu'elle respecte les ressources de la langue d'accueil tout en favorisant au maximum la force d'intercourse.

ocupam, neste componente, um nível determinado conforme o grau de informação, ou de motivação morfológica, contido na estrutura interna da unidade lexical.

Desse modo, Correia (2004a, p. 103-104) divide as importações em três conjuntos:

- 1) **alógenas de fato**, isto é, unidades opacas que não apresentam motivação morfológica; são unidades, provenientes, em geral, de línguas não-românicas e que, por isso mesmo, apresentam uma estrutura fonológica, morfológica, sintática e/ou semântica diferente do português, bem como particularidades ortográficas que pouco têm a ver com as convenções desta língua;
- 2) **parcialmente alógenas**, isto é, unidades que apenas parcialmente se assemelham à estrutura da língua de acolhimento;
- 3) **não-alógenas**, isto é, unidades cuja estrutura se adéqua ao modelo de estrutura interna da língua de acolhimento.

Nesse conjunto, Correia (2004a, p. 103-104) associa: i) as unidades *alógenas de fato* às unidades opacas, quer dizer, unidades que são tratadas como palavras de estrutura simples; ii) as unidades *parcialmente alógenas* às palavras complexas não-construídas, quer dizer, palavras que apenas parcialmente se assemelham à estrutura da língua de acolhimento; iii) as *unidades não-alógenas* às palavras analisáveis conforme uma regra de construção de palavras na língua de acolhimento.

1.6.2 O modelo teórico

A análise da unidade lexical importada requer um modelo teórico que estabeleça princípios para a análise da estrutura interna das palavras, com ênfase no modo como se deu a construção da estrutura morfológica e da interpretação semântica.

As bases teóricas dessa pesquisa provêm de abordagens lexicalistas da morfologia lexical, em especial Danielle Corbin (1987, 1989, 1991, 1997 e a publicar¹¹), representante do modelo SILEX, que é um modelo de morfologia construcional concebido e desenvolvido por esta autora, bem como pelos investigadores, estudantes e membros associados do centro de investigação SILEX (Syntaxe, Interprétation et LEXique – UMR do CNRS) sediado na Universidade de Lille III (França).

A abordagem lexicalista do modelo SILEX adota como fundamentais os princípios da associatividade e da estratificação, explicados com detalhe no capítulo 3. Além disso, o modelo fornece recursos que muito auxiliam a análise da estrutura morfolexical de estruturas complexas, como a aceitação de bases não-autônomas e bases possíveis e a proposição de regras de estrutura interna para a análise de estruturas compostas por constituintes que não têm natureza sígnica e, conseqüentemente, não portadoras de significado. Estes recursos, portanto, incrementam o potencial de análise morfolexical das unidades lexicais importadas.

O modelo não se considera cristalizado, tendo sofrido diversos aperfeiçoamentos, dos quais estas datas marcam as suas diferentes versões, apresentadas com mais detalhe no capítulo 3: a) 1987, versão inicial; b) 1991, versão intermédia e c) a publicar, versão mais recente.

1.7 Síntese do capítulo

O objeto de estudo desta pesquisa são os empréstimos lingüísticos adotados do inglês pelo português do Brasil, que se caracterizam por serem ou um *empréstimo morfossemântico híbrido* ou um *decalque lingüístico* e por terem origem latina ou

¹¹ Esta obra ainda permanece inédita. Não foi possível, portanto, ter acesso direto a esta obra, embora tenha sido possível conhecer, de modo indireto, o seu conteúdo por meio de Correia (1999).

serem constituídos por formativos (bases ou afixos) de origem latina. A estrutura interna desses empréstimos lingüísticos pode apresentar problemas relacionados com a dificuldade de associação entre a estrutura morfológica e a interpretação semântica da nova unidade lexical. O primeiro objetivo da pesquisa é, conseqüentemente, descobrir a razão deste problema.

Por conseqüência surgiram dois objetivos derivados: o primeiro preocupa-se em verificar a possibilidade de as unidades lexicais importadas serem analisáveis segundo regras de construção de palavras do português. O segundo em compreender o que se pretende com a constituição da estrutura importada para que esta possa ser usada como qualquer outra uma unidade lexical em português. Foram elaboradas hipóteses que indicam proposições provisórias de explicação dos objetivos.

A pesquisa pretende, conseqüentemente, provar essas hipóteses por meio de uma investigação que inclui dois expedientes: a compreensão do processo de acomodação e a análise da estrutura interna do empréstimo segundo os princípios desenvolvidos pelo quadro teórico do Modelo SILEX.

CAPÍTULO 2

ESTUDO EVOLUTIVO DA MORFOLOGIA DERIVACIONAL

2.1 Introdução

O objetivo central deste capítulo é compreender a concepção de morfologia derivacional na tradição clássica, no estruturalismo e na gramática gerativa com a Hipótese Lexicalista, na década de 70, com o intuito de verificar, ao longo dessas escolas, como é realizada a análise morfolexical de uma unidade lexical.

2.2 A morfologia na tradição clássica e no historicismo

Na tradição clássica, os gramáticos-filósofos gregos desenvolveram, para a análise das palavras, o modelo Palavra e Paradigma, que se caracteriza por concentrar seus esforços na morfologia flexional, preocupando-se em descrever e fixar paradigmas. As palavras são consideradas unidades mínimas, quer dizer, todos indivisíveis, na análise lingüística; o termo “paradigma” se refere ao esquema de variações acidentais de forma que diferentes classes de palavras apresentam, dentro de condições contextuais específicas.

Neste contexto, não havia lugar para a morfologia derivacional. Esta situação foi praticamente mantida até o século XIX quando o interesse na estrutura das palavras aumentou sob a influência da gramática de Panini, datada aproximadamente entre 520-460 a.C., que analisa as palavras em termos de sua estrutura interna, e de estudos sob a perspectiva diacrônica, encabeçada pela gramática histórica, especialmente com os estudos de reconstrução do indo-europeu utilizando o método comparativo. Em 1816, Franz Bopp publicou os resultados de um estudo que apoiava a descoberta, originalmente feita por William Jones em 1786, de que o sânscrito, latim, persa e as

línguas germânicas descendiam de um ancestral comum. Bopp comprovou seu estudo a partir da comparação das terminações gramaticais das palavras nestas línguas.

O interesse da gramática histórica pela constituição das palavras é, no entanto, questionado. Segundo Rocha (1999, p.26), este interesse era apenas superficial, porque o comparativismo ainda estava dominado pelos ideais clássicos e confinado à perspectiva histórica que, na realidade, dificultava o estudo do vocábulo em formação em virtude de se ater a dados cristalizados.

2.3 A morfologia derivacional no estruturalismo

O estruturalismo, uma das escolas dominantes da lingüística na primeira parte do século XX, definia a morfologia derivacional como a parte da gramática de uma língua que descreve a formação e estrutura das palavras em oposição à flexão, que se refere a variações sintaticamente condicionadas na forma das palavras.

Nos estudos estruturalistas, o estudo da estrutura das palavras se limitava a uma listagem de elementos morfológicos e suas possibilidades de combinação em gramáticas particulares. O morfema era reconhecido como unidade mínima e este reconhecimento fez com que os lingüistas deste período não deixassem de lado a estrutura interna das palavras, como atesta Basílio (1980, p. 25).

O modelo de referência deste período é conhecido como Item e Arranjo e foi sistematizado inicialmente por Bloomfield (1933) em *Language*, nos capítulos sobre gramática, principalmente. Essa sistematização serviu de ponto de partida para que outros investigadores desenvolvessem o referido modelo, especialmente Harris e seus estudantes: Bloch, Wells e, mais tarde, Nida, tal como observado por Hockett (1954, p. 213).

Para Hockett (1954, p. 212) a essência desse modelo é:

falar de maneira simples das coisas e dos arranjos em que estas coisas ocorrem (Harris 1944; Bloch 1947, Harris 1945b, Harris 1942). Assume-se que qualquer enunciado em uma dada língua consiste de um certo

número de elementos mínimos relevantes à gramática, chamados de morfemas, dispostos em um arranjo específico. A estrutura do enunciado é especificada estabelecendo os morfemas e o arranjo. O padrão da língua é descrito se listamos os morfemas e os arranjos em que ocorrem nos enunciados – acrescentando informações para tratar das formas fonêmicas que aparecem em combinação.¹²

Reconhecia-se, portanto, que as palavras tinham uma estrutura interna e que, diferentemente da análise lingüística na tradição clássica que tratava a palavra como a unidade básica da teoria gramatical, a análise lingüística no estruturalismo considera que as palavras são analisáveis em termos de morfemas. Os morfemas, por sua vez, são as menores unidades de significado lexical e gramatical. Na concepção estruturalista, o objetivo, portanto, era o estudo dos morfemas e dos seus arranjos para formar palavras. A morfologia passa, desse modo, a ter um nível separado dentre os demais níveis de análise lingüística (fonológico, sintático e semântico), ordenados em hierarquia, com a fonologia no início e a semântica no fim.

O estudo estruturalista é de natureza sincrônica e focaliza a estrutura da palavra em um determinado estado da vida de uma língua, ao invés de se deter no estudo da evolução das palavras e formas, tal como era o enfoque da gramática histórica. Para realizar esse tipo de análise, foram estabelecidas novas técnicas que visam à depreensão dos morfemas.

O princípio primordial que sustenta a análise é o princípio da oposição lingüística, quer dizer, a circunstância de que cada elemento lingüístico tem valor e individualidade à medida que se opõe a outro elemento. Para exemplificar este princípio, utilizamos um exemplo de Câmara Jr. (1973, p. 43) no nível da fonologia: a

¹² The essence of IA is to talk simply of things and the arrangements in which those things occur (Harris 1944, section 5, esp. end of page 203; Bloch 1947, introductory remarks; Harris 1945b; Harris 1942). One assumes that any utterance in a given language consists wholly of a certain number of minimum grammatically relevant elements, called morphemes, in a certain arrangement relative to each other. The structure of the utterance is specified by stating the morphemes and the arrangement. The pattern of the language is described if we list the morphemes and the arrangements in which they occur relative to each other in utterances – appending statements to cover the phonemic shapes which appear in any occurrent combination.

consoante sonora /b/ somente existe porque se opõe lingüisticamente a outra não-sonora, ou surda, como /p/, que afora esse traço distinto, se articula pelo mesmo movimento e no mesmo ponto bucal que /b/. Rio-Torto (1998a, p. 45), por outro lado, apresenta exemplos de constituintes sufixais em oposição: *chuvada, chuvoso, chuveiro* ou *real, realista, realíssimo, realeza, realidade, realizar* ilustram, pelas diferenças semânticas aduzidas pelos sufixos, este princípio¹³.

Na descrição da estrutura das palavras, Hockett (1954, p. 218) observa a existência de uma hierarquia na descrição da ordem de associação dos constituintes e afirma que o analista poderá ser capaz de determinar os constituintes e a sua ordem linear, mas não será necessariamente capaz de determinar a ordem de associação, a estrutura CI (constituintes imediatos) ou estrutura hierárquica do enunciado. Hockett ilustra esse problema com um exemplo do inglês, no qual a forma complexa *old men and women* pode ser construída de duas maneiras:

- (i) colocando ‘old’ (forma 1) e ‘men’ (forma 2) juntos e acrescentando posteriormente ‘women’ (forma 3), obtemos a estrutura $E = (F1F2) F3$; ou
- (ii) colocando ‘men and women’ juntos e acrescentando ‘old’ ao todo, obtemos a $E = (F2 F3) F1$.

Por meio deste exemplo, é possível observar um reconhecimento implícito da necessidade de se descrever estruturas em níveis hierárquicos diferentes devido a uma diferença semântica, embora seja conveniente ressaltar que a análise semântica era considerada secundária na análise estruturalista.

O estruturalismo conserva, especialmente no que se refere à descrição da estrutura interna das palavras, um caráter primordialmente concatenatório, quer dizer, de depreender uma forma após a outra, atribuindo importância secundária à semântica

¹³ Rio-Torto (1998a, p. 45) faz uma transposição do princípio das oposições, consagrado pela fonologia estruturalista, para o setor morfolexical, apresentada a seguir: “Se dois constituintes que ocorrem no mesmo contexto intralexical são substituíveis um pelo outro e se dessa substituição resultar uma alteração semântica ou semântico-referencial sistematicamente relevante, esses constituintes são duas unidades em oposição distintiva entre si”.

e não investigando elementos regulares e previsíveis que poderiam ter provocado a união das formas. Chomsky (1957) *apud* Basílio (1980, p. 26) observou que o reconhecimento pelo estruturalismo de seqüências impossíveis de terem um significado específico, tais como -ceb em *conceber, receber, perceber*, etc; -fer em *referir, conferir, diferir*, e assim por diante, nos leva à não-diferenciação entre morfemas e seqüências fônicas¹⁴.

Corbin (1987, p. 103) critica este tipo de morfologia, chamado por ela de morfologia concatenatória, e elabora um resumo de seus princípios:

1. Trata-se de uma morfologia linear, não hierarquizada.
2. Suas regras eventuais são descritivas e não previsíveis.
3. A análise das palavras complexas se efetua na superfície, tal como aparecem em evidência.
4. As palavras complexas são analisadas em elementos formadores que são acrescentados um após o outro, sem outros condicionantes que não os da concatenação.
5. Esta morfologia caracteriza-se pela ausência de condicionantes na categoria lexical de base; a categoria do derivado é tratada como um dado imediato do léxico atestado.
6. Os afixos são identificados formalmente e não por meio das propriedades que estes conferem às palavras construídas.
7. A análise semântica é independente da análise formal, geralmente secundária em relação a esta.
8. Trata-se de uma análise parcial, em que é suficiente identificar no eixo paradigmático um segmento em uma palavra para a qualificar como palavra construída.

2.4 A morfologia derivacional na gramática gerativa

2.4.1 O Modelo-Standard: A Hipótese Transformacionalista

Dentro do quadro da gramática gerativo-transformacional em meados dos anos 50, a morfologia derivacional foi ignorada por aproximadamente vinte anos. A razão

¹⁴ Como se verá adiante, Aronoff (1976) considera que o morfema não tem, necessariamente, estatuto de signo lingüístico.

para esse comportamento deveu-se ao fato de a lingüística pós *Syntactic Structures* (Chomsky, 1957) ver fonologia e sintaxe em todo lugar, deixando a morfologia perdida em algum lugar entre as duas.

Basílio (1980, p. 26) comenta que neste modelo o léxico é definido como:

Uma lista não ordenada de entradas lexicais, ou conjuntos de traços fonológicos, sintáticos e semânticos que definem cada item lexical. Nesta abordagem, leva-se em consideração cada palavra como um todo, não havendo, pois, lugar para uma morfologia derivacional conforme é definida tradicionalmente.

Na gramática transformacional, duas orações, ou parte delas, relacionadas no significado, mas diferentes no que se refere à ordem dos elementos ou à presença *versus* ausência de alguns morfemas, eram relacionadas por meio de uma transformação.

Bauer (2003, p. 166) ilustra essa relação com o exemplo clássico da transformação passiva:

(1) The fat cat swallows the milk.
The milk was swallowed by the fat cat.

Estas duas orações, obviamente relacionadas no significado, eram relacionadas pela forma por meio de uma série de operações que poderiam ser generalizadas e resumidas em uma regra transformacional do seguinte tipo:

(2) SN V+ tempo SN
1 2 3 4 → 4 Be + 3 2 + ed By 1

Esta regra muda a ordem dos elementos numerados 1, 2, 3 e 4, mas também especifica o morfema {particípio passado} (por meio do *ed* em (2)) e os lexemas BE e BY. É neste quadro que as derivações, mais especificamente as nominalizações,

consideradas um processo derivacional geral, são estudadas, em especial por Lees (1960) utilizando a abordagem gerativo-transformacional. Pares como (3):

- (3) Robin is devoted to her mother.
Robin's devotion to her mother.

eram derivados a partir de uma estrutura comum subjacente por meio de um conjunto de regras transformacionais, sendo que na derivação da segunda teríamos a operação de uma regra transformacional de nominalização.

Basílio (1980, p. 26) explica que:

O tratamento transformacional de nominalizações, conhecido como hipótese transformacionalista, permite evitar a redundância na listagem de itens lexicais: as formas nominalizadas dos verbos são eliminadas do léxico. Por outro lado, este tratamento reduz o número de regras categoriais, porquanto as características estruturais de frases nominais são definidas por regras transformacionais de nominalização. Finalmente, este tratamento dá conta da correspondência semântica entre sentenças verbais e seus correlatos nominais.

No entanto, havia problemas com esse tipo de abordagem, pois casos como *destruction*, *marriage* e *trial*, discutidos em Chomsky (1970), eram irregulares, tanto na semântica como na morfologia, e era fundamental que as transformações não mudassem de significado. A irregularidade semântica deve-se ao fato de não haver a mesma mudança de significado entre o verbo e a nominalização em cada caso. Isso quer dizer que a relação semântica entre *destroy* e *destruction* não é a mesma do que a que existe entre *marry* e *marriage* ou *try* e *trial*. Caso estas transformações derivadas fossem criadas por transformações sintáticas, estas estariam quebrando um condicionamento da regra. Foi considerado, portanto, que as nominalizações não eram criadas pelas mesmas regras que as outras transformações.

Com Basílio (1980, p. 27), concluímos que a hipótese transformacionalista não é suficiente para descrever os fenômenos derivacionais em vários aspectos:

Em primeiro lugar, apenas processos derivacionais gerais podem ser tratados por meio de transformações, de modo que todos os processos sub-regulares do léxico são deixados de lado. Em segundo lugar, o tratamento transformacional de nominalizações dá conta das correspondências semânticas entre sentenças nominais e sentenças verbais, mas não consegue abarcar casos em que formas nominalizadas de verbos apresentem extensões de sentido, sejam estas generalizadas ou idiossincráticas.

Chomsky rejeita a hipótese transformacionalista e propõe um tratamento de processos derivacionais gerais dentro do léxico.

Tal como afirma Aronoff (1976, p. 6), Chomsky (1970) não propôs uma teoria da morfologia; apenas sugeriu que deveria existir uma, caso estivesse correto separar a morfologia da sintaxe.

A partir de 1970 surgiram novas abordagens que divergiam da hipótese transformacionalista e da morfologia linear no âmbito do estruturalismo. Os novos estudos desenvolvidos permitiram o surgimento de um conjunto variado de propostas que, em termos gerais, enfatizam o tratamento das relações derivacionais dentro do léxico, com a preocupação de explicar o relacionamento redundante entre palavras complexas e palavras mais simples¹⁵.

2.4.2 O retorno da morfologia: A Hipótese Lexicalista

A morfologia entrou novamente na lingüística gerativa por meio de várias portas. Aronoff (1976, p. 5) cita duas delas:

1) A primeira observação de que havia algo entre a sintaxe e a fonologia surgiu no *Sound Patterns of English* (SPE), de Chomsky e Halle (1968). Lá surgiu o questionamento de se o produto do componente sintático é de fato o input do componente fonológico. Foram observadas certas discrepâncias e também que a gramática deveria conter certas regras que fazem a conversão das estruturas de

¹⁵ Veremos que surgiram muitos problemas na identificação das relações lexicais, porque em muitos casos o que parece relacionado na forma já não é mais no significado.

superfície geradas pelo componente sintático em uma forma apropriada para o uso pelo componente fonológico. Essas regras, chamadas de *regras de reajustamento*, objetivam a eliminação da estrutura e podem ser, em alguns casos, regras de flexão, sendo portanto uma regra morfológica. Aronoff ilustra com o exemplo de regras que convertem [[sing]_v past]_v em *sung* e [[mend]_v past]_v em *mended*.

2) O advento da Hipótese Lexicalista, proposta inicialmente por Chomsky (1970), postula que a morfologia derivacional, e possivelmente a morfologia flexional, deveria ser tratada no léxico. Aronoff (1976, p. 6) afirma que:

Ao contrário da fonologia, em que a constatação de que o sistema não poderia ser forçado veio gradual e inexoravelmente, com pouca objeção [...], a morfologia saiu das garras da sintaxe com explosão e causou um reboliço. O nascimento da morfologia, ou ao menos a declaração de seu domínio, ocorreu com a publicação do artigo “Remarks on Nominalization de Chomsky (1970). Esse artigo apresenta uma nova teoria da sintaxe na qual toda a morfologia derivacional é isolada e retirada da sintaxe. A morfologia passa a ser tratada em um léxico expandido, por um componente separado da gramática. Essa distinção legitima o campo da morfologia como uma entidade independente.¹⁶

A Hipótese Lexicalista ressalta a idéia de relação lexical entre duas palavras, relacionadas em seu padrão morfológico, semântico e sintático. No caso das nominalizações, por exemplo, enfatiza-se uma correspondência entre o nome e o verbo a partir do qual o nome foi formado, o que demonstra um tipo de relação lexical entre estes.

¹⁶ In contrast with phonology, however, where the realization that the system as it stood could not be sufficiently constrained came gradually and inexorably, with very little objection [...], morphology sprang out of syntax 'thigh full-blown and caused a great to-do when it did so. The birth of morphology, or at least the declaration of its domain, is simultaneous with, and contained in, Chomsky's "Remarks on Nominalization" (1970). This paper presents a new theory of syntax, in which all of derivational morphology is isolated and removed from the syntax; it is instead dealt with in an expanded lexicon, by a separate component of grammar. This distinction legitimizes the field of morphology as an independent entity.

Para tratar as nominalizações, Chomsky sugere que as **correspondências** entre verbos e formas nominalizadas poderiam ser expressas adequadamente se pudéssemos estabelecer entradas lexicais neutras, marcadas somente em relação a traços contextuais, mas livres em relação a traços categoriais. Estas entradas seriam “neutras” no sentido de que não haveria precedência para o verbo ou para o nome.

Basílio (1980, p.28) explica que:

Nesta abordagem, o traço categorial determinaria as possibilidades de inserção da entrada lexical em estruturas sintáticas específicas e regras morfológicas forneceriam as formas fonológicas relacionadas a determinadas categorias. Do mesmo modo, traços semânticos poderiam ser relacionados à escolha de categorias específicas.

Jackendoff (1975, p. 641) e Basílio (1980, p.29-30) encontram problemas nas sugestões de Chomsky, especialmente no que se refere ao fato de:

- 1) não haver explicação da formulação de que pares relacionados morfológica, semântica e sintaticamente, como os pares *decide* e *decision*, constituem uma única entrada lexical;
- 2) como explicar que pares verbo/nome constituem uma entrada lexical única, se, muitas vezes, as nominalizações apresentam extensões de sentido, cujas interpretações não são verbais.
- 3) não levar em conta que formas nominalizadas de verbos podem ter uma existência independente no léxico, no sentido de que podem servir como bases para formações derivacionais posteriores, o que torna sem sentido dizer que temos uma entrada lexical neutra.

Para propor um tratamento alternativo para a morfologia derivacional, surgem outras propostas que serão discutidas a seguir.

2.5 Síntese do capítulo

Neste capítulo, foi realizado um estudo a respeito da evolução das abordagens em morfologia derivacional até a Hipótese Lexicalista. Observou-se que os estudos sobre a estrutura interna das palavras já eram realizados por Panini, gramático indiano, em relação ao sânscrito. Na antigüidade clássica, aproximadamente no século V a.C, o foco era, no entanto, a morfologia flexional; os questionamentos a respeito da palavra concentravam-se na descoberta do seu verdadeiro significado e a palavra era considerada um todo indivisível.

A partir dos estudos de gramática histórica no século XIX, a análise dos constituintes da palavra foi retomada. No século XX, o estruturalismo privilegia uma morfologia baseada em morfemas, considerado uma unidade significativa da língua e unidade básica da morfologia, propiciando o reconhecimento da relevância da morfologia derivacional. No modelo Item e Arranjo, característico deste período, a análise da palavra concentra-se na descrição dos morfemas e na definição das estruturas hierárquicas na análise das palavras.

Dentro do quadro da gramática gerativo-transformacional em meados dos anos 50, tentou-se explicar as nominalizações por meio de regras transformacionais. Neste quadro, as transformações são um mecanismo formal para expressar as relações entre as formas lingüísticas. Explica-se, por exemplo, que a oração passiva deriva-se da oração ativa, desde que ambas as orações tenham a mesma proposição e o mesmo valor de verdade. Resulta, no entanto, que regras transformacionais são somente capazes de dar conta de processos derivacionais gerais, deixando de lado os processos sub-regulares do léxico e casos em que há extensões de sentido. Devido a estas incapacidades, Chomsky (1970) sugere que a morfologia derivacional seja retirada da sintaxe e passe a ser tratada no léxico. Tal separação legitima o campo da morfologia como uma entidade independente. A proposta de Chomsky (1970) é criticada principalmente em relação à proposição de uma entrada lexical neutra para duas

palavras relacionadas formalmente. Os problemas surgem quando há extensões de sentido e quando uma forma derivada passa a servir de base para a formação de uma outra palavra, dificultando a explicação de que se trata apenas de uma única entrada lexical neutra.

A seguir serão discutidas propostas alternativas relacionadas com a tentativa de explicar as derivações a partir das relações lexicais entre duas entradas lexicais formalmente relacionadas. Tais propostas lexicalistas de derivar uma unidade lexical complexa a partir de uma unidade lexical mais simples impulsionaram os estudos de morfologia derivacional.

CAPÍTULO 3

DISCUSSÃO DE PROPOSTAS ALTERNATIVAS

3.1 Introdução

As propostas alternativas para o tratamento da morfologia derivacional apresentadas a seguir são: Jackendoff (1975), Aronoff (1976), Basílio (1980), Halle (1973) e Corbin (1987, 1991 e a publicar). As referidas propostas foram escolhidas porque abordam o tratamento da morfologia lexical pelas vias do léxico e não da sintaxe, sendo, conseqüentemente, propostas que resultaram da Hipótese Lexicalista. Halle (1973) e Jackendoff (1975) são representantes da Hipótese Lexicalista Forte, que considera a morfologia como um fenômeno unicamente lexical, sem fazer distinção entre os processos derivacionais (relacionados com a estrutura interna das palavras) e os processos flexionais (relacionados com as categorias morfossintáticas, como, por exemplo, de número, pessoa, tempo, modo, aspecto). Aronoff (1976), Basílio (1980) e Corbin (1987) são, por outro lado, representantes da Hipótese Lexicalista Fraca, pois consideram que somente uma parte da morfologia, a parte relacionada com os processos derivacionais, está presente no léxico. Os processos flexionais, sendo sintaticamente motivados, não seriam da alçada do léxico.

As três primeiras propostas (Jackendoff, Aronoff e Basílio) representam modelos não-estratificados, porque tratam no mesmo plano as regularidades e as irregularidades. Os modelos não-estratificados objetivam, a despeito de suas variantes, analisar o componente lexical em dois subcomponentes: uma lista de entradas, onde são listadas as irregularidades, e uma lista de regras e/ou de princípios, que dá conta das regularidades. Os modelos estratificados, como o de Halle (1973) e de Corbin (1987 e 1991), se diferenciam dos anteriores porque as regularidades e as

irregularidades não são situadas no mesmo nível, mas as segundas estão subordinadas às primeiras.

Em geral, os modelos discutem as condições de análise da estrutura interna das unidades lexicais, a proposição de regras de formação de palavras (RFP), além de questões relacionadas com a dificuldade de associação entre estrutura morfológica e interpretação semântica em uma palavra complexa, assim como o estatuto semiótico dos constituintes morfolexicais que integram uma unidade lexical, tal como a ocorrência de constituintes não portadores de significação, como os constituintes não autônomos e não recorrentes, tais como o exemplo clássico de *cranberry*, em que o segmento *cran-* não tem um significado específico em *cranberry* e também não aparece em outras formações em inglês.

3.2 Os modelos não-estratificados

3.2.1 Jackendoff (1975)

Jackendoff desenvolverá, dentro da Hipótese Lexicalista, uma teoria mais articulada do tratamento lexical, que levará em conta as derivações, em especial as nominalizações juntamente com os demais tipos de relações entre as palavras no léxico.

A teoria proposta, chamada de Teoria da Entrada Plena, considerará que o componente lexical se compõe de uma:

- i) lista de entradas lexicais (bases e palavras complexas, à exceção dos afixos), tais como *decide* e *decision*, com entradas separadas, completamente especificadas e relacionadas;
- ii) um conjunto de regras de redundância.

Jackendoff (1975, p. 643) afirma que a regra de redundância capta a relação lexical entre as entradas lexicais e:

desempenha um papel na medida de informação do léxico. Esta regra designa como redundante aquela informação em uma entrada lexical que é previsível pela existência de um item lexical relacionado; a informação redundante não será contada como independente.¹⁷

Jackendoff (1975, p. 641) acrescenta que “faz sentido dizer que dois itens lexicais estão relacionados se conhecendo um deles torna-se mais fácil aprender o outro – i.e. se dois itens contêm menos informação independente do que dois itens lexicais não relacionados”¹⁸.

A regra de redundância lexical está imediatamente relacionada com a idéia de medida de informação, pois é por meio desta regra que a informação, nova ou redundante, será medida. O modelo orienta-se, conseqüentemente, em relação à **medição do custo** de informações inscritas na gramática e considera que o registro na gramática das **propriedades regulares é menos custoso** que o das propriedades idiossincráticas.

Jackendoff (1975, p. 664) explica que:

Medir a informação independente contida em uma entrada lexical significa medir a quantidade de informação nova necessária para aprender um item lexical. Se o item lexical não se relaciona a nada no léxico, então é necessário aprendê-lo a partir do nada. Mas se existe outra informação lexical que auxilia na compreensão das propriedades da nova palavra, há menos a aprender; isto é captado pelo item (b) da medida de informação.¹⁹

¹⁷ [...] plays a role in the information measure for the lexicon. It designates as redundant that information in a lexical entry which is predictable by the existence of a related lexical item; redundant information will not be counted as independent.

¹⁸ It makes sense to say that two lexical items are related if knowing one of them makes it easier to learn the other – i.e. if the two items contain less independent information than two unrelated lexical items do.

¹⁹ In measuring the independent information contained in a lexical entry, we are in effect measuring how much new information one needs in order to learn that lexical item. If the lexical item is totally unrelated to anything else in the lexicon, one must learn it from scratch. But if there is other lexical information which helps one know in advance some of the properties of the new word, there is less to learn; this is captured in clause (b) of the information measure.

A medida de informação, proposta por Jackendoff (1975, p. 643), mede o conteúdo de informação de cada entrada e, conseqüentemente, o seu grau de regularidade ou de irregularidade: quanto mais informação for necessária, menor o grau de regularidade e vice-versa.

Ao determinar as propriedades redundantes entre duas entradas, a regra de redundância reduz o conteúdo de informação independente no léxico à medida que captura a intuição de relação lexical do falante. Será, portanto, desnecessário estabelecer duas vezes as propriedades das entradas relacionadas, pois uma delas será previsível a partir das propriedades da outra, geralmente a mais básica.

O problema com o qual a proposta de Jackendoff se depara é o de estabelecer as relações lexicais entre duas entradas lexicais quando não é possível especificar a base, porque esta não é um item lexical da língua em questão e/ou não tem nenhuma relação semântica com a entrada lexical mais básica, apesar de a afixação ser previsível por regras de redundância. Servem de exemplo as palavras do inglês *professor* e *perdition* e também os exemplos *impedância* e *pressurizar*, apresentados anteriormente, que causam problemas para a morfologia derivacional pelo motivo de que não é possível identificar os supostos ascendentes derivacionais.

Nestas situações, Jackendoff propõe a separação entre regras de redundância morfológica, que dão conta das regularidades formais e estruturais, e regras de redundância semântica, que se referem às regularidades semânticas, fazendo a ressalva de que as regras de redundância semântica dependem da existência de uma redundância morfológica.

Para analisar os exemplos acima, são, então, propostas duas soluções, considerando a separação das regras de redundância: uma referente a uma abordagem permissiva e outra a uma abordagem restritiva. No caso da permissiva, *professor*, por exemplo, relacionar-se-á formalmente com a raiz *profess* e, mesmo não havendo conexão semântica entre estes itens, a fonologia da raiz /*profess*/ é considerada informação redundante; a única parte não-redundante de *professor* seria a informação

semântica ENSINAR. No caso de uma abordagem restritiva, tanto a fonologia da raiz não-lexical /profess/ como a informação semântica ENSINAR seriam consideradas informações não-redundantes.

Na proposta de Jackendoff (1975), é possível observar os problemas advindos da existência no léxico de segmentos que não permitem o estabelecimento de relações lexicais, não sendo possível, conseqüentemente, associar a estrutura morfológica com a interpretação semântica. É por este tipo de irregularidade que a tendência na gramática gerativa foi separar o tratamento da estrutura morfológica do da interpretação semântica. Esta foi a solução encontrada por Jackendoff ao propor a divisão da regra de redundância em dois tipos: uma regra morfológica e outra semântica.

3.2.2 Aronoff (1976)

Aronoff (1976) apresenta as bases de uma teoria morfológica tendo em vista a premissa de que os morfemas não têm necessariamente estatuto de signo²⁰. Conseqüentemente, considera que a morfologia deve ter como base a palavra, que é sempre constituída por, ao menos, um signo mínimo.

A sua teoria morfológica derivacional prevê:

- i) a distinção entre a classe das palavras possíveis de uma língua e a classe das palavras existentes;
- ii) a formação de novas palavras a partir de palavras já existentes por meio de uma regra conhecida;
- iii) a descrição da estrutura interna das palavras existentes.

²⁰ São de dois tipos os constituintes em que Aronoff se apóia para invalidar a concepção de morfema como unidade mínima de significação: 1) constituintes do tipo *-fer-*, *-ced-*, e *-mit-*, presentes em *aferir*, *auferir*, *conceder*, *preceder*, *admitir*, *demitir*, etc; 2) constituintes não autônomos e não recorrentes do tipo como *cran-* em *cranberry*, *boysen-* em *boysenberry* e *huckle-* em *huckleberry*. Nestes constituintes a significação não é dissociável da palavra em que ocorrem e a significação global não é inteiramente composicional em relação às suas partes constituintes.

As *palavras possíveis* são aquelas que podem ser criadas pelos falantes; são palavras novas formadas por meio de regras regulares. As *palavras existentes* são membros de um conjunto de entradas do dicionário que não são resultado de uma morfologia regular, embora possam ter sido formadas por regras regulares. A presença e persistência destas palavras no léxico podem mudar seu significado, fazendo com que não signifiquem o que deveriam significar e não pareçam o que deveriam parecer.

As regras que formam novas palavras são chamadas de regras de formação de palavras (RFP). Estas regras têm as seguintes características:

- i) especificam o conjunto de palavras, chamadas base, a partir das quais podem operar;
- ii) especificam uma operação fonológica, uma categoria sintática, uma subcategorização da palavra resultante, assim como uma interpretação semântica a partir da interpretação da base;
- iii) somente operam a partir de palavras; os morfemas não servem como base, mesmo se tiverem um significado;
- iv) operam somente uma vez, sendo chamadas de “once-only rules”, ao contrário das regras da sintaxe e da fonologia que são aplicadas na derivação de cada sentença.

As RFP estão completamente separadas das regras sintáticas e fonológicas da gramática. As operações fonológicas, sintáticas e semânticas que ocorrem são específicas da RFP, o que corrobora o princípio básico da teoria padrão da sintaxe (*Extended Standard Theory*), segundo o qual a inserção lexical, no nível das categorias lexicais maiores, precede todas as regras sintáticas. Conseqüentemente, cada palavra é inserida no léxico como um item independente e completamente especificado.

Aronoff (1976, p. 19), apesar de dedicar-se à discussão das RFP, especificando a produtividade das regras de acordo com características morfológicas da base, afirma que uma boa teoria da morfologia também deve nos dizer alguma coisa sobre a estrutura interna das palavras existentes pela seguinte razão:

Embora idiossincráticas, as palavras no dicionário apresentam regularidades; estas têm estrutura. Os morfemas, mesmo que não sejam o

que deveriam ser, são reconhecíveis. Nenhum falante cria todas as palavras novas que encontra. Ele ouve palavras que nunca ouviu antes, as reconhece como palavras de sua língua, se forem, e tem intuições sobre seu significado e estrutura.²¹

Aronoff defende a separação entre as RFP e as regras de análise da estrutura interna das palavras reais, chamadas de regras de redundância. As palavras existentes, pelo fato de serem resistentes a qualquer sistema que as derive por meio de uma regra geral, serão analisadas, ao invés de sintetizadas, somente no que se refere à forma da palavra. As regras de redundância têm as seguintes características:

- i) segmentam as palavras em constituintes morfológicos, apesar de a palavra não poder ser gerada por estes constituintes;
- ii) sua aplicação está condicionada à existência de uma RFP, quer dizer, as redundâncias na análise da estrutura interna das palavras existentes somente podem ser feitas se estas redundâncias servem para formar novas palavras.

Em relação ao item ii) acima, Aronoff (1976, p. 31) explica que é necessário estabelecer um condicionante para a noção de *regra de redundância*:

A vantagem que nosso sistema oferece é o fato de que as regras de redundância são definidas fora do âmbito em que operam: o léxico. É somente uma RFP que serve como regra de redundância, e as RFPs são regras por meio das quais novas palavras são formadas. Isto significa que os únicos tipos de fatos que podem contar como redundâncias ou generalizações na análise de palavras existentes são aqueles que entram na formação de novas palavras. O escopo da noção de redundância é então automaticamente reduzido consideravelmente [...].²²

²¹ Though they are idiosyncratic, the words in the dictionary do exhibit regularities; they do have structure. Morphemes, even though they may not be what they have been purported to be, are recognizable. Nor does a speaker make up all the new words he encounters. He hears words he has never heard before, recognizes them as words of his language, if they are, and has intuitions about their meaning and structure.

²² The advantage which our system enjoys over this one is the fact that the redundancy rules are defined outside the realm in which they operate: the lexicon. It is only a WFR which can serve as a redundancy rule, and WFRs are rules by which new words are formed. This means that the only sorts of facts which can count as redundancies or generalizations in the analysis of existing words

Um exemplo proposto de análise estrutural é o contraste entre as palavras *baker* e *butcher*: ambas as palavras contêm o sufixo agentivo deverbal #er, mas somente *bake* pode ser considerado verbo; *butch-* não recebe nenhuma categoria (**butch_v*). A análise final é *bake_v #er* e *butch #er*, divorciada de qualquer consideração semântica, porque não há base a partir da qual a função semântica pode operar. Aronoff observa que não podemos perguntar se o significado do todo resulta do significado independente de suas partes, porque uma de suas partes não tem significado independente.

É possível inferir que esta análise das palavras existentes privilegia a forma em detrimento do significado, chegando Aronoff a afirmar que:

[...] a relação formal é anterior à relação de significado em morfologia. Há casos em que podemos definir somente relações formais, como no exemplo de ‘possible’, mas em nenhum caso somos capazes de definir somente relações semânticas. A semântica não é irrelevante, mas somente pode atuar quando estabelecemos a fundação formal.²³

A proposta central de Aronoff para uma morfologia baseada em palavras, no entanto, apresenta sérios problemas. Basílio (1980, p. 38) aponta que um deles refere-se ao fato de facilmente encontrarmos palavras que parecem ter sido formadas por regras produtivas de formação de palavras mas cujas bases não são palavras da língua.

Aronoff, no entanto, resolve, em parte, este tipo de problema ao propor o estabelecimento de “regras de truncamento”, isto é, regras que cancelam morfemas, tal como ilustrado abaixo:

are those which enter into the formation of new ones. The scope of the notion *redundancy rule* is thus automatically reduced considerably [...].

²³ [...] relatedness of form is prior to relatedness of meaning in morphology. There are cases in which we can define only formal relationships, as with possible, but in no case are we able to define only semantic relationships. Semantics is not irrelevant, but rather cannot be called into play until we have laid the formal foundation.

$$\begin{array}{cccc} [[\text{raiz} + \text{A}]_X & \text{B}]_Y & & \\ 1 & 2 & 3 & \rightarrow 1 \emptyset 3 \end{array}$$

em que X e Y são categorias lexicais maiores.

O uso de Regras de Truncamento permite a Aronoff dizer, por exemplo, que uma palavra como *nominee* ‘nomeado’ é derivada do item lexical *nominate* ‘nomear’: o sufixo –ee é adicionado ao verbo da maneira usual, gerando a forma **nominatee*, que então sofre a regra de truncamento:

$$\begin{array}{cccc} [[\text{nomin} + \text{ate}]_V & \text{ee}]_N & & \\ 1 & 2 & 3 & \Rightarrow 1 \emptyset 3 \end{array}$$

Basílio (1980, p. 39) considera que as Regras de Truncamento, entretanto, constituem um mecanismo por demais poderoso e, além disso, não suficientes para manter a proposta de Aronoff. Para ilustrar, Basílio cita um exemplo, proposto por Aronoff, que pretende explicar a formação das palavras *aggressive* e *agressor* a partir de *agression*, por meio de uma regra de truncamento:

$$\begin{array}{l} \text{a. } [[\text{aggress} + \text{ion}]_N \text{ ive}]_{\text{Adj}} \rightarrow 1 \emptyset 3 = \text{aggressive} \\ \text{b. } [[\text{aggress} + \text{ion}]_N \text{ or}]_N \rightarrow 1 \emptyset 3 = \text{aggressor} \end{array}$$

Estas regras têm um problema: não explicam a formação Xion. Basílio (1980, p. 39) salienta que “como a regra de adição de –ion é tão ou mais produtiva que as regras de adição de –ive e –or, continuamos com uma série considerável de contra-exemplos para uma morfologia baseada em palavras nos termos de Aronoff”. Basílio ainda enfatiza que a hipótese de uma morfologia exclusivamente baseada em palavras não deve ser mantida e que o problema de palavras cujas bases não são formas livres dentro da língua continua sem solução.

3.2.3 Basílio (1980)

Um dos objetivos de Basílio (1980) é o de elaborar uma proposta alternativa às propostas de Jackendoff (1975) e de Aronoff (1976) para o tratamento de formações cujas bases não são formas livres na língua, ampliando assim as possibilidades de estabelecimento de relações lexicais entre as palavras no léxico. Basílio (1980) considera muito forte a proposta de Aronoff (1976) de i) exigir que a base de uma regra de formação de palavras (RFP) seja uma palavra e ii) restringir o uso de uma regra de análise estrutural (RAE) (ou regra de redundância) mediante a existência de uma RFP.

Para fornecer uma melhor descrição do problema apresentado pela coexistência de construções novas e formações estratificadas, Basílio (1980, p. 51) propõe primeiramente a dissociação entre RFP e RAE das palavras existentes, estabelecendo que “as contrapartes de análise estrutural de regras produtivas podem analisar não apenas formações baseadas em formas livres, mas também formações estratificadas, cujas bases não são formas livres dentro da língua”.

No entanto, para que a RAE possa ser aplicada, é preciso que haja condições para o reconhecimento do sufixo e da base. Basílio (1980, p. 52) considera que a condição ótima de aplicabilidade de uma RAE se dá quando:

- (a) a composição fonética do sufixo é identificável sem ambigüidade;
- (b) a função e/ou significado do sufixo é definida com precisão, assim como a classe de bases com que este sufixo pode ser combinado.

Porém, quando a RAE não fornece as condições para o isolamento da base e do sufixo na construção morfológica, quer dizer, quando a RAE é opaca, a aplicabilidade da regra irá depender do status da suposta base, isto é das relações paradigmáticas que o léxico fornece para o reconhecimento desta base como tal.

Um exemplo citado por Basílio (1980, p. 52) é o caso da palavra *asserção*, cuja base não é uma forma livre na língua, apesar de ser possível identificar o sufixo -ção.

O léxico, no entanto, fornece condições de reconhecimento da base, porque existe no léxico do português a palavra *assertivo*, analisável pela RAE que isola a base presa *assert-* e o sufixo *-ivo*, em (2). Esta RAE é corroborada pela contraparte da RFP produtiva de adição de *-ivo*, em (1). Tendo em vista a possibilidade de isolar o segmento *assert* em (2), *asserção* também pode ser analisada, tal como em (3):

assertivo

- (1) $[X]_V \rightarrow [[X]_V -ivo]_{adj}$
 (2) $[[assert]_{(V)} -ivo]_{adj}$

asserção

- (3) $[[assert]_{(V)} -ção]_N$

Basílio também analisa casos em que não é possível atribuir uma RAE, tal como no caso das palavras *certidão* e *multidão*. Embora exista no léxico a RAE:

- (4) $[[X]_{Adj} -idão]_N$

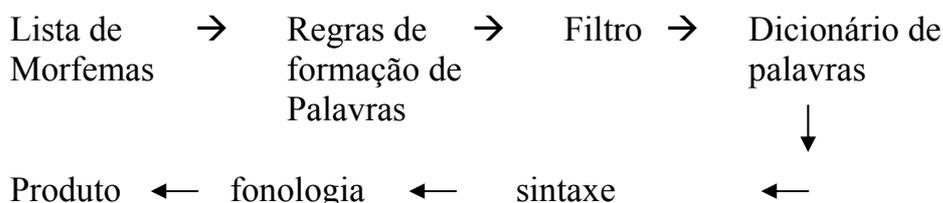
que analisa nomes abstratos em *-idão* formados a partir de adjetivos, como nos exemplos: *grato/gratidão*; *manso/mansidão*. *Certidão* e *multidão* não podem ser analisadas pela referida regra porque não é possível associar *certo/certidão* e *multi-/multidão* na relação paradigmática adjetivo/nome abstrato. Embora haja correspondência fonético-sintática, ocorre falha na correspondência semântica: tanto *certidão* como *multidão* tomaram sentidos específicos. Se *certidão* estivesse na mesma relação paradigmática, sua interpretação seria ‘nome abstrato correspondente ao adjetivo certo’. No entanto, o nome correspondente ao adjetivo *certo* é *certeza*. Assim, pelo exposto, *certidão* e *multidão* não podem ser analisados pela RAE (4) acima e são considerados indivisos.

Basílio (1980), em resumo, apresenta uma proposta que abrange a análise da estrutura interna das formações estratificadas, estabelecendo critérios de aplicabilidade das regras de análise estrutural tendo em vista as condições do léxico que permitem o

reconhecimento da base e/ou do afixo como unidades recorrentes e interpretáveis. A proposta é inovadora ao apresentar novos recursos para a realização da análise da estrutura interna das palavras existentes no léxico.

3.3 O modelo estratificado de Halle (1973)

Halle propõe um modelo de componente morfológico que engloba uma classe das palavras possíveis e uma classe das palavras existentes. A estrutura do modelo é apresentada a seguir:



A *lista de morfemas* se compõe de elementos formadores de palavras, radicais e afixos. As *regras de formação de palavras* (RFP) constroem, a partir destes elementos, os derivados regulares que formam, com a lista de morfemas, o **vocabulário potencial** da língua. Em seguida, esses derivados regulares passam no filtro, que tem uma dupla função: marcar os traços idiossincráticos nos derivados e eliminar, com a ajuda do traço [- inserção lexical], as palavras “potenciais” não reais. O *dicionário*, constituído por palavras que saem do filtro, constitui o **vocabulário real**, e o reservatório no qual estão as regras de inserção lexical.

Com o filtro, Halle objetiva, segundo Jackendoff (1975, p. 645) “reter a porção do léxico onde a informação independente pode ser medida simplesmente pela contagem de traços, e o filtro é justamente este lugar”²⁴.

²⁴ [...] he is trying to retain a portion of the lexicon where the independent information can be measured simply by counting features, and the filter is just such a place.

O filtro fornecerá informações a respeito de formações idiossincráticas e excluía palavras impossíveis de serem formadas, por meio do traço de [- inserção lexical]. Alguns exemplos do comportamento idiossincrático são apresentados por Halle (1973, p. 4-5):

- 1) Em inglês, a regra que forma nomes a partir de verbos, com o significado de “ato de V-ing” e de “fato de ser V-ed”, não ocorre em todos os casos. Enquanto *arrival* e *refusal* atestam a regra, *recital*, referente a um concerto solista, e *transmittal*, usado para se referir à transferência de documentos oficiais ou informações, mas não outras coisas normalmente transmitidas, fogem às previsões da referida regra.
- 2) Embora haja um número de radicais verbais a partir dos quais nomes formados em *-al* e aqueles formados pelo acréscimo do sufixo *-ation* podem ser derivados, como: *aproval/ approbation*; *recital/recitation*; *proposal/proposition*; *transmittal/ transmission*, existem nomes formados em *-ation* que não têm contrapartida em *-al* (*derivation/*derival*, *description/*describal*, *conversion/*conversal*, *confusion/*confusal*).

Para incorporar estes tipos de idiossincrasias, Halle (1973, p.5) propõe que estas **sejam listadas em um filtro especial** por meio do qual as palavras têm de passar depois de serem geradas pelas regras de formação de palavras:

A informação especial dada no filtro para cada entrada é então adicionada à representação da palavra. No caso de **idiossincrasias semânticas**, tais como as exemplificadas pelo significado especial dos nomes como *recital* e *transmittal*, o filtro iria fornecer as informações apropriadas sobre a sua semântica. (...) Finalmente, as “lacunas” no dicionário como as em 2) - **derival*, etc.- seriam tratadas atribuindo às “palavras faltantes” o traço [- inserção lexical]. Em outras palavras, o fato de o inglês não ter palavras como **derival* e **arrivation* seria refletido na gramática por meio de uma marca, que seria gerada pelas regras de formação de palavras, como não sendo sujeito à inserção lexical e assim incapaz de aparecer em qualquer sentença real da língua, apesar do fato de não serem anômalos semântica, sintática e fonologicamente.²⁵

²⁵ The special information given in the filter under each entry is then added to the representation of the word. In the case of semantic idiosyncrasies such as those exemplified by the special meaning of nouns like *recital* and *transmittal* the filter would supply the appropriate indications

No dicionário de palavras, as palavras podem ter dois tipos de estruturas:

1) palavras que consistem de seqüências lineares de morfemas sem estrutura interna, analisadas por meio de uma “regra de formação de palavras” que expressa simplesmente a seqüência linear, mas não estabelece as condições de tal segmentação, como por exemplo:

<i>serendipity</i>	:	serendip + i + ty	[RADICAL + i +ty] _N
<i>vacant</i>	:	vac + ant	[RADICAL + ant] _A
<i>total</i>	:	tot + al	[RADICAL + al] _A
<i>brother</i>	:	bro + ther	[RADICAL + ther] _N
<i>handsome</i>	:	hand + some	[RADICAL + some] _A
<i>believe</i>	:	be + lieve	[be + RADICAL] _V

2) palavras derivadas de outras palavras. O inglês, por exemplo, tem a) nomes derivados de verbos, como *arrival* (f. *arrive*), *refusal* (f. *refuse*) ou *condensation* (f. *condense*), e b) nomes derivados de adjetivos, como *profanity* (f. *profane*), *obesity* (f. *obese*). Para capturar estes fatos, existem regras de formação de palavras do seguinte tipo:

a) [VERBO + -al]_N b) [ADJ (+i) + -ty]_N

Halle ressalta que as regras responsáveis pela formação de tais palavras não somente atribuirão a cada palavra a categoria lexical apropriada, mas também devem fornecer informação semântica e sintática referente à palavra geral e compartilhada por outras palavras produzidas pela regra (a informação restante, sendo idiossincrática,

about their semantics. (...) Finally, “gaps” in the dictionary like those illustrated in (6) e (7) [2 no presente texto], would be accounted for by providing the “missing” words with the rule feature [- lexical insertion]. In other words, the fact that English lacks the nouns *derival and *arrivation would be reflected in the grammar by marking these words, which would be generated by word formation rules, as not being subject to lexical insertion and therefore incapable of appearing in any actual sentence of the language, in spite of the fact that they are neither semantically nor syntactically or phonologically anomalous.

será fornecida por entradas especiais no filtro de exceção). Em especial, a regra de formação de palavra deve incluir alguma informação sobre a subcategorização e restrições seletivas às quais as palavras estão sujeitas.

3.4 O modelo estratificado e associativo de Corbin (1987, 1991, 1997a, 1997b e a publicar): o modelo SILEX

Corroborando a proposta lexicalista, Corbin rejeita a proposta de derivação das palavras por meio de regras transformacionais utilizadas na análise das orações e defende a existência de um nível morfológico autônomo dentro do componente lexical.

Mais especificamente, Corbin (1987, p.1) se propõe a:

- i) construir uma teoria sincrônica do léxico susceptível de atribuir uma estrutura e uma interpretação adequadas às palavras construídas do francês, atestadas ou não;
- ii) caracterizar a natureza da “gramaticalidade lexical”, e
- iii) determinar os tipos de condicionantes que governam a aplicação e definem a especificidade das regras de construção das palavras (doravante RCP).²⁶

O modelo de Corbin (1987) assume-se como um modelo de morfologia derivacional, caracterizando-se por ser uma teoria que permite, em especial, desenvolver um nível derivacional autônomo que contém as regras específicas de construção de palavras. A aplicação estava limitada às palavras construídas por afixação e conversão, excluindo-se os processos de composição e de flexão.

Atualmente este modelo é denominado modelo SILEX (Syntaxe, Interprétation, LEXique), um modelo de morfologia construcional, que tem o papel de tratar, além

²⁶ “[...] construire une théorie synchronique du lexique susceptible d’assigner une structure et une interprétation adéquates aux mots construits du français, attestés ou non, de caractériser la nature de la “grammaticalité lexicale”, et de déterminer de la sorte les contraintes qui gouvernent l’application et définissent la spécificité des règles de construction des mots (désormais RCM)”.

das questões acima mencionadas, da semântica e da referência das palavras construídas morfológica e não morfológicamente. São obras fundamentais para o entendimento desta nova etapa do modelo SILEX, D. Corbin 1991, 1997a, 1997b, e sobretudo, a publicar a).

No caso da língua portuguesa, as grandes impulsionadoras não somente da aplicação, mas principalmente da revisão e ampliação dos aspectos fundamentais deste modelo têm sido Graça Maria Rio-Torto, da Universidade de Coimbra, que utiliza este quadro teórico para o tratamento da construção de diversos tipos de derivados do português, e Margarita Correia, da Universidade de Lisboa, que o utiliza para o tratamento da estrutura dos nomes de qualidades.

A seguir, tendo em vista os aspectos relevantes para o desenvolvimento da presente pesquisa²⁷, serão apresentadas as características principais do modelo SILEX.

3.4.1 Crítica à morfologia da evidência

Corbin (1991, p. 10) ressalta que o trabalho sobre o léxico exige, como em todo domínio de análise científica, recuo do real, o que implica transpor a evidência das palavras existentes:

Uma descrição não trivial do léxico construído implica livrar-se das evidências observáveis, quer dizer, aceitar que a imagem do léxico refletida pela gramática não é o reflexo imediato do observável, mesmo se o objeto da gramática é explicar os fenômenos observáveis. Em resumo, é preciso aceitar a abstração neste domínio, como aceitamos naturalmente em outros.²⁸

²⁷ O modelo SILEX será empregado aqui especificamente em seu aspecto descritivo. Não é assumido um compromisso com os pressupostos do Programa Gerativista de Investigação e nem com as discussões intrateóricas que dizem respeito às hipóteses lexicalistas forte e fraca. Assim, o modelo será observado apenas no que diz respeito à caracterização ótima das unidades lexicais importadas.

²⁸ “[...] une description non triviale du lexique construit implique d’abord de se libérer des fausses évidences observables, c’est-à-dire d’accepter que l’image du lexique renvoyée par la grammaire ne soit pas le reflet immediate de l’observable, meme si l’objectif de la grammaire est

Funda seu modelo na distinção, considerada fundamental, entre palavras “existentes” (atestadas) e palavras “possíveis”. O termo “palavra existente” designa, conforme o caso, as palavras atestadas nos dicionários, ou aquelas que o falante julga fazer parte de sua língua ou que não são excluídas pelas regras da língua. O termo “palavra possível” refere-se às palavras construídas de acordo com uma regra de construção de palavras, mas não registradas em dicionários nem atestadas.

3.4.2 Os morfemas como unidade mínima da morfologia

Corbin defende uma morfologia em que a unidade mínima é o **morfema**, ao contrário da outra posição em morfologia derivacional, defendida, por exemplo, por Aronoff (1976), que considera a **palavra** como unidade mínima.

Um morfema tem as mesmas propriedades (fonológicas, morfológicas, semânticas, morfossintáticas) que uma palavra, com exceção de uma delas, a autonomia sintática. Esta exceção não é, no entanto, relevante. O que é pertinente é que um morfema, com as referidas propriedades, terá o status de entrada lexical e poderá, por exemplo, servir de base não-autônoma para a formação de uma nova palavra.

Em uma morfologia em que a unidade de base é a palavra, as bases não-autônomas, como narc(o)- ‘torpor, entorpecimento’ em palavras como *narcole*, *narcótico*²⁹, não poderiam ter o status de base, e as palavras com tais bases não poderiam ser consideradas construídas.

As bases não-autônomas têm status lexical, apesar de existirem vários dispositivos de eliminação deste tipo de base, propostos principalmente pelos defensores de uma morfologia da palavra. Corbin (1987, p. 193) elabora argumentos que refutam alguns destes dispositivos, a seguir apresentados:

d’expliquer les phénomènes observables. En bref, il s’agit d’accepter l’abstraction dans ce domaine, comme on l’accepte naturellement ailleurs”.

²⁹ Os exemplos foram retirados de Rocha (1999, p. 121).

1) As bases não-autônomas não são passíveis de serem categorizadas.

Este dispositivo não pode ser aceito porque se aceitamos a hipótese de que as regras de construção de palavras (RCP) impõe exigências categoriais às bases sobre as quais aplicam, uma base não-autônoma é categorizável a partir dos afixos que esta aceita. Corbin ainda argumenta que a categoria atestada no estado autônomo da base de uma palavra construída não é pertinente para categorizar a base na palavra construída. Corbin ilustra com o exemplo *calculateur*, cuja base, autônoma, pode pertencer a duas categorias diferentes, substantivo e verbo (N e V). No entanto, a categoria da base será decidida pela RCP aplicada a esta: ainda que *calcul* e *calculer* sejam atestados, a base de *calculateur* é *calcul(er)*, porque a RCP que constrói nomes de agente se aplica a bases verbais.

2) As bases não-autônomas são inaptas para construir palavras novas.

Existe, no entanto, a possibilidade das bases não-autônomas servirem para a construção de palavras não atestadas, tal como pode ser ilustrado com exemplos de formações novas com as bases presas *narc(o)-* e *eco-* ‘meio-ambiente, habitat’, apresentados por Rocha (1999, p. 121):

narcotizar, narco-indústria, narco-mania, narco-terapia, narco-deputado, narco-fobia; eco-arte, eco-dólar, eco-xiita, eco-erótico, eco-restaurante, eco-turismo.

3) As bases não-autônomas não são passíveis de interpretação.

As bases não-autônomas são, no entanto, interpretáveis tal como as bases atestadas no estado autônomo. Seguem exemplos de bases presas, apresentadas por Rocha (1999, p. 120):

Base presa	sentido	exemplos
agr(i)-	campo	agreste, agrário, agricultura
-cida	que mata	formicida, fungicida
-fero	que contém, que produz	aurífero, frutífero

3.4.3 Regularidade e irregularidade no léxico.

No estudo do léxico, a teoria de Corbin (1987, p. 145) permite fazer as divisões, no conjunto complexo das regularidades e das irregularidades, entre o que se baseia em regras gerais, em regras parciais (as sub-regularidades) e o que não é descritível em relação a qualquer regra.

Em geral, o trabalho lingüístico considera o regular como fundamental e o irregular acessório, mesmo se a quantidade de irregularidades ultrapassa as regularidades. No entanto, a existência de regras que dão conta do regular determina diversos tipos de exceções, que não cobrem inteiramente o domínio do irregular.

As irregularidades aparentes podem mascarar regularidades profundas. Assim, Corbin (1987, p. 149) propõe que:

não somente não se deve tratar as regularidades e as irregularidades no mesmo nível, mas também é necessário identificar, entre as irregularidades, aquelas que não são objeto de nenhuma regra regular e aquelas que resultam da ocultação de uma propriedade regular por uma propriedade memorizada do saber convencional.³⁰

As noções de regularidade e de irregularidade se aplicam às propriedades em referência a uma regra. A regularidade não é restrita a formações que seguem uma regra de construção de palavras. Existem formações que, mesmo não se ligando a uma regra geral, não são totalmente imprevisíveis. Segundo Corbin (1987, p. 149), “há no léxico um grande número de propriedades, não descritíveis pelas regras do léxico regular, que são, no entanto, parcialmente previsíveis, na medida em que exprimem certas sub-regularidades dentro do irregular”³¹.

³⁰ “[...] non seulement celui-ci ne doit pas traiter les régularités et les irrégularités au meme niveau, mail il (le morphologue) lui incombe de pouvoir trier, parmi les secondes, celles qui ne sont du resort d’aucune règle générale et celles qui resultant de l’occultation d’une propriété régulière par une propriété mémorisée du savoir conventionnel”.

³¹ “[...] il y a dans le lexique un grand nombre de propriétés, non descriptibles par les règles du lexique régulier, qui sont néanmoins partiellement prédictibles, dans la mesure où elles experiment une certaine sous-régularité dans l’irrégulier”.

É inadequado, portanto, confundir irregularidade e imprevisibilidade, porque certas irregularidades podem ser previsíveis. Corbin (1987, p. 152) assim conclui que:

A tarefa do morfólogo é, além de revelar as regularidades por trás das “**irregularidades de fachada**”, delimitar entre as irregularidades residuais, aquelas com certo nível de previsibilidade. Estas serão objeto do capítulo 3 (“As sub-regularidades parcialmente previsíveis”). Ainda restarão as irregularidades imprevisíveis, as verdadeiras **idiosincrasias**, objeto do capítulo 4.³²

A concepção de tal léxico impõe ao morfólogo uma **estratificação** dos dados.

3.4.4 Por um modelo associativo

Por modelo associativo entende-se a associação do nível morfológico e do nível semântico na representação das relações derivacionais. Neste modelo, não se tem derivação sem a sobreposição destes dois níveis.

Corbin (1987, p.221-255) apresenta vários argumentos a favor do modelo associativo, defendendo que as possíveis distorções reais entre a estrutura morfológica e a interpretação semântica, mesmo numerosas, não constituem um argumento suficiente para dissociar os dois níveis. Em consequência, Corbin rejeita o modelo dissociativo, caracterizado por separar os níveis morfológico e semântico e por considerar, em geral, que o nível semântico interpreta as estruturas morfológicas.

O modelo associativo tem, portanto, o mérito essencial de prover o meio de definir a especificidade de um fenômeno derivacional e de situar a morfologia derivacional no campo dos estudos lexicais. Para Corbin, um modelo dissociativo não autoriza este tipo de avanço, porque subordina a semântica à morfologia, ou vice-versa, em detrimento do que faz a especificidade da derivação, quer dizer de se situar na intersecção dos dois domínios.

³² “Il s’ensuit que la tâche du morphologue est, non seulement de déceler les régularités derrière les “irregularités de façade”, mais aussi de délimiter parmi les irrégularités résiduelles celles qui ressortissent à un certain degré de prédictibilité. C’est à ce dernier point que sera consacré le Chapitre 3. Resteront alors les irrégularités non réglées imprédictibles, les véritables idiosyncrasies, qui feront l’objet du Chapitre 4”.

Ao adotar o modelo associativo, dados como *peignoir*³³ e *pommade*³⁴, comentados por Corbin (1987, p. 208 e 227), não poderão ser considerados palavras construídas a partir das bases *peigner* e *pomme*, respectivamente, porque, embora seja possível identificar a sua estrutura morfológica:

[[peigner]_V (-oir(e))_{af}]_N e [[pomme]_N (-ade)]_N

a interpretação semântica não pode ser prevista a partir da estrutura morfológica e vice-versa. A RCP a qual está associada *-oir(e)* produz regularmente um “utensile destiné à V” (instrumento destinado a V), reduzível à paráfrase “ce qui sert à V” (o que serve para V). O significado atestado de *peignoir*, no entanto, apresenta um distanciamento grande em relação ao significado previsto pela referida regra.

No segundo caso, Corbin (1987, p. 227) explica que *pommade* tem um relacionamento histórico com *pomme* (maçã), porque, em uma sincronia diferente da sincronia atual, na qual *pommade* era feita de *pommes*, a RCP que permitia a construção de *pommade* a partir de *pomme* com o acréscimo do sufixo *-ade* é a que corresponde à paráfrase “préparation à base de N” (preparação à base de N). Atualmente, nas definições lexicográficas, não aparece mais a relação semântica entre *pommade* e *pomme*, pois entre as substâncias ativas em *pommade* não há participação de *pomme*. Apesar de não existir relação derivacional entre *pommade* atual (*pommade*₁) e aquela à base de *pomme* (*pommade*₂), Corbin identifica uma relação semântica entre as realidades designadas por *pommade*₂ e *pommade*₁, chamada de *catacrese metafórica*³⁵. Resulta que teremos palavras homônimas, sendo *pommade*₁

³³ *Peignoir* significa no Petit Robert “Vêtement dont on s’enveloppe pour se peigner” (vestuário usado para se pentear) .

³⁴ *Pommade* significa no Petit Robert “1. Composition molle, grasse et parfumée [...]. 2. Mod. Médicament à usage externe, formé de corps gras et d’une ou de plusieurs substances actives. (pomada)

³⁵ Em Morier (1981) *apud* Corbin (1987, p. 228): “diante de uma idéia, de um objeto [...], de uma realidade qualquer para a qual a língua não dispõe de qualquer termo apropriado, nos

considerada uma palavra não-construída, quer dizer, não analisável segundo uma RCP, conectada à *°pommade2* por meio de uma regra semântica unicamente, e não por meio de uma regra derivacional.

3.4.5 Componentes do modelo lexical estratificado

Considerando a diversa tipologia de dados lexicais em relação à regularidade e às irregularidades (existem dados regulares, irregulares de fachada, sub-regulares e idiossincráticos) e de operações que incidem sobre estes, Corbin desenvolve um componente lexical que é definido como um conjunto de níveis hierarquizados e ordenados de itens lexicais e de operações a partir destes itens.

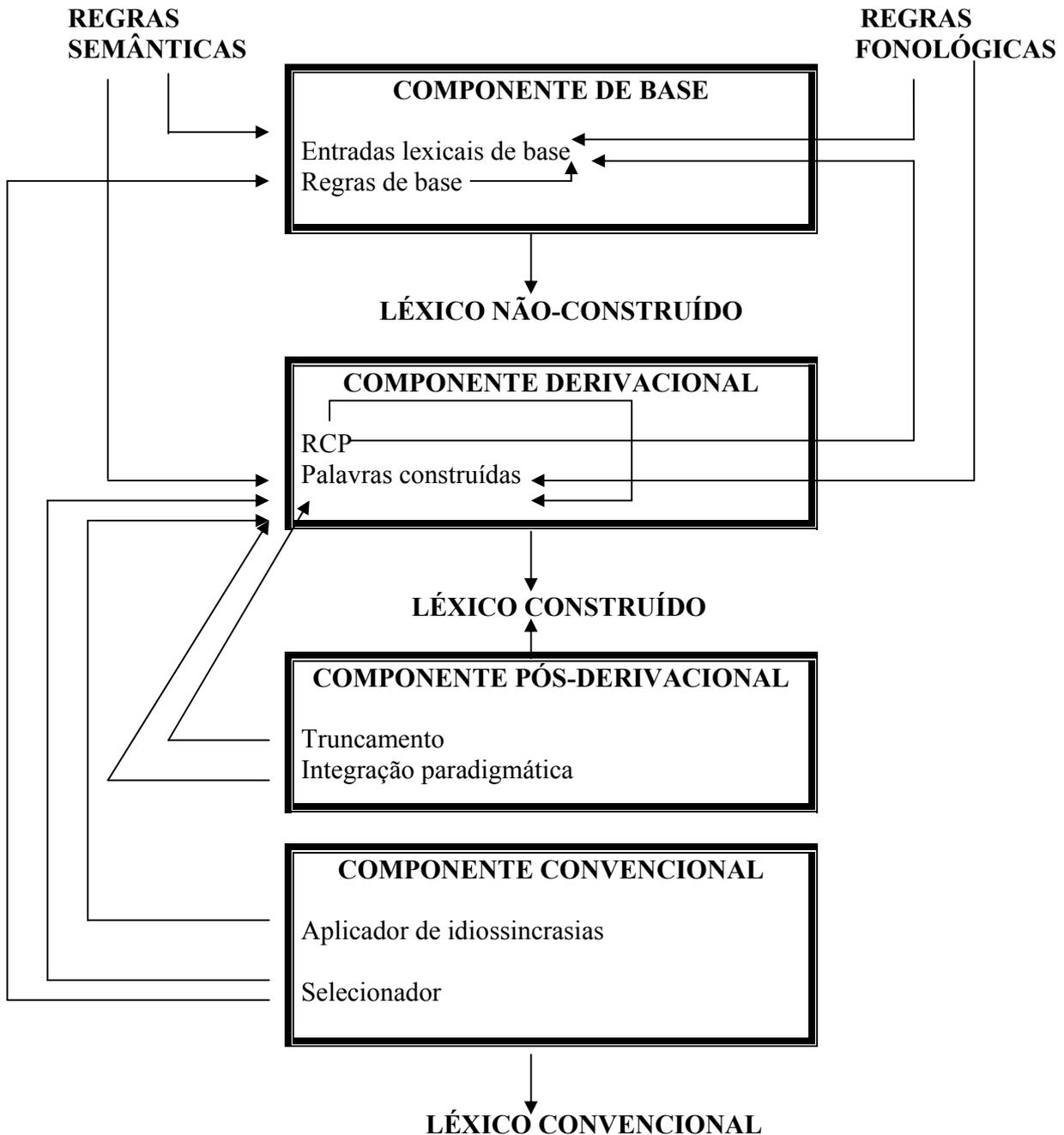
Os itens lexicais e as suas respectivas operações foram situados em quatro componentes (ou níveis) distintos dentro do componente lexical, tal como descrito em Corbin (1991, p. 19) e representado na figura a seguir:

- 1) Um **nível de base**, fundamentalmente idiossincrático, que comporta as palavras não-construídas e todos os elementos a partir dos quais as palavras complexas são construídas. Estes itens possuem todas as propriedades inerentes imprevisíveis. As regularidades formais, semânticas, estruturais eventualmente verificadas neste nível são tratadas por meio de regras de base, que funcionam como regras de redundância com função descritiva e avaliativa.
- 2) Um **nível derivacional**, fundamentalmente regular, onde as regras de construção de palavras (RCP) têm o poder, a partir dos itens de base, de gerar uma infinidade de palavras construídas cujas propriedades são previsíveis.
- 3) Um **nível pós-derivacional**, que é constituído por operações pós-derivacionais que permitem tratar as formas não-lexicalizáveis construídas pelas RCPs.
- 4) Um **nível convencional**, lugar das sub-regularidades e das idiossincrasias reversíveis, onde o léxico construído **de direito** se transforma por filtragens

servimos de um termo desviado de seu sentido comum. A condição desta transferência reside [...] na analogia que o objeto novo apresenta ao objeto conhecido (é então uma metáfora)”.

sucessivas, em um léxico **de fato**, com todos os ajustamentos e as modificações necessários.

ORGANIZAÇÃO DO COMPONENTE LEXICAL (CORBIN 1991)



A dinâmica do componente lexical pode ser explicada da seguinte forma: a partir das **entradas lexicais de base**, situadas no **componente de base**, as RCP constroem uma infinidade de palavras construídas possíveis, dotadas de todas as propriedades previsíveis. As **palavras construídas possíveis**, situadas no **componente derivacional**, são então submetidas aos filtros sucessivos do **componente pós-derivacional**. O produto do **componente convencional** é o **léxico convencional**, quer dizer, o conjunto lexicalizado instável das palavras e propriedades resultantes da ação dos filtros sucessivos sobre o produto do componente derivacional e sobre as entradas lexicais de base.

A seguir, será apresentado, com maior detalhe, o conteúdo de cada nível do componente lexical.

3.4.5.1 Componente de base

Este componente comporta dois níveis: o nível das entradas lexicais de base e um nível de operações, denominadas “regras de base”, que têm a função de avaliar as regularidades não-derivacionais das entradas lexicais de base. A seguir, apresentaremos uma breve definição das entradas lexicais e uma descrição das regras de base, em especial a respeito das regras de estrutura interna (REI), que permitem a identificação de uma estrutura complexa, mas não-construída, quer dizer, de uma estrutura não-derivada.

As entradas lexicais podem ser:

- i) **palavras complexas não-construídas;**
- ii) **palavras não-construídas;**
- iii) os **afixos**, designados de **entradas lexicais afixais**.

Além das entradas lexicais, existem as **palavras construídas**, que também são palavras complexas, mas não estão inseridas no componente de base, uma vez que são o produto de uma regra de construção de palavra (RCP). Como veremos adiante, as

palavras construídas são o produto do componente derivacional. Corbin (1987, p. 458-459) apresenta as definições das referidas palavras:

As **palavras construídas** são as palavras cuja estrutura morfológica e significado estão inteiramente sobrepostos [...]. As **palavras complexas não-construídas** são palavras cuja estrutura interna e significado estão parcialmente sobrepostos, porque nem todos constituintes de sua estrutura interna pertencem à lista das entradas lexicais. A regularidade destas palavras estão a cargo das REI. As **palavras não-construídas** são as palavras cuja eventual estrutura interna e significado não estão de modo algum sobrepostos.³⁶

A regra de base que nos interessa aqui é a regra de estrutura interna (REI), cuja função é de dar conta das **propriedades estruturais** das **palavras complexas não-construídas**.

A REI se refere às entradas lexicais que têm uma estrutura interna, mas que não são construídas, quer dizer, têm uma estrutura morfológica e um significado parcialmente sobrepostos. Corbin, ao elaborar a REI, estabelece uma proposta para a análise de unidades lexicais complexas, mas que não são analisáveis segundo uma regra de construção de palavras (RCP). A REI serve para analisar estruturas que dispõem de um constituinte que não tem estatuto sígnico e, conseqüentemente, não é portador de significado³⁷.

Corbin cita como exemplo palavras complexas como *chanteur*, *maisonnette*, *découd(re)*, *royaume*, *carpette*, *caboss(er)*, as quais mantêm relações formais e

³⁶ “Les **mots construits** sont les mots dont la structure morphologique et le sens sont entièrement superposables, [...]. Les **mots complexes non construits** sont des mots dont la structure interne et le sens ne sont que partiellement superposables, parce que les constituents de leur structure interne n’appartiennent pas tous à la liste des entrées lexicales. Leurs régularité sont du ressort des RSI. Les **mots non construits** sont des mots dont l’éventuelle structure interne et le sens ne sont pas du tout superposables”.

³⁷ No que se refere aos dados desta pesquisa, a REI mostrou-se muito adequada para a análise de diversas unidades lexicais importadas.

semânticas respectivamente com **chant(er)**, **maison**, **coud(re)**, **roi**, **-ette**, **bosse**, que são os constituintes de sua estrutura interna.

No entanto, entre as **palavras complexas** acima somente *royaume*, *carpette* e *caboss(er)* são **palavras complexas não-construídas**, porque as demais são produtos de regras de construção de palavras e não estão, conseqüentemente, listadas no componente de base. Em *chanteur*, *maisonnette* e *découd(re)*, o significado e a estrutura morfológica são **totalmente** sobrepostos, enquanto que em *royaume*, *carpette* e *caboss(er)* estes são somente **parcialmente**. *Chanteur*, *maisonnette* e *découd(re)* são **palavras complexas construídas**, mas não entradas lexicais; *royaume*, *carpette* e *caboss(er)* são **palavras complexas não-construídas e entradas lexicais complexas**.

As entradas lexicais complexas (1, 2, e 3), em comparação com as palavras construídas (1', 2', 3' e 4') nos exemplos a seguir, têm a seguinte estrutura interna, descrita em Corbin (1987, p. 457):

- | | |
|---|--|
| 1. [[roi] _S aume] _S | 1'. [[chant] _V (-eur) _{af}] _S |
| 2. [carpe (-ette) _{af}] _S | 2'. [[maison] _N (-ette) _{af}] _S |
| 3. [ca [bosse] _S] _V | 3'. [(dé-) _{af} [cous] _V] _V |

É importante observar que, nas estruturas 1, 2 e 3, nem todos os elementos que as compõem são entradas lexicais: *aume* e *ca* não têm status de entrada lexical afixal, nem *carpe* pode ter de entrada lexical maior.

A partir destes exemplos, Corbin (1987, p. 457) estabelece uma proposição para definir o campo de aplicação das REI's:

Campo de aplicação das REI's

As regras de estrutura interna se aplicam às entradas lexicais complexas, quer dizer às entradas providas de uma estrutura interna em que ao menos um dos constituintes não é uma entrada lexical.³⁸

Existem dois grandes tipos de palavras complexas não-construídas, conforme Corbin (1987, p. 459-460):

Tipo I, cuja estrutura interna contém ao menos um constituinte pertencente a uma categoria maior.

Exemplos: *amertume* (*amer*), *amour* (*aim(er)*), *amitié* (*ami*), *arbuste* (*arbre*), *lavabo* (*lav(er)*), etc.

Tipo II, cuja estrutura interna contém ao menos um constituinte pertencente à categoria [Afixo].

Exemplos: *amulette*, *carpette* (*-ette*), *détresse* (*-esse*), *pommade* (*-ade*), etc.³⁹

Corbin (1987, p. 463) conclui que:

Os tipos I e II ilustram as distorções entre uma perspectiva diacrônica e sincrônica. Quer sejam produtos históricos de empréstimos (*lavabo*), de uma evolução fonética (*amour*) ou resultado de uma análise sincrônica fundada nos princípios da etimologia popular (*carpette*), a justificação de seu status em uma morfologia sincrônica repousa sobre o fato de que estes podem ser analisados como eventuais candidatos a tornar-se palavras construídas no futuro lingüístico [...].⁴⁰

³⁸ “Les règles de structure interne s’appliquent aux entrées lexicales complexes, c’est-à-dire aux entrées pourvues d’une structure interne dont au moins l’un des constituants n’est pas lui-même une entrée lexicale”.

³⁹ Em português, apresentamos exemplos retirados de Rocha (1999, p. 122-124): **Tipo I**: *bichano* (bicho), *urinol* (urina), *pelanca* (pele), *cabeçalho* (cabeça), *coreto* (coro), *patriota* (pátria), *cavalete* (cavalo), *palmatória* (palma), *carniça* (carne), *casebre* (casa). As seqüências –ano, –ol, –anca, –alho, –eto, –ota, –ete, –ória, –iça, –ebre são, respectivamente, falsos sufixos, ou sufixóides, tal como Rocha (1999, p. 123). **Tipo II**: *meticuloso*, *jocosos*, *generoso*, *escabroso* (*-oso*); *esporádico*, *rústico*, *tétrico* (*-ic-*); *armário*, *calvário*, *prontuário*, *breviário*, *dicionário* (*-ário*); *banal*, *letal*, *cabal*, *frugal*, *vicinal*, *fatal* (*-al*), etc. As seqüências precedentes são bases falsas, ou basóides segundo Rocha (1999, p. 122).

⁴⁰ “Tous (type I et type II) illustrent les distorsions entre une perspective diachronique et une perspective synchronique. Qu’ils soient les produits historiques d’emprunts (*lavabo*), d’une

Serão discutidos a seguir dois exemplos do português, *grafiteiro* e *laborista*:

Grafiteiro é o típico caso de **palavra construída**, porque a delimitação da base substantiva *grafite* ‘rabisco ou desenho simplificado, ou iniciais do autor, feitos, geralmente com *spray* de tinta, nas paredes, muros... (Houaiss)’ e do sufixo *-eiro* (agenteivo) tem as seguintes características:

- *grafite* é categorizada como um substantivo, ao qual podemos atribuir um certo número de traços de subcategorização, como, por exemplo, o de ser uma base [-agente-indivíduo] e [-abstrato];
- podemos atribuir ao substantivo *grafite* um significado que se recupera, idêntico em *grafitar*, *grafitizar*, *grafítico*;
- *grafiteiro* tem com *grafite* as mesmas relações fonológicas, semânticas e sintáticas que, por exemplo, *leiteiro*, *verdureiro*, *roqueiro*, *metaleiro*, etc, têm em relação, respectivamente, à *leite*, à *verdura*, a *roque*, a (*heavy*) *metal*: a adjunção de *-eiro* atribui o acento na sílaba paroxítona; o produto apresenta a idéia de agente humano e a categoria lexical da base é mantida.

Um exemplo de **palavra complexa não-construída** seria *laborista*, adjetivo, com o significado de ‘pertencente ou relativo ao partido inglês Labour Party (Aurélio)’. Embora seja possível segmentar formalmente *labor-ista*, como *grafiteiro* em *grafite-eiro*, *labor* ‘trabalho’ não pode ser analisado como base de *laborista*. O significado parafraseável da estrutura adjetiva é ‘relativo a Sb’, ‘em relação com Sb’ ou o significado variante ‘que é adepto, simpatizante, partidário de Sb’. O significado atestado de *laborista*, no entanto, não se identifica com o significado parafraseável da estrutura, que é ‘relativo a labor’ ou ‘que é adepto, simpatizante, partidário de labor’. Para que o segmento *labor* em *laborista* pudesse ser considerado base, este precisaria

evolution phonétique (amour) ou les resultants d’une analyse synchronique fondée sur les principes de l’ “étymologie populaire” (carpette), la justification de leur statut particulier dans une morphologie synchronique repose sur le fait qu’ils peuvent être analysés comme d’éventuels candidates à devenir des mots construits dans le future linguistique [...]”.

se referir a ‘partido trabalhista inglês’ tal como *labor* (com a elipse de *party*) em inglês se refere.

Nos exemplos analisados, é possível observar que um constituinte somente é considerado base de uma estrutura se este segmento cumpre determinadas condições. O afixo também precisa cumprir determinadas exigências. Dessa forma, para determinar quais seriam essas condições em relação à base e ao afixo, Corbin (1987, p. 186; 458) estabelece, respectivamente, um **princípio de delimitação da base** e um **princípio de delimitação do afixo**, que são:

Princípio de delimitação da base

- estar conforme as propriedades silábicas do francês (ou de uma língua);
- pertencer a uma categoria lexical maior;
- ser interpretável;
- ser dotado de propriedades sintáticas;
- ser usado para construir outras palavras, atestadas ou não;
- as palavras construídas com o auxílio do afixo manterem com a base relações semânticas e sintáticas reproduzíveis em outros pares que apresentam a mesma relação formal.⁴¹

Princípio de delimitação do afixo

Um segmento Y de uma palavra complexa X pode ser listado entre as entradas afixais marcadas pela categoria [afixo] se e somente se este serve para construir outras palavras complexas que mantêm com a base, [...], as mesmas relações categoriais e semânticas que X mantêm com a sua.⁴²

⁴¹ “[...] - il est conforme aux propriétés syllabiques du français;

- il est catégorisable dans une catégorie majeure;

- il est interprétable;

- il est doté de propriétés syntaxiques;

- il est utilisable pour construire d’autres mots, attestés ou non, bon

- les mots construits sur lui à l’aide d’un affixe entretiennent avec lui des relations sémantiques et syntaxiques reproductibles sur d’autres paires qui présentent la même relation formelle”.

⁴² “Un segment Y d’un mot complexe X peut être listé parmi les entrées lexicales marquées de la catégorie [Affixe] si et seulement si il sert à construire d’autres mots complexes qui entretiennent avec leur base, [...], les mêmes relations catégorielles et sémantiques que X avec la sienne”.

Na unidade lexical *grafiteiro*, *grafite* está condizente com o princípio de delimitação de base, assim como o sufixo *-eiro* cumpre as condições do princípio de delimitação do afixo. O segmento *labor-* em *laborista*, no entanto, não está condizente com o princípio de delimitação de base.

3.4.5.2 Componente derivacional

É o único componente lexical propriamente **gerativo**. Pode ser concebido como um conjunto de **operações de construção** de itens lexicais a partir dos materiais fornecidos pelas entradas lexicais. Corbin batizou estas operações de “**règles de construction de mots**” (**RCM**) (regras de construção de palavras (**RCP**)).

As RCP têm as seguintes propriedades:

- são operações **orientadas**, quer dizer, a partir dos materiais de base (entradas lexicais maiores e afixais, palavras construídas), é construído um produto derivado (palavras construídas);
- são operações **sensíveis ao contexto**, quer dizer, sujeitas às condições locais de aplicação.
- são operações **modulares** na medida em que os módulos são submetidos às exigências próprias e **solidárias** uns com os outros: a aplicação de uma RCP associa intimamente a construção de uma estrutura morfológica e semântica, com a atribuição à palavra construída de um conjunto de propriedades de ordem sintática, morfológica, formal e semântica, por meio da RCP e da operação morfológica em questão.

Corbin delimita o **conteúdo dos módulos** constituintes de uma RCP, de modo a especificar, o mais precisamente possível, o que representa a **aplicação das RCP** (restritas às regras de afixação e de conversão, em detrimento das regras de composição).

O **conteúdo** de uma RCP é constituído pelos seguintes módulos:

1) **uma ou várias regras de construção da estrutura de palavras (RCEP)**

A **operação de construção da estrutura morfológica**, correspondente a uma RCP, pode dispor de três estruturas morfológicas abstratas:

1. Prefixação [(Y)_{af} [X]_C]_C'
2. Sufixação [[X]_C (Y)_{af}]_C'
3. Conversão [[X]_C]_C'

A unicidade categorial da base revelou-se pouco adequada e não é uma exigência, tal como defendido na versão inicial de Corbin (1987).

2) uma regra de construção de estrutura semântica

A operação semântica associada à RCP se caracteriza pelas seguintes propriedades:

- 1) Todo peso da operação semântica está a cargo da RCP, e não dos afixos que, deste ponto de vista, não têm papel semântico independente da RCP à qual estão associados. Isto implica considerar que uma mesma operação semântica pode estar associada a várias estruturas morfológicas diferentes, sem haver necessidade de unicidade categorial.
- 2) A cada RCP está associada somente uma operação semântica;
- 3) Convém definir a operação semântica associada a uma RCP de modo “abstrato” para que esta seja independente de todas as atualizações pragmáticas ligadas ao fato de a língua designar o mundo.

A operação semântica associada a uma regra delimita o que é passível de previsão no significado das palavras construídas, e pode ter diversos graus de precisão: alguns são precisos (“ação de V”, “aquele que V”, etc), outros são bem vagos (“relativo a N”, “fato de ser ADJ”, etc).

O modelo SILEX, na sua versão intermediária (1991), aponta que o significado previsível de uma palavra construída é-lhe inerente e o fato de o seu significado

atestado, que se identifica ao significado referencial, muitas vezes não coincidir com ele pode ser explicado dos seguintes modos:

a) a aplicação de regras semânticas (como a metáfora, a metonímia e outros) em diversas etapas da derivação pode “mascarar” o significado descritivo de uma palavra construída;

b) uma palavra construída, tal como qualquer outra palavra, tem uma referência extralingüística, o que faz com que um mesmo significado previsível possa ter diversas concretizações em domínios de referência diferentes, o que proporciona o efeito de uma heterogeneidade que é apenas superficial, mas que mascara também o significado previsível e regular da palavra construída.

3) um paradigma morfológico (PM) contendo todos os meios morfológicos (afixo(s), conversão(ões)) que a RCP dispõe

O paradigma morfológico designa o conjunto de meios morfológicos que dispõe cada RCP. A cada RCP está associado um paradigma de processos morfológicos que podem, em certos casos, se reduzirem a um só. No paradigma morfológico da RCP referente à relação categorial $V \rightarrow N^{43}$, que dispõe de estruturas morfológicas de sufixação e de conversão e da operação semântica correspondente à paráfrase “ação ou resultado da ação de V”, figuram vários afixos (-ade, -age, -erie,...) e dois tipos de conversão.

4) um conjunto de condicionantes categoriais e semânticos (CCS) restringindo o tipo de base a que uma RCP pode se aplicar;

A aplicação de cada RCP está sujeita aos condicionantes locais que restringem seu poder. Os condicionantes são de duas ordens:

⁴³ O sinal \rightarrow representa “gerar, formar, estar na origem de”.

- 1) Os condicionantes categoriais, sem a exigência de unicidade categorial;
- 2) Os condicionantes semânticos: como a impossibilidade de construir substantivos de ação a partir de verbos com a marca de [+ estado], por exemplo.

5) um mecanismo de seleção e de inserção lexical (SIL).

Este mecanismo insere, na palavra construída, os traços diacríticos do afixo (como o traço de gênero) ou da conversão, assim como alguns traços da base.

Os cinco instrumentos descritos acima formam o conteúdo de uma RCP, que pode ser ilustrado pela seguinte fórmula:

$$\text{RCP} = n\text{RCSM} + \text{RCSS} + \text{PM} + \text{CCS} + \text{SIL}$$

em que n designa um número entre 1 e 3.

3.4.5.3 Componente pós-derivacional

O componente pós-derivacional engloba as operações pós-derivacionais que permitem reajustar as formas não-lexicalizáveis construídas pelas RCPs. É constituído pelos seguintes mecanismos:

- regras de truncamento de tipo morfológico;
- regras de integração paradigmática.

Seguem a seguir exemplos, apresentados por Corbin (1991, p. 22), para as regras de truncamento em (1) e para a regra de integração paradigmática em (2):

$$(1) \text{communiste}_A \rightarrow_{\text{suf. is(er)}} {}^+ \text{communistis(er)}_V \Rightarrow \text{communis(er)}_V$$

estrutura (simplificada) de *communis(er)*
 $[[\text{communiste}]_A (\text{is(er)})_{\text{af} <T. iste +>}]_V$

$$(2) \text{grippe}_N \rightarrow_{\text{pref. anti}} {}^\circ \text{antigrippe}_A \Rightarrow_{\text{IP. al}} \text{antigrippal}_A$$

estrutura de *antigrippe/antigrippal*: $[(\text{anti})_{\text{af} <IP \pm>} [\text{grippe}]_N]_A$

Em (1) a aplicação da regra de truncamento é obrigatória por meio da qual se tem a supressão do sufixo *-iste* para a inserção do sufixo verbal *-is(er)*. No caso (2), entretanto, a aplicação da regra é facultativa, porque a unidade lexical *antigrippe* é uma formação aceitável como adjetivo assim como é o adjetivo *antigrippal*, com a marca explícita do sufixo adjetival *-al*.

3.4.5.4 Componente convencional

O componente convencional tem a função de dar conta do léxico convencional, quer dizer, da parte imprevisível do léxico construído. Este componente comporta dois tipos de dispositivos: o aplicador de idiossincrasias e o selecionador.

O aplicador de idiossincrasias, estritamente limitado ao tratamento das exceções, quer dizer, das palavras construídas cuja propriedade não está condizente ao que deveria estar, sem a possibilidade de explicar tal distanciamento. Por exemplo, este dispositivo deverá transformar o adjetivo possível *°dissolvável*, construído a partir do verbo *dissolver*, em *dissolível*.⁴⁴

O selecionador está encarregado de reduzir o léxico construído ao léxico atestado, quer dizer, de apresentar uma fotografia do estado do léxico em um dado momento. O selecionador é aplicado às:

- entradas lexicais de base para selecionar aquelas que são atestadas;
- palavras construídas e às suas propriedades. São selecionadas as palavras atestadas em uma sincronia e as realizações atestadas de um sentido previsível por meio do qual é possível determinar as classes referenciais as quais se refere.

⁴⁴ Este exemplo foi traduzido do francês, mas consideramos que o exemplo é compreensível. No original, o exemplo foi apresentado por Corbin (1991, p. 23): o aplicador de idiossincrasia deverá transformar o adjetivo possível *°dissolvable*, normalmente construído a partir do verbo *dissoudre*, no adjetivo *dissoluble*. Segundo Corbin o [y] pode ser considerado como a vocalização do [v] final da base diante de [b]. Em português, no entanto, esta vocalização não funciona, mas em latim é possível dar essa explicação se observarmos que o lat. *dissolubilis* formou-se a partir do verbo *dissolvere*; a afixação de *-bil* pode ter implicado a vocalização do [v].

3.5 Síntese do capítulo

Com o objetivo de compreender e de explicar o comportamento das unidades lexicais, são elaborados modelos, tais como os acima apresentados, que se caracterizam por serem modelos não-estratificados, como os de Jackendoff (1975), Aronoff (1976) e Basílio (1980), ou modelos estratificados, como os de Halle (1973) e o de Corbin (1987 e 1991).

Todas as propostas apresentadas observam a existência no léxico de unidades lexicais regulares, quer dizer, unidades em que a estrutura morfológica pode ser associada à interpretação semântica, e de unidades irregulares, provavelmente resultantes da impossibilidade de realizar a referida associação e de se ter uma estrutura complexa em que um constituinte não tem estatuto sígnico.

Entre os modelos não-estratificados, o de Basílio (1980) é o modelo mais abrangente, porque pretende tratar tanto a formação de novas palavras, como incrementar os meios de análise das formações estratificadas. A sua proposta reúne as contribuições de Jackendoff (1975) - mais especificamente, a possibilidade de uma regra de redundância ter uma base presa – e de Aronoff (1976) – a divisão entre regras de formação de palavras (RFP) e regras de análise estrutural (RAE). A partir dessas contribuições, Basílio (1980) propõe um modelo com maior poder de análise das unidades morfolexicais, tanto das unidades novas como das unidades já existentes, porque aceita a possibilidade de uma unidade lexical complexa ser formada ou ser analisada a partir de uma base presa desde que haja condições de aplicabilidade para o reconhecimento dos constituintes e, além disso, não restringe a aplicação de uma RAE à existência de uma RFP, como faz Aronoff.

Entre os modelos estratificados, Halle (1973) foi o pioneiro na concepção de um modelo, composto por camadas ou níveis, que explica o processo de constituição do léxico. Partindo de uma lista de morfemas, regras de formação de palavras são passíveis de formar unidades lexicais regulares. Por meio de um filtro, bloqueia-se a

entrada de todas as unidades formadas de modo regular, tendo em vista a sua percepção de que, apesar de muitas unidades serem gramaticalmente corretas, nem todas ocorrem no léxico. O filtro também tem a função de explicar as formações idiossincráticas, considerando que o léxico dispõe de unidades que fogem a uma interpretação previsível. Tem-se, por fim, o ‘dicionário de palavras’, que reúne tanto formações regulares como idiossincráticas, que suprirá a sintaxe para a posterior expressão como produto.

O modelo SILEX, representado pelos trabalhos de Corbin (1987, 1991 e a publicar), objetiva apresentar uma descrição do léxico construído a partir de dois princípios fundamentais: a associatividade e a estratificação. O modelo desenvolve muitos instrumentos para a análise morfolexical, como a aceitação de bases possíveis, bases não-autônomas, regras de construção de palavras, regras de estrutura interna, regras de alomorfia, de truncamento, regras de integração paradigmática, cada um aplicado em um determinado componente, com o intuito de explicar a estrutura interna das unidades lexicais e as relações lexicais no léxico. O modelo em sua versão mais recente expande-se e assume-se não somente como um modelo de morfologia derivacional, mas como um modelo de morfologia construcional, capaz de lidar com fenômenos relacionados ao tratamento da semântica e da referência das palavras construídas por meios morfológicos e não-morfológicos.

CAPÍTULO 4

QUESTÕES METODOLÓGICAS

4.1 Introdução

O presente capítulo tem como principal objetivo justificar as opções metodológicas adotadas na elaboração do presente trabalho. Serão apresentados o motivo pelo qual as unidades lexicais analisadas foram recolhidas a partir de fontes lexicográficas, as fontes de recolha, assim como o procedimento de recolha e de análise preliminar dos dados.

Em um segundo momento, serão apresentados os princípios teóricos e metodológicos que presidiram à análise morfolexical dos dados recolhidos, com a intenção de explicitar os critérios de análise e de melhor caracterizar e definir as fronteiras entre os constituintes presentes na estrutura interna das unidades lexicais sob análise.

Por fim, são feitas algumas considerações a respeito da discrepância entre a definição lexicográfica e o significado previsível segundo uma regra de construção de palavra, explicando que tal comportamento é esperado, pois as definições nos dicionários muitas vezes trazem somente acepções que se reportam ao significado referencial, quer dizer, aquele que representa a adaptação do significado previsível e descritivo à referência, em função da apreensão perceptual do mundo e da apreensão cultural das coisas.

4.2 O motivo da recolha de dados em dicionários

Escolheu-se fazer a recolha de dados provenientes de dicionários porque estes últimos trazem o registro de uma amostra atestada das palavras importadas do inglês

no léxico do português do Brasil. Mais especificamente, o verbete do dicionário traz a marca da etimologia, quer dizer, a origem da unidade lexical. A partir dessa marca, foi possível recolher todas as unidades lexicais importadas do inglês registradas nos dicionários utilizados.

Em acréscimo, o que se pretendeu com a escolha de dados provenientes do dicionário foi observar a maneira pela qual a unidade lexical importada foi adaptada ao ser usada no português do Brasil, com o registro das propriedades essenciais (de ordem categorial, morfossintática, semântica e pragmática) inerentes à unidade lexical e exigidas pela gramática. O verbete das entradas traz informações gramaticais referentes à estrutura morfológica, à categoria lexical, às categorias morfossintáticas (como, por exemplo, o gênero e o número) e ao significado, assim como informações pragmáticas referentes ao uso.

As obras lexicográficas têm características particulares que precisam ser identificadas para que se possa tirar o melhor proveito das informações registradas. É importante observar, por exemplo, que o dicionário geral de uma língua (tipo de dicionário utilizado nesta pesquisa) resulta de uma seleção⁴⁵ do léxico total de uma língua, e não registra, conseqüentemente, todas as unidades lexicais de uma língua (possíveis, atestadas, arcaicas, correntes e pertencentes a linguagens de especialidade). Dessa forma, os dados recolhidos por esta pesquisa são o produto dessa seleção e representam não mais do que uma amostra das importações realizadas pelo português do Brasil.

Além disso, no que se refere ao tratamento semântico das entradas, é importante observar que o campo da definição traz acepções que, muitas vezes, se diferenciam dos significados analisados a partir de uma regra abstrata e que nem sempre, portanto, a definição é morfossemântica, considerada aquela que descreve o significado em

⁴⁵ Correia (1999, p. 209) cita diversos fatores que condicionam esta seleção: a frequência de ocorrência da unidade; o tipo de dicionário; o público ao qual se destina; os meios e o tempo de que se dispõe para realizar o projeto lexicográfico; as dimensões (e o preço) final que se prevêem para a obra.

termos da estrutura morfológica associada à interpretação semântica de uma unidade lexical derivada.⁴⁶ A ausência do significado previsível não implica, no entanto, que uma unidade não seja passível de análise. Tal como já observara Correia (1999, p. 220), “o fato de determinada palavra não exibir uma definição desse tipo não é decisivo para a sua classificação como construída ou não-construída...”. Esse comportamento deve-se ao fato de o dicionário representar, muitas vezes, somente a expressão dos significados atestados e referenciais.

A compreensão do funcionamento das obras lexicográficas é, portanto, etapa primordial para lidar com os dados de pesquisa. Os dicionários são uma fonte rica de informações, tanto relacionadas ao aspecto lingüístico como ao aspecto da descrição cultural, mas é necessário reconhecer os seus objetivos e a organização da macroestrutura e da microestrutura dos verbetes, assim como apontar as suas possíveis faltas e lacunas.

4.3 As fontes de recolha

Os dicionários que constituem a base fundamental deste trabalho são dicionários gerais de língua portuguesa representativos da variedade brasileira, a saber:

- *Aurélio Eletrônico Século XXI*;

- *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*.

⁴⁶ Este é o reflexo, conforme as críticas de Danielle Corbin, da ausência da adoção de uma teoria da formação de palavras no momento da elaboração do dicionário. Corbin, no artigo “Sélection et description des dérivés et composés dans le dictionnaire monolingue”, defende uma teoria de formação de palavras que serve de referência para o tratamento da morfologia lexical nos dicionários.

Para o cotejo com o inglês foi utilizado o dicionário eletrônico *Oxford English Dictionary on-line* (OED), de 2005.

Os dados foram recolhidos dos referidos dicionários pelas seguintes razões:

- são representativos, respectivamente, do léxico atual da língua portuguesa, variedade brasileira, e do léxico atual do inglês;
- trazem o registro da unidade lexical, juntamente com informação a respeito da etimologia, da categoria lexical, da categoria morfosintática (gênero e número), das marcas de uso (como, por exemplo, a área de especialidade, marcas geográficas, marcas de nível de uso, etc.) e do significado (definição).

A decisão pelo uso de dois dicionários gerais do português do Brasil, o Aurélio e o Houaiss, foi necessária por várias razões. A primeira para reforçar a evidência de existência da unidade lexical importada, tendo em vista que o registro de uma unidade em ambos os dicionários confirma com mais certeza a sua entrada em português. Não foram excluídas, no entanto, as unidades lexicais registradas no AE e não registradas no Houaiss.

A segunda para verificar se ambos os dicionários marcavam a mesma origem do inglês. Houve vários casos em que a informação etimológica era diferente, mas foram adotados critérios, a seguir apresentados, para tentar descobrir a origem exata da unidade lexical adotada.

Os dicionários a seguir serviram de suporte à pesquisa acerca da etimologia das unidades lexicais sob análise, a saber:

- a) *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha;
- b) *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, de José Pedro Machado;
- c) *Novíssimo dicionário latino-português*, de F.R. dos Santos Saraiva;

d) *The Oxford Latin Dictionary*;

e) *Dictionnaire étymologique du français*, de Jacqueline Picoche;

f) *Le Petit Robert*, de Paul Robert.

4.4 Os procedimentos de recolha e de análise preliminar dos dados

Tomou-se como ponto de partida para a recolha dos dados o dicionário *Aurélio Eletrônico Século XXI*, por meio do qual foram recolhidos automaticamente, pelo mecanismo de “Pesquisa Reversa”, todos os empréstimos com as marcas [Ingl] (inglês) e [do Ingl] (do inglês).

Foi identificado um total de 2.106 dados. Deste total, o corpus de pesquisa somente aceitou os dados que:

- a) estivessem registrados no Houaiss com a marca de origem⁴⁷ do inglês, tal como *ing. (inglês)*;
- b) estivessem registrados no OED e tivessem origem latina, seja a unidade lexical como um todo ou os seus elementos formativos ou constituintes (base e/ou afixos);
- c) se caracterizassem em português como um empréstimo morfossemântico híbrido ou um decalque lingüístico;
- d) não fossem composições, quer dizer, formações com duas bases;
- e) não fossem empréstimos com a forma tal qual no inglês, quer dizer, as importações que mantêm a forma estrangeira.

⁴⁷ Houve, em vários casos, divergência de informação etimológica entre o Aurélio e o Houaiss: o Houaiss muitas vezes não marca origem do inglês, mas a atribui ao francês, ao latim ou não traz marca nenhuma. Não foram excluídas de imediato as unidades lexicais que apresentavam esta divergência de informação entre os dicionários. Foram elaborados critérios, apresentados adiante, para definir se uma unidade lexical realmente foi adotada do inglês pelo português.

O procedimento a) juntamente com as especificações b), c), d) e e) permitiram a identificação de um total de 160 unidades lexicais. Estas unidades estão listadas no Caderno de Anexos e são apresentadas sob a forma de verbetes, retirados do Aurélio (AE), do Houaiss (H) e do OED. Há também o registro da base da unidade lexical em português e em inglês. Quando uma base não estava registrada nem no AE e nem no Houaiss, pesquisou-se em textos da Internet, mais precisamente no site <http://www.google.com>, para verificar a possibilidade de identificar a sua atestação.

4.4.1. Critérios para a determinação da etimologia

No Houaiss foram identificados três tipos distintos de registro no campo da etimologia que causaram dois tipos de questionamentos: o primeiro foi em relação à etimologia, quer dizer, a língua de origem do empréstimo, e o segundo quanto à realização do próprio empréstimo pelo português. No primeiro, o Houaiss informa que a unidade originou-se no latim ou no francês, mas não leva em consideração acepções com significado que surgiram no inglês, como a acepção 1 em *importação*:

Importação □ substantivo feminino

ato ou efeito de importar ('trazer de fora')

1 Rubrica: comércio, termo jurídico.
entrada de produtos originários de outro país

1.1 Derivação: por extensão de sentido.
entrada de produtos de outro estado, município ou região

(...)

Étim. lat. *importatìo,ónis*, de *importátum*, supn. do v. *importáre* 'trazer para dentro, introduzir, trazer para si'; ver *port(a)-*

No segundo caso, há somente informação sobre a estrutura morfológica da unidade, o que implica considerar, erroneamente, que a unidade foi originalmente formada em português:

Destoxificação □ substantivo feminino

m.q. *desintoxicação*

Etím. destoxificar + -ção; ver *toxic(o)*, *tox(i/o)*- e *faz-*

Destoxificação foi, na realidade, originalmente construída em inglês, segundo o OED:

detoxicate, v. [f. DE- II. 1 + L. *toxic-um* poison, after *intoxicate*.]

trans. To deprive of poisonous qualities.

1867 *Pall Mall G.* No. 729. 2043/2 Defecated, detoxicated, and deodorized.

1906 *Practitioner* Nov. 590 Focalisation of the infection in the liver, with disturbance of its detoxicating mechanism.

Hence **detoxi'cation**, the action of depriving of poisonous qualities; **de'toxicator**, that which detoxicates; also **detoxifi'cation** and **de'toxify** v.

No terceiro, a unidade lexical era existente em português, mas adquiriu uma nova acepção do inglês, como é o caso da acepção 2.3:

Globalização □ substantivo feminino

1 ato ou efeito de globalizar(-se)

2.3 Rubrica: economia, política.

integração cada vez maior das empresas transnacionais, num contexto mundial de livre-comércio e de diminuição da presença do Estado, em que empresas podem operar simultaneamente em muitos países diferentes e explorar em vantagem própria as variações nas condições locais

(...)

Etimologia. globalizar + -ção; ver *glob(i/o)*-

Como acima mencionado, as unidades lexicais que apresentavam divergência de informação etimológica entre o Aurélio, o Houaiss e o OED, tais como os exemplos

acima, não foram excluídas imediatamente. Para resolver a divergência, recorreu-se aos seguintes critérios:

- i) consultar os dicionários etimológicos do português⁴⁸;
- ii) quando não se encontrou a informação em i), assumiu-se a posição do OED.

O OED, no campo de etimologia, informa se uma unidade lexical foi construída no próprio inglês ou se foi adotada de outra língua. Tendo em vista essas informações, adotaram-se os seguintes critérios para a definição da etimologia:

- i) quando a unidade lexical tinha origem latina ou francesa no Houaiss, havia duas possibilidades: a) ou constatar que a origem não era realmente do inglês, tendo em vista que a forma e o significado da unidade lexical surgiram no latim ou no francês⁴⁹; b) ou constatar que, apesar da origem primeira ser latina ou francesa, surgiu no inglês um novo significado e que, por esta razão, a unidade lexical poderia ser considerada um empréstimo lingüístico do inglês. Este é o caso de *importação*, acepção 1.
- ii) quando a unidade lexical foi construída no inglês, assumiu-se que a unidade lexical importada tinha origem no inglês. Este é o caso de *destoxificação*;

⁴⁸ Em vários casos não havia registro da unidade lexical procurada nestes dicionários.

⁴⁹ Nesses casos, considerou-se que não houve empréstimo do inglês. Para ser coerente com o critério i) a), foi excluída, por exemplo, a unidade lexical *gravitação* (com origem e significado surgidos no latim científico, mais especificamente com o uso do termo por Isaac Newton na obra *Philosophiae Naturalis Principia Mathematica* (Princípios matemáticos de filosofia natural), publicada em 1687. O Houaiss registra que *gravitação* tem origem no latim científico, mas o AE afirma que *gravitação* entrou em português pelas vias do inglês.

- iii) quando a unidade lexical era existente em português, verificou-se se não haveria uma acepção com significado originado no inglês. Este é o caso de *globalização*, acepção 2.3, domínio da Economia.

As unidades lexicais *importação*, *destoxificação* e *globalização* foram, conseqüentemente, consideradas unidades lexicais importadas do inglês.

4.4.2 Procedimentos de análise preliminar

Os dados foram agrupados a partir do operador morfológico (sufixo) identificado na estrutura morfológica da unidade lexical em inglês. Com a lista organizada, passou-se ao estudo do funcionamento de cada sufixo em inglês. Marchand (1969)⁵⁰, Bauer (1983) e o OED foram as obras fundamentais que serviram de base para a compreensão das características da estrutura sufixal em inglês.

Em português, adotou-se o mesmo procedimento: passou-se ao estudo do funcionamento do sufixo utilizado na substituição do sufixo em inglês. Os trabalhos principalmente utilizados foram Basílio (2004), Sandmann (1989), Rio-Torto (1998a), Correia (2004a), assim como o Aurélio e o Houaiss.

Foram analisados ao todo 18 sufixos em inglês (*-able*, *-acy*, *-al*, *-an*, *-ance/ence*, *-ency*, *-ant/-ent*, *-ary*, *-ette*, *-ic*, *-ism*, *-ist*, *-ity*, *-ive*, *-ment*, *-or*, *-tion* e verbos, não sufixados e alguns terminados em *-ize*). Em contrapartida, os sufixos equivalentes em português foram, respectivamente: *-vel*⁵¹, *-ia*, *-al*, *-an*⁵², *-ncia*, *-nte*, *-ári-*, *-ete*, -

⁵⁰ Marchand (1969), obra clássica a respeito da formação de palavras em inglês, não fala especificamente de regras que teriam sido utilizadas para análise ou para a construção de palavras em inglês, mas apresenta uma análise do funcionamento dos afixos, avançada para a época, que não se distancia da concepção das regras: um afixo é anexado a uma base específica para formar uma unidade lexical com categoria lexical e significado previsível e interpretável.

⁵¹ Os sufixos de base verbal (*-vel*, *-ncia*, *-nte*, *-mento* e *-ção*) são grafados sem a vogal precedente (e.g. *-avel*, *-ancia*, *-ante*), pois esta é a vogal temática da base verbal. Em português, há três instanciações possíveis conforme a conjugação: *-a-*, nos verbos da primeira conjugação, *-e-*, nos verbos da segunda, e *-i-* nos verbos da terceira.

ic-, *-ismo*, *-ista*, *-dade*, *-iv-*, *-mento*, *-or*, *-ção* e verbos terminados em *-a-* (não sufixados em inglês) e em *-iz-*.

Após o estudo do funcionamento do sufixo, partiu-se para a análise da estrutura interna de cada unidade lexical em inglês e em português em cada grupo. A análise, cujos princípios são delimitados a seguir, procurou identificar a base e determinar a regra passível de analisar a estrutura morfossemântica em inglês⁵³ e em português.

4.5 Princípios teórico-metodológicos para a análise morfolexical

As unidades lexicais importadas não foram formadas em português, mas, ao serem usadas correntemente, passaram a fazer parte do léxico do português. Tendo em vista o quadro teórico desenvolvido por Corbin (1987, 1991), essas unidades estão presentes no componente convencional do léxico e passaram a dispor de propriedades essenciais (categoriais, morfológicas, morfossintáticas, semânticas e pragmáticas) para o seu uso em português.

A unidade lexical importada foi analisada em termos de sua estrutura interna com o objetivo de investigar se essa unidade, que já dispõe de propriedades essenciais, pode ser analisada como uma unidade lexical construída, quer dizer, analisável segundo uma regra de construção de palavras em português.

⁵² A vogal final dos sufixos marca a classe temática nos nomes (substantivos e adjetivos). Conforme Câmara Jr. (1992, p. 86), há “nos nomes os temas em *-a* (rosa, poeta, planeta), os temas em *-o /u/* átono final (livro, tribo, cataclismo) e os temas em *-e /i/* átono final (dente, ponte, análise). Os sufixos que formam adjetivos são, no entanto, grafados sem esta marca de classe (*-an-*, *ári-*, *-ic-* e *-iv-*) para indicar que a unidade lexical da qual fazem parte é passível de variação flexional de gênero. Ressalte-se que o processo flexional é pós-lexical e se dá, conseqüentemente, após o processo de formação de uma unidade lexical.

⁵³ Marchand (1969) e o OED foram também obras essenciais para a identificação correta da base e para a compreensão da estrutura morfossemântica da unidade lexical em inglês. Marchand (1969) havia, em alguns casos, já tratado da unidade lexical sob análise, o que forneceu maior segurança para a interpretação do dado. O OED, ao informar a etimologia e/ou a estrutura morfológica, juntamente com o registro, na maioria dos casos, da interpretação semântica da estrutura construída, também foi essencial para a compreensão da estrutura da unidade lexical sob análise

Verificar se essas unidades são analisáveis significa a possibilidade de investigar se as propriedades essenciais da unidade lexical podem ser previstas por meio da sua estrutura interna. A analisabilidade de uma unidade lexical implica uma gramática menos “custosa”, para usar um termo de Jackendoff (1975), porque a unidade analisável dispõe de um alto grau de informação no sentido de que é regular pois os seus constituintes são reconhecidos, recorrentes e interpretáveis na língua. Implica, também, a possibilidade de o falante ter instrumentos em sua própria língua para depreender o significado. E implica, sobretudo, provar que a gramática do português, mais especificamente, o seu componente lexical, não perde o seu poder de atuação e age no sentido de adaptar a nova unidade provendo-a de propriedades essenciais para cumprirem as exigências da estrutura morfolexical de uma unidade lexical em português.

Tendo em vista o domínio de aplicação das regras de construção de palavras (RCP), que é o conjunto das unidades lexicais cuja estrutura morfológica e o significado são construídos conjuntamente, assim como os princípios de definição da base e do afixo, desenvolvidos por Corbin (1987, 1991) e apresentados no item 3.4.5.1 (Componente de base) desta pesquisa, uma unidade lexical importada será considerada analisável se satisfizer as seguintes condições:

- 1) os constituintes morfolexicais de sua estrutura morfológica devem ser categorizáveis e associáveis a um significado recorrente. Esta condição permite eliminar do conjunto das unidades analisáveis aquelas unidades lexicais que dispõem de um constituinte sem estatuto sígnico, tal como o caso de *pressurizar*, apresentado no capítulo 1, em que somente o sufixo *-iz(ar)* é isolável (*pressur-* não aparece em nenhuma outra formação em português com o significado que este parece dar a *pressurizar*).

1) A interpretação semântica e a estrutura morfológica deverão ser passíveis de associação, quer dizer, o significado da unidade lexical (significado composicional) como um todo deve representar o resultado da soma das suas partes constituintes, ou vice-versa.

As unidades lexicais que dispõem de constituintes cuja significação não é dissociável da unidade em que ocorrem, tal como o segmento *pressur-* em *pressurizar*, serão consideradas complexas, mas não-construídas, e serão passíveis de análise por meio de uma regra de estrutura interna (REI), tal como apresentado no item item 3.3.5. (item 1. Componente de base). A REI poderá identificar dois tipos de estrutura:

- a) uma estrutura interna que contém ao menos um constituinte pertencente a uma categoria lexical, como, por exemplo, *casebre*, em que a seqüência *-ebre* não é um sufixo porque lhe falta a recursividade ou recorrência em outras formações;
- b) uma estrutura interna que contém ao menos um constituinte pertencente à categoria [afixo], como é o caso de *pressurizar*.

A seguir, tem-se a representação das estruturas, respectivamente:

- a) [[casa]_s ebre]_s
- b) [pressur (-iz-)_{suf}]_{Rv}

Para finalizar, é importante apresentar alguns esclarecimentos relacionados com a precisão terminológica:

1) No âmbito do Modelo SILEX, uma *unidade lexical* é uma seqüência lingüística associada ou associável de modo estável, fora de contexto, a um significado e

portadora de uma categoria tal que lhe permita ocupar, nos enunciados, uma posição de núcleo sintagmático. A conjunção destes critérios permite eliminar da classe das unidades lexicais as *designações*, definidas por Kleiber (1984)⁵⁴ e as unidades infralexicaís⁵⁵.

2) As unidades lexicais podem ser, no que se refere à sua estrutura interna, de três tipos:

i. *unidades simples* – aquelas que, como o nome indica, não têm estrutura interna – ex.: luz, mar, paz, sol;

⁵⁴ Kleiber (1984 *apud* Correia 2004, p.22) faz a distinção entre ‘denominação’ e ‘designação’. Segundo este autor, a denominação é uma relação referencial constante e codificada entre uma *coisa* (objeto extralingüístico) e um signo, o seu nome. As designações são utilizadas para preencher necessidades denominativas pontuais, mas a relação entre o signo e a entidade/*coisa* (objeto da realidade) não é estável nem se encontra codificada na língua. Correia apresenta o seguinte exemplo: a expressão *vegetal verde com que se faz salada* não constitui uma denominação, mas apenas uma designação, entre inúmeras possíveis, de um objeto, pois, embora se refira ao mesmo objeto que *alface* (que é a sua denominação), não se estabelece qualquer laço referencial estável e codificado entre um signo e um objeto.

⁵⁵ Corbin (a publicar *apud* Correia 1999, p. 52-56) define unidades *infralexicaís* como “aquelas que se encontram associadas de forma estável a um significado (descritivo e/ou instrucional), mas cuja extensão sintáctica é inferior à de núcleo sintagmático, isto é, estas unidades não podem ocupar posições sintáticas”. As unidades infralexicaís podem ser divididas em dois grupos distintos: *afixos* (prefixos e sufixos), representantes do significado instrucional (aquele que se constitui por um feixe de instruções sobre o modo de construir as relações entre as unidades lexicais portadoras de significado descritivo); *arqueoconstituíntes/fractoconstituíntes*, passíveis de apresentar significado descritivo (aquele que permite denominar entidades que existem fora da linguagem e constitui-se de propriedades semânticas, dado que são portadoras do significado das unidades) e instrucional. Os arqueoconstituíntes são os radicais de origem grega ou latina que permitem a construção de inúmeros compostos, normalmente pertencentes a vocabulários de índole científico-técnica (e.g. *agr(o)-/agronomia*; *psic(o)-/psicanálise*; *tecn(o)-/tecnologia*; *-cida (regicida)*). Os fractoconstituíntes têm significado descritivo e podem ser o resultado de apócopies de palavras contemporâneas: é o caso de *petro-* (apócope de *petróleo*, em unidades como *petrodólares* ou *petromonarquias*) ou *euro-* (apócope de *européu*, em *euromísseis* ou *eurodeputados*).

ii. *unidades complexas não-construídas*⁵⁶ – aquelas que, embora exibindo uma certa estrutura interna formal e semântica, não preenchem todas as condições para que essa estrutura seja identificada à de uma palavra construída, ou porque a sua base aparente não preenche todos os requisitos definidos para a delimitação das bases ou dos afixos, ou porque o seu significado não é compatível com a estrutura que lhes é atribuível em função da operação derivacional da qual, aparentemente, são o produto .

iii. *unidades construídas*⁵⁷ – aquelas que apresentam uma estrutura interna complexa cujo significado é previsível e conforme a sua estrutura interna.

3) quando se fala em constituintes morfolexicais, está-se tratando de dois tipos de constituintes: um com estatuto de unidade sígnica e outro sem este estatuto, sendo este último considerado um constituinte formal cuja significação não é dissociável da unidade em que ocorrem⁵⁸;

4) Os constituintes morfolexicais que integram a estrutura interna de uma unidade lexical complexa podem ser considerados temas, radicais, bases e sufixos de natureza derivacional em oposição à flexional. A base recobre as modalidades de tema

⁵⁶ Em Corbin (1987), o termo utilizado era ‘palavra complexa não-construída’.

⁵⁷ Em Corbin (1987), o termo utilizado era ‘palavra construída’.

⁵⁸ Estudos como o de Rio-Torto (1998a, p. 13-19) e Spencer (1991, p. 40) também defendem que um segmento sem estatuto sígnico, presente em uma estrutura complexa, deve ser considerado um constituinte formal, quer dizer, um constituinte morfológico de uma unidade lexical complexa. Rio-Torto (1998a, p. 18) argumenta que “uma coisa é negar o carácter de signo mínimo ao morfema, é não reconhecer o morfema como signo mínimo, ou como segmento com significação própria, discretizável, e de preferência de ocorrência não singular. Outra coisa é pretender que um segmento de significação dificilmente discretizável e representável não tem estatuto de constituinte morfológico de uma unidade lexical compósita. Por isso Spencer considera que “the notion of ‘morpheme’ should be defined in terms of the constituents of words and relationships between word forms, and not in terms of meanings’. Assim, por observar que alguns constituintes são de difícil caracterização semântica, Aronoff (1976) deu somente à palavra o status de base de uma regra, já a palavra funciona necessariamente e ao menos como um signo mínimo, mas o morfema nem sempre.

(estrutura que comporta o constituinte temático e os demais constituintes à sua esquerda, que constituem o radical) e de radical (constituinte(s) que subsiste(m) uma vez abstraídos os afixos e o constituinte temático ou marcador de classe).

4.6 Considerações sobre a definição lexicográfica e sua relação com o significado previsível das palavras construídas

A informação semântica dos dados sob análise é fornecida por meio do campo da definição nos dicionários de trabalho. A definição registra, portanto, o significado.

Para registrar o significado das palavras construídas, a definição mais utilizada é a definição morfossemântica, que, segundo Correia (1999, p. 218), citando o trabalho de Rey-Debove (1971), é aquela que “reproduz no seu enunciado os morfemas constituintes do definido numa combinação diferente, com ou sem acréscimo de informação, ou, ainda, recorrendo a equivalentes familiares de constituintes patrimoniais”. Esta definição realça a relação morfológica do definido com outra palavra do enunciado, como em:

aclamação S.f. 1. “ato ou efeito de aclamar” . (Aurélio)

Correia (1999, p. 220) alerta, no entanto, que a opção por uma definição morfossemântica não é obrigatória e que, portanto, “o fato de determinada palavra não exibir uma definição deste tipo não é decisivo para a sua classificação como construída ou não-construída”.

Nos dados sob análise nesta pesquisa, registrados no Aurélio e no Houaiss, não é sempre possível identificar uma definição morfossemântica, o que significa que o significado de base obtido por meio de uma operação derivacional não está sempre registrado.

Observa-se, por outro lado, o registro de significados referenciais, que podem ser resultado de uma situação de polirreferencialidade ou de significados derivados

que são resultado de uma operação de derivação semântica, como a metáfora e a metonímia.

Quanto à polirreferencialidade, as unidades lexicais podem apresentar uma monossémia poliferrencial que consiste na existência, para uma determinada unidade lexical, de um significado descritivo único que se desdobra em diferentes significados referenciais⁵⁹.

Correia (1999, p. 39) exemplifica esta situação através do caso da unidade lexical *ilha* em português. A autora observa que a unidade *ilha* pode denominar diversos referentes diferentes, cujos significados, referenciais, são apresentados, nos dicionários, por meio de acepções diferentes⁶⁰.

Correia (1999, p. 41) esclarece que, do ponto de vista lexical:

ilha não é uma palavra polissémica, mas antes uma palavra monossémica na medida em que apenas apresenta um significado descritivo; em rigor, trata-se efectivamente de uma unidade polirreferencial. Porém, do ponto de vista lexicográfico, ela é tratada como palavra polissémica: no dicionário, sob a mesma entrada, aparecerão todas as concretizações referenciais da palavra, uma vez que esse conhecimento é relevante para o consulente.

⁵⁹ Correia (1999, p. 33-38), seguindo Corbin a publicar, apresenta a distinção entre significado descritivo e significado referencial. Segundo a autora, o significado descritivo é de natureza exclusivamente intralingüística no sentido de que pode ser representado sob a forma de propriedades semânticas que constituem o significado das unidades. O significado referencial denomina entidades fora da própria linguagem e representam a adaptação das propriedades semânticas à referência, em função da apreensão perceptual do mundo e da apreensão cultural das coisas.

⁶⁰ Correia utiliza o verbete *ilha* do *Dicionário da Língua Portuguesa* (8ª. edição, Porto, Porto Editora), mas a seguir apresentamos o verbete *ilha* do Aurélio, que retrata a mesma situação: 1. Geogr. Terra menos extensa que os continentes e cercada de água por todos os lados. [Sin.: ínsula e (bras., AM) ipuã. Dim. irreg.: ilhota, ilhéu, ilheta.] 2. P. ext. Aquilo que por estar isolado lembra uma ilha: Mora numa ilha de verdura. 3. Telev. V. ilha de edição. 4. Bras. Espécie de calçada, de nível mais alto que o da rua, erguida no meio desta a fim de separar as mãos de direção e servir como proteção aos pedestres. 5. Bras. PA MA MT Grupo espesso de altas árvores, em meio aos campos. 6. Bras. Constr. Nav. Em um navio-aeródromo, parte da superestrutura que se eleva acima do convés de vôo, a boreste, e onde ficam as instalações de comando e de comunicações do navio.

As derivações semânticas, como observa D. Corbin (1999, capítulo II, *apud* Correia 1999, p. 41), operadas por metáforas e metonímia, são operações que “agem de forma restrita sobre o significado de base, permitindo reorganizá-lo ou a partir dele compor um conjunto de traços de significação, de modo a construir um novo significado (...)”.

Dessa forma, é importante atentar para o fato de que é freqüente, nos verbetes dos dados sob análise, o registro de apenas significados referenciais resultantes de polirreferência e de derivação semântica. Tal comportamento, no entanto, não pressupõe a inexistência de significados composicionais passíveis de serem analisados por meio de uma regra existente em português⁶¹.

4.7 Síntese do capítulo

Neste capítulo foi justificada a fonte de recolha dos dados, as fontes lexicográficas, explicando que os motivos relacionados com a referida escolha deveu-se ao fato de os dicionários, sob análise, trazerem a atestação da unidade lexical importada, a marca de origem (do inglês), assim como uma série de informações que

⁶¹ Rio-Torto (1998c, p. 23) faz um esclarecimento que vai ao encontro das considerações acima realizadas, o qual cito a seguir: “A identificação da relação semântico-categorial que preside a cada RFP requer um cauteloso distanciamento em relação à descrição semântica e/ou à significação convencionalmente associada(s) a cada produto lexical. A diversidade semântico-referencial a que uma palavra pode prestar e as lexicalizações de sentido que a podem afectar são responsáveis por desfasamentos, por vezes acentuados, em relação à sua estrutura morfo-semântica derivacionalmente construída. Por isso, se bem que imprescindível, a operação semântica que preside a cada RFP não substitui nem esgota a complexidade semântica do produto construído. Daí também a necessidade de delimitar os diversos níveis de significação presentes em cada produto derivacional. São eles: um nível de significação *sistêmico*, gerado pelas operações semântico-derivacionais do sistema de formação de palavras da língua; um nível de significações *convencionais*, que podem afectar a base e/ou o afixo, e que freqüentemente são herdadas pelo produto lexical. A este nível situam-se as significações *típicas* que, não sendo sistêmicas, estão normalmente associadas aos itens em causa, as que decorrem de *poli-referência*, das *especializações* e das *lexicalizações* que afectam os derivados”.

representam as propriedades essenciais (categoriais, morfossintáticas, semânticas e pragmáticas) dessas unidades para o uso no português do Brasil.

Apresentou-se o procedimento de recolha e, mais especificamente, os critérios que regeram a seleção dos dados. Foram também realizadas considerações a respeito da divergência da informação etimológica no Aurélio e no Houaiss: o Houaiss, em várias entradas lexicais, não considera que uma unidade lexical tenha origem no inglês, o que contrasta com a informação etimológica dada no Aurélio. Para dirimir o problema, foi necessária a criação de critérios que se basearam, principalmente, na informação etimológica dada pelo *Oxford English Dictionary* (OED). É preciso atentar para o fato de que, em alguns casos, o português já dispõe de uma unidade lexical; o empréstimo, neste caso, restringe-se à adoção do significado, o que configura um decalque semântico.

A seguir, foram elaborados os princípios teóricos e metodológicos que sustentam a análise dos dados. Estes princípios baseiam-se, em especial, nas orientações do Modelo SILEX a respeito da concepção de unidade lexical complexa. Considerando os princípios de associatividade e de delimitação da base e do afixo que regem uma regra de construção de palavras (RCP), o modelo estabelece que uma unidade lexical complexa pode ser uma unidade construída, quer dizer, analisável segundo uma RCP, ou pode ser uma unidade complexa não-construída, quer dizer, não passível de análise por meio de uma RCP, mas por meio de uma REI (regra de estrutura interna), que analisa as unidades parcialmente associáveis em termos morfossemânticos, tendo em vista ser possível a identificação de, ao menos, um constituinte pertencente a uma categoria maior (lexical) ou à categoria de afixo.

Por último, as considerações a respeito da discrepância entre a definição lexicográfica e o significado previsível objetivou explicar ser natural tal comportamento, tendo em vista a definição geralmente registrar somente o significado referencial, que é resultante, em geral, de fenômenos como a polirreferência ou a derivação semântica de uma unidade lexical.

CAPÍTULO 5

ESTRUTURAS ANALISÁVEIS

5.1 Introdução

Serão apresentadas neste capítulo as unidades lexicais importadas que foram passíveis de análise por meio de uma regra de construção de palavras (RCP) do português. A análise resume-se na possibilidade de a estrutura interna da unidade lexical poder ser calculada a partir de uma operação de construção da estrutura morfolexical particular de uma RCP, tendo em vista os princípios expostos no item 4.5 do capítulo anterior a respeito dos princípios de análise morfolexical.

Nas unidades lexicais analisáveis é possível, portanto, associar a estrutura morfológica e a interpretação semântica, quer dizer, é possível realizar uma análise morfolexical e obter um resultado esperado, especialmente no que se refere à previsão das propriedades categoriais, morfológicas, morfossintáticas e semânticas da referida unidade.

5.2 Alguns princípios orientadores da análise

As RCPs aqui servem para verificar se as unidades lexicais importadas podem ser analisáveis segundo uma regra existente em português. Não se quer afirmar, no entanto, que os empréstimos foram construídos por meio de uma RCP do português.

Corbin não apresenta uma regra diferente da RCP para a análise de estruturas existentes, sendo que a RCP que constrói palavras novas é também utilizada para a análise das estruturas existentes. Aronoff (1976) e Basílio (1980), no entanto, apresentam regras diferentes. Aronoff denomina RAE para a análise de estruturas existentes, mas somente daquelas que teriam sido formadas a partir de uma RFP.

Basílio (1980), em contraposição, propõe uma RAE mais ampla que abarca a análise de estruturas não passíveis de serem analisadas por meio de uma RFP, tal como apresentado no capítulo 3, item 3.2.3 desta tese. Corbin também não restringe a análise das estruturas existentes à análise por uma RFP cuja base é a palavra. Em Corbin, uma unidade lexical é portanto considerada analisável quando é possível aplicar uma RCP, sendo que a base pode ser não somente uma palavra, mas uma base não-autônoma.

5.3 Estruturas analisáveis segundo regras existentes

As estruturas identificadas foram atribuídas a três classes de palavras: substantivo, adjetivo e verbo⁶². As regras⁶³ que permitiram a análise das estruturas e a respectiva operação morfolexical de sufixação com determinado operador morfológico (sufixo) foram as seguintes:

A) Regras de construção de substantivos

- 1) RCP ACT (Nomes de ação deverbais): $V \rightarrow S_{-ção}$; $V \rightarrow S_{-ncia}$.
- 2) RCP ESSIV (Essivos ou nomes de qualidade deadjetivais): $ADJ_{-nte} \rightarrow S_{-ia}^1$; $A \rightarrow S_{-ia}^2$; $A/S \rightarrow S_{-ismo}$; $A \rightarrow S_{-dade}$
- 3) RCP AG (agentivos deverbais): $V \rightarrow S_{-or}$; $V \rightarrow S_{-dor}$; $V \rightarrow S_{-nte}$.

⁶² No Caderno de Anexos, há o registro de todas as unidades lexicais sob análise neste capítulo 5.

⁶³ A denominação das regras teve por base Rio-Torto (1998a, p. 109-132). Para entender o funcionamento das regras de construção de palavras em português, foram utilizados, principalmente, os seguintes trabalhos: Rio-Torto (1998a, b e c), Correia (1999, 2004), Basílio (2004), Sandmann (1989), Said Ali (2001), Bechara (2004) e os dicionários Aurélio e Houaiss e demais trabalhos consultados quando necessário. Para a compreensão das regras em inglês utilizou-se Marchand (1969) e o OED. Os estudos de Rio-Torto e de Correia levam em consideração o português de Portugal, o que pode gerar um questionamento uma vez que os dados desta pesquisa partem do português do Brasil. A explicação do uso destes trabalhos advém do fato de a análise desta pesquisa concentrar-se em um nível genérico e abstrato dos significados, o que permite não haver diferença entre as variedades do português.

B) Regras de construção de adjetivos

1) RCP REL (adjetivos de relação denominais): $S \rightarrow A_{-al}$; $S \rightarrow A_{-ic}$;
 $S \rightarrow A_{-ist}$; $S \rightarrow A_{-ári}$

2) ADJETIVOS DEVERBAIS: $R_v \rightarrow A_{-ivo}$

3) RCP Modal (Expressão de possibilidade): $S \rightarrow ADJ_{-vel}$

C) Regras de construção de verbos

1) Verbos isocategoriais e denominais: $R/S \rightarrow V_{-a(r)/-i(r)}$

2) Verbos de mudança de estado: $S/A \rightarrow V_{-iz}$

D) Regras de truncamento

1) Substantivo: $-ic- \rightarrow -ismo$;

2) Adjetivos:

2.1) $-ismo \rightarrow -ista$;

2.2) $-ência \rightarrow -ivo$;

3) Verbos: $-ári- \rightarrow -iz$; $-ivo \rightarrow -iz-$.

A seguir são apresentadas as estruturas analisáveis a partir das referidas regras de construção de palavras do português, com a especificação do significado genérico passível de ser calculado.

5.3.1 Estruturas analisáveis por meio de regras de construção de substantivos

Os substantivos identificados foram substantivos de ação deverbais, nomes de qualidade e agentivos deverbais, apresentados a seguir, sendo todos passíveis de

apresentar um significado composicional tendo em vista uma regra de construção de palavras do português.

As definições nos dicionários Aurélio e Houaiss nem sempre registram o significado composicional, pois se concentram, em geral, na apresentação de definições concernentes ao significado referencial, que são, em alguns casos, resultado de derivações semânticas; tal fato, no entanto, não pressupõe a inexistência de um significado composicional. A derivação semântica não será objeto da presente análise, mas é importante observar a sua ocorrência tendo em vista ser comum o seu registro nas definições dos dicionários sob análise.

Em geral, as unidades lexicais pertencentes a um domínio técnico ou científico apresentam uma especialização semântica capaz de acrescentar uma complexidade conceitual que dificulta a análise da unidade por meio de uma regra abstrata. Isto não quer dizer, no entanto, que o significado técnico-científico não seja previsível. É muito comum a base ganhar uma nova acepção pertencente a um domínio específico. Nestes casos, a operação de análise da estrutura morfolexical parte do novo significado apresentado pela base.

5.3.1.1 Substantivos de ação deverbais

Os substantivos de ação deverbais foram analisados por meio da RCP ACT que analisa substantivos deverbais parafraseáveis por “o fato de V” ou “ação/processo e/ou resultado da ação/processo de V”. Todas as estruturas possuem significado passível de ser calculado, apesar de a definição no AE e no Houaiss geralmente registrar somente o significado que é resultado de uma derivação semântica⁶⁴.

⁶⁴ As derivações semânticas observadas em deverbais deste tipo são apontadas por Rio-Torto (1998a, p. 119). Esta autora observa a “actuação de uma operação de semântica figural, que instancia uma transferência da acção (“acção de V”) para o actante (*arbitragem, administração, equipamento, policiamento, tripulação*); assim, além de “acção de V”, os derivados significam também “(conjunto de) os que V”: “(conjunto de) agentes que V” ou “(conjunto de) instrumentos (com) que V”. Além destes, estes deverbais podem também adquirir os significados locativo e instrumental. Rio-Torto (1998a, p. 120) observa que o substantivo de ação deverbal serve de

Os operadores morfológicos identificados foram os sufixos *-ção* e *-ncia*.

1) V → S-ÇÃO

As unidades lexicais importadas⁶⁵ foram passíveis de ser analisadas em português a partir de temas verbais existentes e de um tema verbal possível⁶⁶:

a) temas verbais existentes: *aculturação* (f. aculturar); *braquiação* (f. braquiar⁶⁷); *coacervação* (f. coacervar Fís-Quím.); *destoxificação* (f. destoxificar⁶⁸); *derivatização* (f. derivatizar⁶⁹); *eluição* (f. eluir Quím.); *embolização* (f. embolizar⁷⁰);

suporte à expressão do local de V quando a base de V remete para um designador de local onde se pode realizar a ação que o derivado exprime (*acampamento; albergaria*). O exemplo de instrumental é dado com o sufixo *-dour-* em formações como *bebedouro, miradouro*. Correia (2004, p. 196) aponta ainda outros significados derivados como: “efeito de Vb”, “produto (da ação) de Vb” e “objeto (da ação) de Vb”.

⁶⁵ Como já foi apontado no subitem 4.4.1 do capítulo 4, há divergência quanto à etimologia entre o dicionário Aurélio e o Houaiss. No caso dos substantivos deverbais de ação, há unidades lexicais que foram aceitas porque estavam condizentes com os critérios estabelecidos no referido item: i) acepção proveio do inglês, apesar de a origem da unidade lexical ser latina: *eluição, importação*; ii) a construção original se deu no inglês segundo o OED: *destoxificação, braquiação, embolização, equalização, esporulação, estrobilação, faringalização, ideação, reprimização, sanitização*; e iii) a acepção proveio do inglês, apesar de o português já dispor de uma unidade lexical homomorfa: *globalização*.

⁶⁶ As bases *aculturar, braquiar, destoxificar, derivatizar, embolizar, enculturar, especiar, esporular, faringalizar, indentar, inicializar, inocular, nidar, quelar, reprimizar, sanitizar, solarizar* e *estrobilar* passaram a existir após a entrada do substantivo deverbal, uma vez que estão presentes na estrutura dos respectivos substantivos. As bases *coacervar, eluir, equalizar, estivar, gratificar, globalizar, importar* eram existentes e ganharam uma acepção nova com a entrada da unidade lexical importada.

⁶⁷ No inglês, a base de *brachiation* é o verbo *brachiate* ‘balançar de galho em galho usando os braços’ (OED) como um dos principais órgãos de locomoção em chimpanzés, por exemplo. Em português, o uso do verbo *braquiar* foi identificado em textos na Internet. Os dicionários Aurélio e Houaiss, no entanto, não o atestam. Tem-se apenas o registro do elemento de composição *braqui(o)-* ‘braço’, do latim *brachium, ū* e, em última instância, do grego *brakhíon, ou*, presente em diversas formações da terminologia científica do século XIX em diante, tal como indica o Houaiss (2001): *braquiado, braquial, braquialgia, braquicéfalo, braquicubital, braquídeo, bráquio, braquiocubital, braquiópode, braquióptero, braquióstomo, braquitomia*.

⁶⁸ A análise do verbo *destoxificar* foi desenvolvida no subitem 5.3.3.2.

⁶⁹ O verbo *derivatizar* é analisável por meio do processo de truncamento, desenvolvido no subitem 5.3.4.

enculturação (f. enculturar⁷¹); *equalização* (f. equalizar Eletrôn.); *especiação* (f. especiar⁷²); *esporulação* (f. esporular); *estivação* (f. estivar⁷³); *gratificação* (f. gratificar⁷⁴); *faringalização* (f. faringalizar⁷⁵); *globalização* (f. globalizar Econ.); *ideação* (f. idear); *importação* (f. importar⁷⁶); *indentação* (f. indentar⁷⁷); *inicialização* (f. inicializar); *inosculação* (f. inoscular); *lenição* (f. lenir); *levitação* (f. levitar); *nidação* (f. nidar⁷⁸); *quelação* (f. quelar); *sanitização* (f. sanitizar⁷⁹); *solarização* (f. solarizar).

b) tema verbal possível: *estrobilação* (f. °estrobilar⁸⁰), *estrobilização* (f. °estrobilizar).

⁷⁰ Os dicionários Aurélio e Houaiss não registram o verbo *embolizar*, mas este verbo foi identificado em textos na Internet.

⁷¹ Os dicionários Aurélio e Houaiss não registram o verbo *enculturar*, mas este verbo foi identificado em textos na Internet.

⁷² O verbo *especiar* não está registrado nem no Aurélio nem no Houaiss, mas foi encontrado em textos de páginas brasileiras na Internet, com o significado de ‘formar duas ou mais espécies novas de seres vivos’, específico do domínio da evolução.

⁷³ O verbo *estivar* não está registrado nem no Aurélio nem no Houaiss, mas foi encontrado em textos de páginas brasileiras na Internet, com o significado de ‘pôr-se em estado de dormência’, específico do domínio da biologia.

⁷⁴ Refere-se a *gratificar*² no Aurélio.

⁷⁵ *Faringalizar* é parafraseável por ‘transformar em (consoante) faringal’. Neste caso, *faringal* refere-se à ‘consoante faringal’ e é uma conversão de adjetivo para substantivo por meio de um processo de elisão. Rio-Torto (1998c, p. 22) observa que na gênese desse tipo de conversão está um processo de elisão (o (sector) têxtil, a (cidade) capital; o (jogador) lateral), que abriu caminho à mudança categorial da palavra não elidida (à nominalização do adjetivo).

⁷⁶ Refere-se à acepção 1 do Aurélio e à acepção 7 do Houaiss.

⁷⁷ A base verbal *indentar* no AE tem duas acepções provenientes do inglês e ambas podem ser base de *indentação*.

⁷⁸ O verbo *nidar* não está registrado nem no Aurélio nem no Houaiss, mas foi encontrado em textos de páginas brasileiras na Internet, com o significado de ‘aninhar-se na parede do útero’, específico do domínio da embriologia.

⁷⁹ O verbo *sanitizar* é analisável por meio do processo de truncamento, desenvolvido no 5.2.5.

⁸⁰ °*Estrobilar* não está registrado no Aurélio e Houaiss, nem foi identificado em textos na Internet.

2) V → S_{-NCIA}

Foi identificada apenas uma formação analisável: *sucumbência* (f. *sucumbir*). As demais formações ou não são analisáveis ou são analisadas a partir de adjetivos em *-nte*, apresentadas no item a seguir, número 1).

5.3.1.2 Nomes de qualidade

Os substantivos nesta seção foram analisados por meio da RCP ESSIV que constrói nomes de qualidade, quer dizer, nomes passíveis de denominar qualidades em português. Estes são parafraseáveis por ‘o fato de ser x’, ‘propriedade/qualidade de ser x’, em que x designa um predicativo, expresso por um adjetivo (*amabilidade; inteligência; lentidão; patetice; quietude; solidez*) ou, menos frequentemente, por um nome (*portugalidade*), atributivamente considerado”.⁸¹

Os operadores morfológicos identificados foram os sufixos *-ia* (átono), *-ia* (tônico), *-ismo*, *-idade* e *-ção*, a seguir apresentados:

1) A_{-nte} → S_{-ia} (átono)

Este modelo não é capaz de construir novas unidades autóctones no português contemporâneo, como afirma Correia (2004a, p. 215), mas é um modelo comum em português em nomes de qualidade, particularmente presente em latinismos, quer dizer, empréstimos adotados do latim pelo português⁸². A autora propõe que o modelo seja

⁸¹ Correia (2004, p. 169) considera ainda que os nomes de qualidade, além de sua construção prototípica a partir de adjetivos, podem também ser, em alguns casos particulares, substantivos derivados de bases verbais. Correia (2004, p. 202) cita exemplos com o sufixo *-ção* (*acidentação* “qualidade ou estado do que é acidentado”) e *-mento* (*desavisamento* “qualidade daquele ou daquilo que é desavisado”, assim como da interpretação como substantivo de ação deverbal “ato ou efeito de desavisar”).

⁸² Os exemplos seriam *corpulência* do lat. *corpulentia,ae* ‘corpulência, gordura, obesidade’; *fraudulência* do lat. *fraudulentia,ae*; *sonolência* do lat. *somnolentia,ae* ‘vontade de dormir, sono, modorra’, etc, todos citados por Correia (2004, p. 215).

constituído por um sufixo fósil⁸³ átono com a forma *-ia*, que se junta a adjetivos deverbais em *-nte* de modo a construir o respectivo nome de qualidade, desencadeante de uma regra fonológica de assibilação do /t/ em /s/. Estes nomes teriam a seguinte estrutura: [[[X]_V (nte)_{suf}]_{Adj} (ia)_{suf/fósil}]_S.

Nos dados desta pesquisa, foi somente identificada a unidade lexical *resiliência* (f. resiliente) ‘qualidade do que é resiliente’. Em inglês, *resilience* tem uma interpretação de nome de qualidade construído a partir do adjetivo *resilient*⁸⁴.

2) ADJ → S-*ia* (tônico)

As unidades lexicais identificadas foram *acurácia* e *illiteracia*. Existem vários modelos em português que apresentam estruturas formalmente semelhantes, terminadas por:

- i) *-ia* átono, presente em estruturas latinas formadoras de substantivos femininos a partir de adjetivos, que evoluíram do latim ao português, como: do lat. *amicitiã* (de *amicus* ‘amigo’) ao por. *amicícia* ‘amizade’; do lat. *laetitã,ae* (de *laetus* ‘alegre’) ao por. *letícia* ‘alegria, ledice; fertilidade (do solo)’; do lat. *malitiã,ae* (de *malus* ‘mau’) ao por. *malícia* ‘maldade, manha, esperteza’, do lat. *pertinatã* (de *pertinax* ‘que não agarra bem, não larga’) ao por. *pertinácia* ‘qualidade de pertinaz’, etc⁸⁵;

⁸³ Correia (2004, p.106) considera que os sufixos fósseis não são produtivos no estado da língua que é alvo de descrição, embora do ponto de vista da analisabilidade, eles surjam em estruturas analisáveis em português.

⁸⁴ Marchand (1969, p. 249) afirma que os sufixos *-ancy/-ency* são característicos de nomes de qualidade, com o significado de “estado ou qualidade de ser ___”, sendo a base um substantivo ou adjetivo, enquanto os sufixos *-ance/-ence* são característicos de substantivos de ação deverbais.

⁸⁵ Este comportamento do sufixo *-ia* baseou-se no Houaiss, sufixo *-ia*², item 1.

- ii) $-ia^1$ tônico presente em nomes de condição/estatuto⁸⁶, tais como *freguesia* (f. freguês); *mancebia* (f. mancebo); *tirania* (f. tirano); *delegacia* (f. delegado); *advocacia* (f. advogado), etc.
- iii) $-ia^2$ tônico presente em nomes de qualidade a partir de bases adjetivais, mais especificamente:
 - bases de origem grega, como em *ablefaria* (que não possui blefar- (pálpebras), *acefalia* (que não possui cefal- (cérebro/cabeça), etc;
 - adjetivos vernáculos de estrutura simples, tais como *agrestia*, *albinia*, *ardentia*, *azedia*, *grosseria*, *mediania*⁸⁷.

Tendo em vista as características dos referidos modelos assim como a regra por meio da qual estas unidades foram originalmente formadas em inglês, chegou-se à conclusão de que o modelo que melhor serviu à análise é o modelo (iii).

As unidades em inglês *accuracy* e *illiteracy* foram construídas a partir do modelo latino que constrói substantivos de estado ou qualidade a partir de adjetivos ou substantivos⁸⁸.

⁸⁶ Correia (2004, p. 172-174 e p. 246) apresenta uma discussão sobre o sufixo $-ia$, dividindo-o em sufixo $-ia^1$ e sufixo $-ia^2$.

⁸⁷ Correia (2004, p. 255) observa que estes adjetivos denominam entidades humanas, embora haja algumas exceções. Ressalta também que a disponibilidade de $-ia^2$ para a construção destes substantivos parece bastante limitada, sobretudo se comparada com a disponibilidade para a construção de nomes sobre bases de origem grega.

⁸⁸ Marchand (1969, p. 232-233) explica que este modelo entrou no inglês a partir de empréstimos do latim em $-acia/-atia$ e/ou do francês em $-acie/-atie$, como o L. *efficacia*, *fallacia*, *obstinatia*, *papatia* anglicizados por meio da terminação $-acy$, substituindo, quando necessário, o [t] pelo [s] e o $-i-$ + $-a$ por $-y$, obtendo-se, respectivamente, *efficacy*, *fallacy*, *obstinacy*, *papacy*. Este modelo provou ser produtivo para a derivação, passando a formar em inglês substantivos que denotam estado ou qualidade, algumas vezes coletividade, a partir de substantivos ou adjetivos denotando o portador da qualidade ou estado, ou o indivíduo da coletividade. Observa-se frequentemente a formação de pares fonéticos (o substantivo produzido terminado em $-acy$ e a base em $-ate$), como os exemplos: *delicacy* 1374 (não está no F ou no L) f. *delicate* 1374, *privacy* 1450 f. *private* (IM), *delegacy* 1533 f. *delegate* (IM), *piracy* 1552 f. *pirate* IM (também em L *piratia*), (...) *ILLITERACY* 1660 f. *ILLITERATE* 1556, *ACCURACY* 1662 f. *ACCURATE* 1612, *degeneracy* 1664 f. *degenerate* 1545.

Acurácia e *iliteracia* podem ser analisadas a partir das bases adjetivas *acurado* e *iliterado*, com a ocorrência de uma alomorfia das bases: quando a base termina em consoante coronal descontínua surda ou sonora (/t/ ou /d/), esta pode passar a coronal contínua surda /s/. Esta alomorfia é recorrente em outras formações na língua, como em *advogado/advocacia*; *delegado/ delegacia*; *legado/legacia*⁸⁹, tal como explica Correia (2004a, p. 173). Para estar condizente com a regra, *acurácia* perderia o acento na sílaba paroxítona.

3) ADJ/S → S-ismo

O sufixo *-ismo*, de acordo com Correia (2004a, p. 277), é “um sufixo atípico, que dificilmente se deixa classificar: trata-se de um elemento marginal na categoria dos sufixos. Essa atipicidade fundamenta-se em dois aspectos fundamentais: por um lado, a determinação da categoria das bases que são selecionadas por ele, e, por outro, a determinação da natureza do significado básico (...)”.

O sufixo *-ismo* opera sobre bases categorizáveis como adjetivos, mas quando *-ismo* não encontra uma base adjetival apta para a construção do substantivo, a sufixação vai ocorrer, segundo Correia (2004a, p. 289), sobre “uma base categorialmente distinta, mas que reúna as condições semânticas e formais ótimas para a construção do derivado”.⁹⁰

⁸⁹ Estas unidades são substantivos denominais e representam nomes de condição/estatuto, sufixadas por *-ia*¹.

⁹⁰ Correia ao defender esta hipótese, representa uma posição teórica tomada no quadro atual do modelo SILEX, que permite o tratamento não-unificado da categoria das bases, rejeitando, portanto, o princípio de unicidade categorial das bases, utilizado em análises com base em versões anteriores do modelo. As críticas a esta nova posição argumentam que o tratamento não-unificado impede o morfologista ou o lexicólogo de apreender aquilo que existe de comum entre as inúmeras palavras construídas por meio de um sufixo. Corbin (1999) e Correia (2004, p. 289-291) explicam, no entanto, que é preciso estabelecer os fatores, formais e semânticos, que determinam a seleção de bases por parte de um sufixo. A tomada desta postura é um bom ponto de partida para uma análise mais circunstanciada das bases passíveis de serem selecionadas.

No que se refere ao significado obtido com a sufixação de *-ismo*, Correia (2004a, p. 291-295) ressalta a existência de uma variedade de tipos de significados condicionados pela semântica da base sobre as quais opera, o que faz com que estes significados divirjam do significado descritivo produzido pela regra. Dessa forma, a instrução semântica deste sufixo permitirá então que os derivados construídos por *-ismo* apresentem um significado referencial que lhes permite denominar propriedades que se manifestam de forma sistemática. É desta forma que podem denominar:

- 1) nomes de doutrinas, de ideologias, de religião, de sistemas filosóficos ou políticos;
- 2) formas de comportamento, atitudes;
- 3) nomes de práticas / atividades / técnicas;
- 4) o conjunto das manifestações da faculdade / parte de um todo (seja um organismo vivo ou não);
- 5) nomes de particularidades lingüísticas,
- 6) nomes de doenças / mal-formações / deficiências e, ainda, intoxicações / dependências físicas.

Segundo Correia (2004a, p. 278), esta capacidade referencial resulta de uma derivação semântica, quer dizer, não é possível explicar a construção dos significados referenciais acima por meio de uma operação derivacional.

Ainda por força da especificidade do sufixo e da estrutura semântica da base, Rio-Torto (1998a, p.123) acrescenta a manifestação de significações mais específicas:

[...] “ocupação/atividade sistemática” (*campismo; clubismo; humorismo; jornalismo; terrorismo*); “atitude, procedimento relacionada/o com Xb” (*bairrismo; clubismo*); “atitude de quem é A” (*pedantismo; servilismo; snobismo*); e, ainda por metonímia, “produto resultante da atitude/praxis de quem é A”, “aquilo que é A” (*arabismo; barbarismo; estrangeirismo; vulgarismo*).

As formações identificadas com *-ismo* foram atribuídas aos seguintes significados referenciais:

a) Nomes de doutrinas, de ideologias, de religião, de sistemas filosóficos ou políticos: **Base adjetiva:** *fundamentalismo* (f. fundamental); *imperialismo*⁹¹ (f. imperial⁹²); *instrumentalismo* (f. instrumental); *intelectualismo* (f. intelectual); *marginalismo* (f. marginal⁹³); *fisicalismo* (f. °fiscal⁹⁴). **Base substantiva:** *abolicionismo* (f. abolição⁹⁵); *imagismo* (f. imagem); *inflacionismo* (f. inflação⁹⁶). **Radical adjetivo:** *pauperismo* (pauper-⁹⁷).

b) Formas de comportamento/atitude: **Base substantiva:** *escapismo* (f. escape).

c) Nome de atividade: **Base adjetiva:** *comensalismo* (f. comensal⁹⁸). **Base substantiva:** *adocionismo* (f. adoção)⁹⁹; *pedestrianismo*¹⁰⁰ (f. °pedestriano¹⁰¹).

⁹¹ O Houaiss não marca esta unidade como originária do inglês; apenas apresenta a sua estrutura morfológica. Esta é a mesma postura do DENF. O PR, no entanto, afirma que *imperialisme* ‘politique d’un État visant à réduire d’autres États sous sa dépendance politique, économique ou militaire’ é uma adoção do inglês, o que reforça o fato de a adoção em português, específica do domínio da economia/política, ter sido adotada do inglês.

⁹² *Imperial*, adjetivo, é parafraseável por ‘relativo a império’. A unidade lexical *império* é, por sua vez, polissêmica. No AE não é possível identificar uma acepção específica que se relacione lexicalmente com *imperialismo*. A acepção 5 do Houaiss ‘domínio soberano, efetivo ou influência dominante’ é a que melhor permite relacionar, em termos lexicais, *império* com *imperialismo*. Em inglês, *empire* reporta-se a duas acepções: i) domínio político amplo e supremo exercido por um imperador e ii) domínio político amplo e supremo exercido por um estado soberano sobre estados dependentes. É esta última acepção que se relaciona lexicalmente a *imperialism* em inglês.

⁹³ A base *marginal* é polissêmica, mas o Aurélio informa que é a acepção 5 de *marginal* que está relacionada em termos lexicais com *marginalismo*. O Houaiss, no entanto, não traz nenhuma informação.

⁹⁴ °*Fiscal* seria uma base possível formada pela base *física* e pelo sufixo adjetival *-al*.

⁹⁵ A base *abolição* é polissêmica e não há informação no AE e no Houaiss acerca da acepção que pode ser relacionada à *abolicionismo*. *Abolição* ‘abolição da escravidão’, acepção 2 (AE) e acepção 1.1 (Houaiss), relaciona-se lexicalmente a *abolicionismo*.

⁹⁶ A base *inflação* é polissêmica e não há informação no AE e no Houaiss acerca da acepção que pode estar relacionada à *inflacionismo*, mas é a acepção 4 (AE) e a acepção 3 (Houaiss), pertencente ao domínio da Economia, que se relacionam lexicalmente com *inflacionismo*.

⁹⁷ *Pauper-* é considerada uma base não-autônoma com o significado de ‘pobre’, tal como registrado no Houaiss (pauper-). No AE não há o registro de *pauper-*.

⁹⁸ No AE e no Houaiss não há uma definição precisa de *comensal*, domínio da ecologia, tal como traz o OED, acepção 2, biologia.

4) ADJ → S_{-dade}

As formações selecionadas são passíveis de serem analisadas porque cumprem a exigência categorial de ter como base um adjetivo, existente ou possível e de ser um nome de qualidade.

As bases, com algumas exceções, têm um tipo estrutural comum e, portanto, recorrente em formações vernaculares, que é o de ter adjetivos derivados por sufixação.

No que se refere ao significado, além do significado descritivo produzido pela regra, é freqüente a ocorrência de significados passíveis de serem explicados a partir de uma regra semântica de concreção, ou de passagem de [+abstrato] a [-abstrato], que é produto da derivação semântica assumida pelo substantivo.

As formações identificadas foram: **Base adjetiva derivada por sufixação:** *excentricidade* (f. excêntrico), *dextralidade* (f. °dextral¹⁰²), *molecularidade*¹⁰³ (f. molecular), *relutividade* (f. relativo¹⁰⁴), *testabilidade* (f. °testável¹⁰⁵).

⁹⁹ Houaiss registra o verbete *adocionismo*, mas o Aurélio registra *adocianismo*. Não é possível compreender a razão pela qual o Aurélio opta pelo uso do segmento *-cian* ao invés do segmento *-cion*. Em inglês a base é *adoption*, terminada pelo sufixo *-tion*; a substituição natural em português seria pelo equivalente *adoção*. O segmento *-cion* em português representa a variante do sufixo *-ção* ativada em contexto derivacional, quando ocorre a adjunção do sufixo *-ismo*.

¹⁰⁰ Segundo Marchand (1969, p. 246), *pedestrian*, em inglês, formou-se em 1716 a partir do modelo de *equestrian*, usado para indicar alguém pertencente a uma classe social ou ordem. Marchand (1969, p.246) observa que um dos usos do sufixo *-ian* em inglês era o seu acréscimo a palavras latinas que denotavam alguém pertencente a uma classe social ou ordem na antiga Roma. A tendência existia no francês antigo também, que formava *patricien* e *plébéin* (ambos do século XIV) a partir do L. *patricius* e *plebeius*. Marchand ressalta, no entanto, que o uso do modelo serviu somente em termos formais, uma vez que “*não havia nada do tipo como uma ordo pedestris em Roma*”.

¹⁰¹ °*Pedestriano* é um adjetivo relacional possível parafraseável por ‘relativo/próprio de pedestre’. Esta construção não existe porque está bloqueada devido à existência do substantivo *pedestre* que pode ocupar a mesma posição adjetival em português.

¹⁰² °*Dextral* é um adjetivo relacional possível com o significado ‘relativo à direita, ao que está à direita’, mas é uma construção redundante uma vez que dextr(i/o)- é um radical adjetivo ‘direito, que está à direita’. Além disso, em português existe o adjetivo *destro*, o qual bloqueia o surgimento de °*dextral*.

5) V → S-ção

Os substantivos deverbais são geralmente associados ao paradigma derivacional que constrói substantivos de ação. No entanto, é possível constatar, segundo Correia (2004a, p. 195) também a existência de um número significativo de substantivos deverbais entre os nomes de qualidade¹⁰⁶. Correia (2004a, p. 217) verificou que os substantivos deverbais assumem o papel de nomes de qualidade sempre que a qualidade denominada é vista como resultando de um processo.

Dentre os dados sob análise, foi identificada apenas uma unidade lexical com essa característica: *conotação* (f. conotar¹⁰⁷).

¹⁰³ A acepção de *molecularidade* no AE e no Houaiss não apresenta um significado composicional previsto pela regra, pois esta é resultado de uma derivação semântica em que há a passagem do significado previsível, possível e [+abstrato] ('propriedade de ser molecular') para [-abstrato], como pode ser observado no anexo deste capítulo.

¹⁰⁴ *Relutivo* pode ser um adjetivo deverbal passível de ser analisado a partir da base verbal *relutar* 'resistir; oferecer resistência; opor forças' e do sufixo -ivo, com o significado parafraseável por 'que é próprio de relutar', mas este significado não é capaz de explicar o significado técnico de *relutivo*, usado no domínio da física. Foi possível identificar, em textos da Internet, o uso de *relutivo* em textos técnicos, transcritos no Caderno de anexos, capítulo 5. Em inglês, no OED, não foi possível identificar acepção técnica do verbo *reluct* e do adjetivo *reluctive*. O OED faz remissão à unidade lexical *reluctance* 'the property, in a magnetic circuit, of opposing to a certain extent the passage of the magnetic lines of force', como sendo esta sinônima do significado de *reluctivity*.

¹⁰⁵ *Testável* é um adjetivo possível porque pode ser analisado como construído a partir da base verbal *testar* e do sufixo -vel com a formação do significado parafraseável por 'que pode ser testado'.

¹⁰⁶ Correia (2004, p. 197) verificou que dentre um grupo de 308 adjetivos 45 (14,61%) apresentam como nome de qualidade um nome deverbal, como, por exemplo: animado/animação; colorido/ coloração; complicado/complicação;aborrecido/aborrecimento;convencido/convencimento; desenvolvido/desenvolvimento.

¹⁰⁷ Neste caso, o verbo *conotar*, já existente no léxico do português, adquiriu um novo sentido proveniente do inglês (acepção 4 de *connote* no OED) pertencente ao domínio da lógica. No Houaiss, este sentido está apresentado na acepção 3, mas no Aurélio não há informação precisa sobre a acepção a que se refere *conotação*.

5.3.1.3. Agentivos deverbais

Estes substantivos foram analisados a partir da RCP AG que analisa substantivos agentivos e instrumentais a partir de verbos, parafraseáveis por “aquele que V” ou por “aquilo que V” ou “instrumento com que se V”, sendo que V tem a categoria morfológica de tema. Os operadores morfológicos identificados foram os sufixos *-nte*¹⁰⁸ e *-dor*.

Além desses substantivos, foram identificadas formações com o sufixo *-or*, antecedido de *t* ou *s*, e uma formação cuja base é um radical verbal.

Em português, as formações terminadas em *-or*, precedidas por um radical de particípio passado latino, são consideradas latinismos. Em português predominam as formações a partir de um radical de particípio passado latino, mas alguns radicais podem ser analisados como radicais verbais, apesar de todos serem provenientes, sob o aspecto histórico, do particípio passado latino, e.g. *cantor* (f. rad. v. cant- do verbo cantar), *consultor* (f. rad. v. consult- do verbo consultar ‘dar parecer’), *defletor* (f. rad. v. deflet- do verbo defletir), etc¹⁰⁹.

Nos dados sob análise, foram identificadas, portanto, construções analisáveis com base em dois modelos: o modelo da RCP AG, cuja base é um tema, e o modelo dos latinismos. As formações analisáveis são: **Base (tema):** *tabulador* ‘aquilo que

¹⁰⁸ Nunes (1989) observa que o sufixo *-nte*, já no latim, era habilitado como substantivo para designar o agente de qualquer dos sexos: *am-ante*, *trat-ante*, *despach-ante*. Em inglês, Marchand (1969, p. 251) afirma que *-ant/-ent* formou várias palavras em inglês, especialmente a partir do modelo latino de formação. Estas palavras são agentivos que, em última instância, remontam ao particípio latino em *-antem*, *-entem* usados como substantivos. As palavras mais antigas registradas são empréstimos do francês, principalmente termos jurídicos como *tenant* 1325, *defendant* 1400, *appellant* 1480 (...). Muitas delas eram analisáveis como derivados do inglês, quando acompanhadas por verbos (como o verbo *appeal*, anteriormente *appel*, sendo *appellant* um derivado deste).

¹⁰⁹ Foi realizada pesquisa no Aurélio a partir da máscara *-tor* a partir da qual foram identificadas 379 unidades lexicais com esta terminação. Excluindo algumas formações que não se inserem no modelo referido, a maioria das unidades em *-or* tem como base um particípio passado latino.

tabula’ (f. tabular²¹¹⁰), *repelente* ‘aquilo que repele’ (f. repelir). **Base (radical de participio passado latino):** *detector* ‘aquilo que detecta’ (f. *detect-* do verbo detectar), *prospector* ‘aquele que prospecta’ (f. *prospect-* do v. prospectar¹¹¹), *rotor* ‘aquilo que rota’ (f. *rot-* do v. *rotar* ‘realizar movimento circular’), *supervisor* ‘aquele que supervisa’ (f. *supervis-* do v. supervisionar). **Base (radical verbal):** *conector* (f. *conect-*¹¹² do v. conectar) ‘aquilo que conecta’.

5.3.2. Estruturas analisáveis por meio de regras de construção de adjetivos

Os adjetivos importados identificados são adjetivos relacionais, adjetivos deverbais e adjetivos de possibilidade.

5.3.2.1. Adjetivos relacionais

Os adjetivos relacionais foram analisados a partir da RCP REL, com a significação genérica de ‘relativo a Sb (substantivo de base), em relação com Sb’, podendo o Sb ser um radical nominal. Admitem-se variantes na significação, dependendo do operador morfológico usado.

Os operadores morfológicos utilizados foram os sufixos *-al*, *-ic-*, *-ist-* e *-ári-*. Há quatro variantes na significação mediante a mudança do operador:

1) *-al*: ‘relativo a Sb, em relação com o Sb’: *computacional* (f. computação¹¹³), *confusional* (f. confusão¹¹⁴), *editorial* (f. editor¹¹⁵), *incremental* (f. incremento¹¹⁶).

¹¹⁰ *Tabular*, entrada segunda tanto no AE como no Houaiss, significa ‘marcar em (máquina de escrever) o(s) ponto(s) em que deve parar o carro quando comprimido o tabulador’, tal como apresentado no Caderno de anexos, capítulo 5.

¹¹¹ O verbo *prospectar* refere-se às acepções do domínio da mineralogia.

¹¹² *Conect-* não é a forma do radical de participio passado latino do verbo *conectar*, pois em latim o radical é *connex-*. Este caso difere dos demais, porque o verbo *connect* do inglês formou-se a partir do radical verbal do verbo latino *conectĕre* e não partir do participio passado latino.

¹¹³ *Computacional* ‘relativo à computação’ refere-se especificamente ao domínio da informática. Não há no AE qualquer informação relativa ao fato de que a unidade lexical importada

2) **-ic-**: ‘que é típico, próprio ou característico de Sb’: *interferométrico* (interferometria)¹¹⁷, *sistêmico* (f. sistema)¹¹⁸).

3) **-ist-**: ‘relativo a Sb’: deflacionista (f. deflação), integracionista (f. integração); ‘que é adepto, simpatizante, partidário de Sb/Rb’: deflacionista (f. deflação), integracionista (f. integração).

4) **-ári-**: ‘relativo a Sb’ : *inflacionário* (f. inflação, Economia).

5.3.2.2 Adjetivos deverbais

Os adjetivos deverbais identificados, terminados pelo sufixo *-iv-*, são analisáveis como formados a partir de uma base constituída por um radical verbal ou um radical culto de participio passado latino (r.p.p.l.) terminado em *-t-* ou *-s-* com o significado genérico do que é ‘que é próprio de/para’.

computacional e a base *computação* pertencerem ao domínio da informática, como pode ser observado no anexo. Ressalte-se que *computação* já existia em português, mas recebeu um novo significado proveniente do inglês.

¹¹⁴ A base *confusão* em *confusional* refere-se à acepção 11 no AE. Neste caso, há informação de que a base *confusão* da unidade lexical importada *confusional* tem uma acepção específica, pertencente ao domínio da psicologia, como pode ser constatada no anexo. No Houaiss, há também indicação da relação entre *confusional* e *confusão* de tipo mental.

¹¹⁵ A base *editor* em *editorial* é polissêmica e não se marca, no AE e no Houaiss, qual a acepção de *editor* a que *editorial* se refere. Tendo em vista o significado de *editor* em inglês, foi possível identificar que a acepção de *editor* em português, tanto no AE como no Houaiss. No AE, a acepção é a 5. Neol. O responsável pela supervisão e preparação de textos especializados numa publicação que abrange assuntos diversos (jornal, revista, obra de referência, etc .

¹¹⁶ O Houaiss não considera a unidade lexical *incremental* como um empréstimo do inglês, tendo em vista que em português esta unidade já era existente. É, no entanto, provável que o português tenha importado do inglês um significado pertencente ao domínio da matemática. Para reforçar esta interpretação, ressalte-se que o PR considera que a unidade lexical *incrément* (incremento), em matemática, foi adotada do inglês.

¹¹⁷ O Houaiss não considera a unidade lexical *interferométrico* como um empréstimo do inglês, embora registre a base *interferometria* como um empréstimo do inglês.

¹¹⁸ A base *sistema* ‘organismo como uma totalidade’ pertence ao domínio da medicina.

Sandmann (1989, p. 62) considera também que o sufixo *-iv-* pode ser acrescido a bases substantivas. Os exemplos citados são: *autogestivo*, derivado de *autogestão* ‘administração de uma empresa pelos empregados’; *automotivo*; *televisivo*.

Corroborando a análise de Sandmann, Marchand (1969, p.316) aponta a ocorrência de uma relação, existente desde o latim, que combina os adjetivos em *-ivo* aos substantivos em *-ion*. Assim, em inglês é possível estabelecer uma alternância, como em *affective/affection*, cujo adjetivo tem o significado de ‘característico de, pertencente ao que é denotado pelo outro membro’ (o substantivo).

As formações identificadas com o sufixo *-iv-* são: *congestivo*, *conotativo*, *convectivo*, *introspectivo*, *implosivo* e *impressivo*. Todas essas formações podem ser relacionadas lexicalmente ao respectivo substantivo e são analisáveis a partir do modelo denominal. Os significados parafraseáveis são respectivamente: i) ‘que é próprio de aversão’, ‘que é próprio de congestão’; ‘que é próprio de conotação’; ‘que é próprio de convecção’; ‘que é próprio de implosão’; ‘que é próprio de introspecção’; ‘que é próprio de impressão’¹¹⁹.

Em termos formais, algumas das bases em português são explicadas somente em termos históricos¹²⁰, sendo constituídas por um radical de particípio passado latino: *aversivo* (f. *avers-*, r.p.p.l. *aversum* do verbo *āvērtō* ‘voltar de uma para outra parte’), *congestivo* (f. *congest-*, r.p.p.l. de *congestum* do verbo *congerēre* ‘amontoar, acumular, empilhar’), *conotativo*¹²¹ (f. *conotat-*, r.p.p.l. de *connotātus*), *convectivo* (f. *convect-*, r.p.p.l. de *convectus* do verbo *convehēre* ‘levar, transportar, carregar’), *introspectivo* (f. *introspect-*, r.p.p.l. de *introspectiō,ōnis* ‘ação de olhar para dentro’; *impressivo* (f. *impress-*, do r.p.p.l. de *impressio, onis* ‘ação de marcar, calcar por pressão’).

¹¹⁹ *Impressão* refere-se à acepção 5 do Aurélio ‘Influência que um ser, um acontecimento, uma situação exerce em alguém ...’.

¹²⁰ Em inglês, algumas bases são verbos provenientes do radical de particípio passado latino, e.g. *averse* (aversive) *congest* (congestive), *introspect* (introspective), *impress* (impressive).

¹²¹ Acepção com a marca fil. (filosofia).

5.3.2.3 Adjetivos de possibilidade

S → ADJ_{-vel}: *palatável* (X = palato), *rentável* (X = °renta)

O modelo existente em português para analisar adjetivos de possibilidade é a RCP Modal. As formações identificadas, *palatável* e *rentável*, não podem, no entanto, ser analisadas em português a partir desse modelo, pois este se caracteriza pelo acréscimo do sufixo *-vel* a temas verbais, sobretudo transitivos, para formar adjetivos que qualificam substantivos como possíveis pacientes ou afetados pelo processo verbal, parafraseáveis por ‘que pode ser V-do (*adorável, consumível, lavável, removível*).

Sandmann (1989, p. 58), no entanto, considera possível a construção de formações denominais (e.g. *agriculturável, colunável, ministeriável, papável, presidencial*), parafraseáveis por ‘digno de ser V-do em Sb’, mas observa que este modelo é importado, haja vista a forte ocorrência de formações dessubstantivais em outras línguas românicas, principalmente no francês.

Em inglês, as respectivas formações têm base verbal segundo o OED, mas Marchand (1969, p. 231) afirma que *palatable*¹²² tem base nominal. Acrescenta ainda que este modelo de formação com o sufixo *-able* (*-vel* em português) foi adotado do francês pelo inglês. Forma derivados deverbais com um sentido ativo ‘fit for doing’ (capaz de V) ou passivo ‘fit for being done’ (capaz de ser V-do), assim como derivados denominais, mas nunca os últimos foram tão freqüentes como os primeiros.

Os derivados nominais podem ter dois significados: i) ‘caracterizado por Sb, mostrando Sb’, como *profitable, reasonable, charitable*, etc; ii) um significado passivo, tal como a paráfrase ‘passível de V em/para Sb’ no exemplo de Marchand

¹²² Marchand atribui base nominal com significado ‘passivo’ a *palatable*. O significado parafraseável deve ser ‘suitable for being acceptable to the palate’ (passível de ser aceito pelo palato). Outros exemplos citados por Marchand são “carriageable 1813, clubbable 1783, fissionable, magazineable 1906 ‘suitable for printing in a magazine’, marketable 1600, marriageable 1555, objectionable 1781, palatable 1669, razorable, saleable 1530.

(1969, p.231): *magazinable* ‘suitable for printing in a magazine’ (passível de ser impresso em uma revista).

Em português, *palatável* e *rentável* foram analisados a partir de *palato* e *°renta*¹²³ tendo em vista:

- i) que o português possui um grupo de formações denominais com um significado passivo, tal como apresentado por Sandmann;
- ii) ser possível interpretar *palatável* como ‘passível de ser aceito pelo palato’, e *rentável* como ‘passível de dar renda’;
- iii) a não-existência dos verbos *palatar e *rentar, tal como o inglês *palate* e *rent*.

5.3.3 Estruturas analisáveis por meio de regras de construção de verbos

As formações verbais importadas são analisáveis a partir de três regras existentes em português que analisam 1) verbos isocategoriais, com o significado de “praticar, exercer, executar a ação designada por V”¹²⁴; 2) verbos denominais e 3) verbos de mudança de estado, construídos por derivação afixal a partir de substantivos ou adjetivos¹²⁵.

Nos itens 1) e 2), os sufixos que servem à regra são *-a(r)*, mais freqüente, ou *-i(r)*, menos comum, considerados um sufixo derivacional¹²⁶. Em termos de significado

¹²³ O substantivo *renta* não é interpretável em termos sincrônicos, mas é uma forma anterior de *renda*, anterior à sonorização do *t* em *d*, específica do século XIII segundo o Houaiss. Ambas as formas são particulares de períodos diferentes na história do português e tiveram origem a partir da forma **rendita* do latim vulgar (= latim clássico *reddita*) ‘renda, lucro, receita’, o que permite considerar *renta* uma palavra presente no fundo lexical do português. Ressalte-se que o AE e o Houaiss registram *rentista* ‘que ou aquele que vive exclusivamente de rendas, de rendimentos’. Esta definição permite relacionar *rentista* com *renda*. *Rentista*, contudo, não é uma formação do português, mas um empréstimo do espanhol.

¹²⁴ Com base em Rio-Torto (1998a, p. 114).

¹²⁵ Rio-Torto (1998a, p. 104) denomina tal regra de RFP MUDANÇA.

¹²⁶ Tendo em vista os argumentos estabelecidos na proposta de Basílio (1993, p.297) e Basílio e Martins (2002, p.378-380), assim como o estudo crítico de Rio-Torto (1998a) em relação às duas primeiras propostas, consideramos que a vogal temática (VT) *-a-* poderá exercer o papel de

produzido, as formações em $-a(r)$ caracterizam-se por ser menos condicionadas em relação às bases que selecionam, além do fato de o sufixo $-a(r)$ ser neutro em termos de contributo semântico. Dessa forma, é possível apenas prever que o significado parafraseado pela formação verbal é “designar ação, processo ou evento relacionado com/designado por Xb”.¹²⁷

No item 2), há casos construídos por sufixação e por circunfixação (adjunção simultânea de um operador descontínuo a uma base dando origem a um produto heterocategorial)¹²⁸. No primeiro caso, os sufixos usados são $-iz-$ e $-fic-$; no segundo, os circunfixos usados são $a-...-a-$ e $en-...-a-$. Os verbos explicitam uma mutação de um estado inicial em um estado final, que se reveste das seguintes modalidades, com base em Rio-Torto (1998a, p. 120):

- (i) afetação/transferência de uma propriedade (que define a base predicativa), afetação que é traduzível pela paráfrase “transformar em/tornar(-se)

sufixo derivacional na formação de temas verbais denominais ou formados a partir de radicais simples ou primitivos, sempre que, como afirma Rio-Torto (1998a, p. 322), “não estão em jogo outros segmentos que, à direita da base, assegurem a relação derivacional”. Este tipo de sufixação encarrega-se da estruturação do tema. Rejeita-se, portanto, a hipótese de que a formação destes verbos pode ser explicada por um processo de conversão (substantivo para verbo), a partir do qual se dá a emergência da vogal temática desencadeada pela categorização verbal. Além da possibilidade de considerar a VT um operador derivacional, Rio-Torto considera que a VT possa funcionar cumulativamente como um integrador paradigmático. A proposta de Basílio (1993), assim como a de Rio-Torto (1998a) são adequadas para a compreensão das estruturas verbais importadas uma vez que algumas bases destas formações são radicais verbais e não substantivos. Nesta situação, o radical nada mais é do que o verbo usado em inglês que necessita estar preparado para ser usado no paradigma verbal em português.

¹²⁷ Rio-Torto (1998b, p. 323) afirma que são escassas as informações disponíveis em português sobre as relações semânticas que presidem aos diferentes tipos de verbalizações. Acrescenta que a análise da estrutura semântica tem sido feita em torno de duas dimensões: a aspectualidade e a estrutura argumental. O presente trabalho não desenvolveu, no entanto, nenhuma destas duas dimensões.

¹²⁸ Rio-Torto (1998b, p. 3) apresenta exemplos de circunfixação: $a-...-iz-$ (*atemorizar*), $a-...-ec-$ (*amadurecer*), $en-...-ec-$ (*envelhecer*).

PRED¹²⁹: *estandardizar*, *estrobilizar*¹³⁰, *imunizar*, *inicializar*, *maximizar* e *equalizar*;

- (ii) afetação/transferência de Nb, traduzível pela paráfrase “prover de Nb”:
embolizar, *aculturar*, *enculturar*, *toxificar*¹³¹.

As verbalizações são apresentadas a seguir:

5.3.3.1 Verbos isocategoriais e denominais

1) Isocategoriais¹³²

Rv → V_{-a(r)}

conect-	→ conectar
conot-	→ conotar (filosofia) ¹³³
desapont-	→ desapontar ¹³⁴
detect-	→ detectar
extradit-	→ extraditar
format-	→ formatar
indent-	→ indentar ¹³⁵

¹²⁹ PRED designa um predicativo expresso por um substantivo ou por um adjetivo. Rio-Torto (1998a, p. 120) chama a atenção para o fato de que há divergência de relações semântico-derivacionais se a base for um substantivo ou se for um adjetivo. Quando se trata de produtos que têm por base substantivos, as relações semântico-derivacionais podem ser (“transformar(-se) em Nb (nome de base)”, “prover de Nb”, “causar Nb”). Quando a base é um adjetivo, a relação semântica instaurada é apenas parafraseável por “transformar(-se) em Ab (adjetivo de base)”, “tornar-se Ab”.

¹³⁰ Esta é a base possível de *estrobilização*.

¹³¹ Esta seria a base do verbo existente *destoxificar* que, por sua vez, é a base de *destoxificação*.

¹³² Nestas formações, o radical verbal traz o significado importado.

¹³³ O radical verbal existente conot- adquiriu um novo significado, específico da filosofia, sob a influência do inglês.

¹³⁴ O verbo *desapontar* ‘iludir(-se) em seus desejos e/ou expectativas’, importado do inglês, é um decalque morfológico, com a substituição literal dos morfemas *dis-* por *des-* e *appoint* por *apontar*. Neste verbo é possível identificar apenas um radical simples, seguido do sufixo derivacional *-a-*, conforme a estrutura:

[[desapont-]_{RV} (-a-)_{suf. tem.}]_V. O português tem um verbo homônimo *desapontar* ‘tirar da pontaria’, analisável como construído pela prefixação do prefixo *des-* ao verbo *apontar* ‘pôr em pontaria’, tendo a seguinte estrutura morfológica: [[des-]_{PREF} [apontar]_V]_V. Observe-se que as estruturas são diferentes, o que reforça a evidência de homonímia. Não é à toa que os dicionários AE e Houaiss abrem uma entrada para cada verbo.

interfer- → interferir¹³⁶
mix- → mixar
tabul- → tabular

2) Denominais

S → V_{-a(r)}

acesso → acessar
escâner → escanear
estresse → estressar
estróbilo → °estrobilar¹³⁷

As formações são consideradas denominais tendo em vista três critérios, estabelecidos em Basílio e Martins (2002, p.384)¹³⁸, especialmente quando é impossível estabelecer uma motivação segura de direcionalidade a partir de critérios sintático-semânticos:

- i) critério morfológico, por meio do qual a direcionalidade é determinada em termos morfológicos: o substantivo deve ser considerado básico e o verbo derivado nos pares S/V;

¹³⁵ Em inglês, há dois verbos *indent*; um deles é uma adoção do francês *endenter* ‘prover de dentes’, o outro foi construído em inglês, com o significado de ‘formar uma amassadura; fixar/marcar por pressão’. O OED abre uma entrada para cada verbo, mas o AE apresenta os dois significados na mesma entrada. Seria, no entanto, aconselhável separar as entradas, tendo em vista que os verbos são homônimos, como evidencia a etimologia diversa.

¹³⁶ Há divergência quanto à etimologia do verbo *interferir*: o AE afirma que *interferir* foi adotado do francês e o Houaiss do inglês. Foi decidido, no entanto, que *interferir* foi adotado do inglês tendo em vista a seguinte consideração: o verbo *interfere* do inglês foi adotado do francês antigo *entreféir* ‘colidir um com o outro’, mas em inglês este verbo assumiu outros significados, tal como pode ser observado nas acepções da entrada de *interfere* no OED, no anexo. Foram especialmente as acepções 2 (referente ao domínio da física e de telecomunicações) e as acepções 4a. e b. do OED que foram adotadas pelo português; estas acepções estão registradas no AE e no Houaiss. Para reforçar a interpretação feita, ressalte-se que a entrada *interférer* do PR, pertencente ao domínio da física, tem a marca de adoção do inglês *interfere*.

¹³⁷ Esta é a base possível de *estrobilação*.

¹³⁸ Basílio e Martins (2002) discutem algumas propostas a respeito da direcionalidade da relação V/S (verbo/substantivo), para a identificação de verbos denominais.

- ii) não-correspondência do substantivo a uma interpretação verbal (como olho/olhar; local/localizar)¹³⁹,
- iii) denotação, por parte do substantivo básico, de um papel temático da situação.

As bases identificadas enquadram-se nos critérios acima, quer dizer: critério morfológico pois é o verbo que leva a marca de derivação; os substantivos não têm interpretação de ação verbal e denotam um papel temático, respectivamente: acesso (locativo virtual), escâner (instrumento), estresse (tema) e estróbilo (tema).

5.3.3.2 Verbos de mudança de estado

1) V_{-iz-a-r}

1.1) Base: Substantivo

S → V_{-iz-a-r}
 standard¹⁴⁰ → (e)standardizar ‘transformar em standard’
 estróbilo → estrobilizar¹⁴¹ ‘transformar em estróbilo’

1.2) Base: Adjetivo

A → V_{-iz-a-r}
 inicial → inicializar ‘tornar inicial’
 máximo → maximizar ‘tornar máximo’

2) S → V_{-fic-a-r}

tóxico → toxificar ‘prover de tóxico’

O verbo *toxificar* é a base do verbo *destoxificar*, formado pela prefixação do prefixo *des-* à base *toxic-*, com o significado parafraseável por ‘realizar a ação contrária de Vb’. Assim, *destoxificar* quer dizer ‘realizar a ação contrária de toxificar’.

¹³⁹ Se o substantivo tem significado de ação, este é um argumento para considerá-lo deverbal, como o substantivo *luta*, considerado uma formação deverbal a partir do verbo *lutar*. Assim, na identificação de verbos denominais, os substantivos que não possuem interpretação verbal são os melhores candidatos à base de verbos denominais.

¹⁴⁰ Identifica-se a ocorrência de prótese na base *standard*: acréscimo da vogal [e] no início da unidade lexical.

¹⁴¹ A unidade lexical *estrobilizar* é a base de *estrobilização* no item 5.3.1.1.

O tema verbal *destoxifica-*, por sua vez, é a base de *destoxificação*. A estrutura é representada da seguinte forma:

$$[[des- [[t\u00f3xico]_S (ific-)_{suf}]_{RV}]_{RV} (-a-)_{Suf. Tem.}]_{TV} -\u00e7\u00e3o]_S$$

3) en-Xb-a-
*enculturar*¹⁴²

‘prover de cultura’

5.3.4 Regras de truncamento

Corbin (1987, p. 283) considera as regras de truncamento um mecanismo para o tratamento das subregularidades parcialmente previsíveis. No componente lexical proposto por Corbin (1987), as regras de truncamento, assim como as regras de alomorfa, são chamadas de regras ‘menores’ e são posteriores e subordinadas às regras de construção de palavras (RCP).

A hipótese subjacente é a de que as palavras construídas são de responsabilidade das RCPs e que as eventuais distorções semânticas ou formais em relação às propriedades previsíveis são de responsabilidade das regras ‘menores’ do componente convencional.

Corbin (1987, p. 341) entende que o truncamento é o apagamento de um segmento de uma base, construída ou não-construída, em um contexto derivacional. Este segmento pode ser um afixo ou um segmento de afixo, ou mesmo uma terminação não segmentável em termos morfológicos de uma base não-construída.

As estruturas da regra de truncamento proposta por Corbin (1987, p. 346) podem ser de dois tipos:

$$F1 \quad [(Y)_{af} \quad [xX]_A \quad]_B$$

(T+) (+T)

¹⁴² Esta é a base de *enculturação* no subitem 5.3.1.1.

$$F2 \quad [[Xx]_A \quad (Y)_{af} \quad]_B \\ \quad \quad \quad (+T) \quad \quad (T+)$$

em que Y designa um afixo truncador, xX e Xx uma base suscetível de ser truncada, e x pode ser um afixo ou um segmento qualquer inferior ou igual a uma sílaba, T um traço relevante às regras de truncamento, A e B as categorias lexicais maiores. Corbin (1987, p. 347) esclarece que o elemento truncador é sempre um afixo, mas o elemento a ser truncado não o é necessariamente. Acrescenta ainda que o traço T+ serve para acionar a regra de truncamento quando a base está marcada com o traço +T.

Nos dados sob análise, foram identificadas estruturas do tipo F2:

1) Substantivo: *-ic-* → *-ismo*

hipnótico → hipnotismo $[[hipnót(-ic-)]_{ADJ} \quad (-ismo)_{suf}]_S$

A unidade lexical *hipnotismo* é considerada um substantivo que denomina uma técnica a partir da base adjetiva *hipnótico*.¹⁴³

2) Adjetivos:

2.1) *-ismo* → *-ista*

As unidades lexicais identificadas em *-ista* podem ser analisadas como adjetivos denominais que denominam uma filiação parafrasável por ‘que é adepto, simpatizante, partidário de Nb’. O Nb (nome de base) refere-se a uma doutrina ou orientação política, sociológica, literária ou filosófica. É comum, posteriormente, a

¹⁴³ Correia (2004, p. 291-295) faz uma descrição da semântica das bases de *-ismo*. No caso em questão, *hipnótico* pode ser considerado um tipo de base que qualifica uma entidade humana, ou produção humana, ou entidade vista como humana.

conversão destes adjetivos a substantivos agentivos que designam “o agente humano, adepto ou partidário do Nb”. As unidades identificadas são a seguir apresentadas:

adventismo	→ adventista	[[advent(ismo)] _S (-ista) _{suf}] _{ADJ}
colaboracionismo	→ colaboracionista	[[colaboracion(ismo)] _S (-ista) _{suf}] _{ADJ}
conformismo	→ conformista	[[conform(ismo)] _S (-ista) _{suf}] _{ADJ}
egotismo	→ egotista	[[egot(ismo)] _S (-ista) _{suf}] _{ADJ}
fundamentalismo	→ fundamentalista	[[fundamental(ismo)] _S (-ista) _{suf}] _{ADJ}
imagismo	→ imagista	[[imag(ismo)] _S (-ista) _{suf}] _{ADJ}
imperialismo	→ imperialista	[[imperial(ismo)] _S (-ista) _{af}] _{ADJ}
instrumentalismo	→ instrumentalista	[[instrumental(ismo)] _S (-ista) _{suf}] _{ADJ}
marginalismo	→ marginalista	[[marginal(ismo)] _S (-ista) _{suf}] _{ADJ}
turismo	→ turista	[[tur(ismo)] _S (-ista) _{suf}] _{ADJ}

2.2) -ência → -iv-

resistência	→ resistivo	[[resist(ência)] _S (-iv-) _{suf}] _{ADJ}
-------------	-------------	---

Resistivo é interpretável como ‘que é próprio de resistência’, pertencente ao domínio da eletricidade.

3) Verbos: -ári- → -iz-; -iv- → -iz-

sanitário	→ sanitizar ¹⁴⁴	[[sanit(-ári-)] _{ADJ} (-iz-) _{suf}] _V
derivativo	→ derivatizar ¹⁴⁵	[[derivat(-iv-)] _{ADJ} (-iz-) _{suf}] _V

Sanitizar pode ser analisado como um verbo de mudança de estado. Em *sanitizar*, a base adjetival *sanitário* (relativo à higiene) é parafraseável por ‘tornar sanitário’.

Por último, *derivatizar* pode ser analisado como um verbo de mudança de estado, formado a partir do adjetivo *derivativo*¹⁴⁶, com o truncamento do sufixo -iv-. A

¹⁴⁴ *Sanitizar* é a base de *sanitização* (subitem 5.3.1.1).

¹⁴⁵ *Derivatizar* é a base de *derivatização* (subitem 5.3.1.1).

¹⁴⁶ Derivativo tem acepção específica do domínio da química.

opção de analisar a construção da unidade lexical *derivatizar* como um processo de truncamento teve duas razões principais:

- i) o fato de existir na língua um caso de truncamento (o caso de *normalizar*)¹⁴⁷;
- ii) o fato de a base *derivativo* ter acepção pertencente ao domínio da química; a unidade lexical *derivatização* refere-se também ao mesmo domínio de especialidade.

Derivatizar pode então ser parafraseado por ‘transformar em derivativo (química)’¹⁴⁸.

5.4 Síntese do capítulo

Foram identificadas unidades lexicais importadas passíveis de análise por meio de um processo morfológico existente em português, caracterizado, na maioria dos casos, por operações de sufixação e, em uma proporção menor, por um processo de truncamento.

As estruturas analisáveis foram atribuídas a três classes de palavras: substantivos, adjetivos e verbos. Os substantivos são classificados em substantivos de ação deverbais, nomes de qualidade e agentivos deverbais. Os adjetivos, por sua vez, são adjetivos de relação denominais, deverbais e de possibilidade. Por último, os verbos são de três tipos: isocategorias, denominais e verbos de mudança de estado.

As unidades lexicais importadas representam, em alguns casos, unidades lexicais complexas especialmente construídas em português para se ter uma unidade lexical equivalente à unidade na língua de procedência do empréstimo, como, por

¹⁴⁷ Em português não é freqüente o truncamento de *-ivo* por *-iz-*, mas pode ocorrer. Foi realizada uma pesquisa eletrônica no AE a partir da máscara **tizar* para verificar se estas formações poderiam ter como base um adjetivo em *-ivo* truncado por *-iz-*. Foram obtidas 122 formações terminadas em **tizar*, e apenas uma, *normalizar*, teve como base um nome terminado em *-vo*, no caso a base *normativo*.

¹⁴⁸ Tendo em vista as razões acima, foi descartada uma outra análise que poderia considerar a unidade lexical *derivatizar* como mal-formada, tendo em vista que o segmento *derivat-* não é interpretável em termos sincrônicos. Na sincronia atual, a base deveria ser *derivado* e o produto *°derivadizar*. Esta análise foi, no entanto, descartada tendo em vista as razões acima.

exemplo, *aculturação, braquiação, especiação, estivação, resiliência, acurácia, instrumentalismo, marginalismo, fisicalismo, excentricidade, dextralidade, tabulador, conector, detector, editorial, sistêmico, convectivo, implosivo, impressivo, palatável, rentável, conectar, desapontar, conectar, eletrocutar, formatar, indentar, estandardizar, inicializar, contracepção, adventista, colaboracionista, egostista, conformista, imagista, marginalista*, etc. Em outros casos, a unidade lexical já era existente e assimilou o significado estrangeiro, como os casos de *eluição, conotação, gratificação, importação, imperialismo, incremental, conotativo, conotar*.

Os constituintes na posição de base são ou unidades lexicais já existentes, que receberam um novo significado, alguns deles particulares ao domínio técnico-científico, como, por exemplo, *coacervar (coarcervação), equalizar (equalização), gratificar (gratificação), estivar (estivação), importar (importação)*, etc, ou são unidades lexicais possíveis que passaram a existir por serem constituintes de uma estrutura maior; este é o caso, por exemplo, de alguns substantivos de ação deverbais cujo verbo não existia no léxico do português, mas passou a existir uma vez que é constituinte de base do substantivo de ação (e.g. *aculturar (aculturação), braquiar (braquiação), nidar (nidação), especiar (especiação), destoxificar (destoxificação), derivatizar (derivatização), embolizar (embolização), enculturar (enculturação), faringalizar (faringalização), indentar (indentação), inicializar (inicialização), quelar (quelação), sanitizar (sanitização)* e outros.

É importante ressaltar a discrepância entre o significado abstrato que é produto da operação de análise da estrutura morfolexical e a definição registrada nos verbetes do dicionários, Aurélio e Houaiss, a partir dos quais os dados foram recolhidos.

A definição nos dicionários não é, em muitos casos, morfossemântica, e não possibilita, conseqüentemente, referência à estrutura morfológica e ao significado previsível. Tal fato, no entanto, não impede que a unidade seja analisável, mesmo que o significado importado do inglês seja resultante de uma derivação semântica, como, por exemplo, de metáforas, metonímias.

CAPÍTULO 6

ESTRUTURAS COMPLEXAS NÃO-CONSTRUÍDAS

6.1 Introdução

No presente capítulo, são apresentadas as unidades lexicais importadas cuja estrutura interna foi considerada complexa não-construída. Estas estruturas são complexas porque dispõem de ao menos dois constituintes, um na posição de base e outro na posição de afixo; são não-construídas porque a estrutura morfológica e o significado somente se sobrepõem parcialmente.

Nestas estruturas, identifica-se um constituinte que pode ser considerado como pertencente à categoria de afixo. Na posição de base, no entanto, são identificadas restrições que impedem considerar o constituinte como base em uma operação de construção da estrutura morfolexical, tendo em vista as exigências delimitadas no subitem 4.5 (Princípios teórico-metodológicos para a análise morfolexical).

6.2 Alguns princípios orientadores da análise dos dados

As estruturas identificadas são complexas não-construídas porque possuem uma estrutura interna na qual não é identificável uma base, mas apenas um constituinte pertencente à categoria de afixo.

Os afixos identificados marcam, em especial, a categoria lexical (substantivo, adjetivo e verbo) e atribuem a categoria morfossintática de gênero¹⁴⁹. Tendo em vista

¹⁴⁹ Corbin (1987, p. 444, 454 e p. 458) dividiu as informações atribuídas pela RCP e pelo afixo em uma operação de construção da estrutura morfolexical. Os afixos contêm informações referentes aos traços diacríticos (traços condicionantes – alomorfias, truncamentos - que atuam na afixação) e ao traço de gênero.

a unidade lexical ter sua estrutura morfológica parcialmente sobreposta ao significado, não é possível identificar a atribuição da informação semântica tal como seria previsível em uma operação de construção da estrutura morfolexical pertencente a uma regra de construção de palavras do português.

Com relação ao constituinte na posição de base, tem-se, em alguns casos, a substituição do constituinte do inglês por um constituinte cognato em português; em outros, mantêm-se o constituinte do inglês, obtendo-se uma estrutura híbrida.

As estruturas foram consideradas não-analisáveis devido à ocorrência de diversos tipos de restrições, a seguir apresentados, resultantes de uma especificidade em relação à(ao): i) base que não é interpretada em português, especialmente no que se refere à categoria morfológica (tema, radical, palavra) e à categoria lexical (substantivo, adjetivo, verbo), e ii) significado derivado, que não pode ser previsto segundo uma regra existente em português.

Na posição de base, foram identificados dois tipos de constituintes que não podem ser considerados base, representados por meio de dois sinais diferentes:

1) ‘?’ para informar que o segmento não existe, e nem é possível propor um segmento possível, quer dizer existente somente virtualmente. O segmento com este sinal não pode ser considerado um signo (significante e significado) no léxico e não pode, conseqüentemente, cumprir as exigências da categoria base; estes segmentos são chamados de inexistentes;

2) ‘*’ para informar que o segmento é gramaticalmente incorreto na posição de base, porque ocorre alguma restrição que bloqueia o seu uso como base da estrutura sob análise; os segmentos com este sinal são denominados de segmentos impossíveis.

6.3 Estruturas não-analisáveis: tipos de restrições

6.3.1 Segmentos inexistentes na posição de base

O segmento que ocupa a posição de base não é reconhecido como um elemento pertencente ao léxico do português. Este segmento não é recorrente em outras formações e não têm, conseqüentemente, uma interpretação semântica em português. A seguir são apresentadas as estruturas morfológicas identificadas em português, com informação sobre a estrutura morfológica em inglês e a estrutura obtida em português:

6.3.1.1 [?X (-ção)_{suf}]_S

Inglês	Português
[Xtion] _S enation eluviation motion	[... (-ção) _{suf}] _S enação (?ena-) eluviação (?eluvia-) moção (?mo-)
[[X] _V (-tion) _{suf}] _S [[deflate] _V (-tion) _{suf}] _S <i>deflation</i>	[... (-ção) _{suf}] _S deflação (?defla-)

As formações acima representam adaptações com a substituição do sufixo *-tion* do inglês pelo *-ção* do português. As três primeiras unidades lexicais em inglês são adaptações de empréstimos adotados do latim; a última, *deflation*, é uma construção realizada no próprio inglês¹⁵⁰, analisável a partir de um modelo adotado do latim que constrói substantivos deverbais de ação a partir do sufixo *-tion*.

O português dispõe de estruturas terminadas com o sufixo *-ção* que i) provieram do latim e não são analisáveis em termos sincrônicos; ii) foram construídas em português a partir do modelo latino, cognato ao do inglês, que constrói

¹⁵⁰ São adoções do latim ou do francês: *enation* < lat. *ēnātiōn-em* ‘excrecência’; *eluviation* < lat. **ēluviatiōn-em*, nome de ação do verbo *ēluere* ‘lavar, purificar’ e *motion* < fr. *motion*. A construção *deflation* (f. *deflate*) é uma formação construída no inglês com o sufixo *-tion* (este sufixo se tornou independente e passou a formar substantivos deverbais tal como o modelo latino que formava nomes de ação a partir de verbos, especialmente radicais de particípio passado). As informações a respeito do sufixo *-tion* no inglês foram retiradas de Marchand (1969, p. 259-261).

substantivos deverbiais com o sufixo *-ção*, representado pela operação $V \rightarrow S_{-ção}$. Esta operação existente não é, no entanto, capaz de analisar as unidades lexicais importadas.

6.3.1.2 [$?X(-ncia)_{suf}$]_S

[$[X]_V(-ence)_{suf}$] _S deterrence ¹⁵¹	[...(-ncia) _{suf}] _S deterência (?deterre-; ?deterrente)
--	--

A operação morfológica existente em português para análise de substantivos de ação terminados com o sufixo *-ncia* é $V \rightarrow S_{-ncia}$, cuja origem é cognata ao modelo em inglês¹⁵². Esta operação, no entanto, não pode analisar a unidade lexical importada do inglês, pois esta última não dispõe de uma base verbal interpretável em português.

6.3.1.3 [$?X(-ia)_{suf}$]_S

[$[X]_{ADJ}(-ance/-ence)_{suf}$] _S compliance luminance susceptance	[...(-ia) _{suf}] _S compliância (?compliance) luminância (?luminante) susceptância (?susceptante; *suscetível)
---	---

¹⁵¹ O OED afirma que *deterrence* foi formado em inglês a partir de *deterrent* ‘que afasta, dissuade’, do latim *dēterrēnt-em*, participio presente do verbo latino *dēterrēre* ‘afastar, desviar de, dissuadir’, constituído por *de-* + *terrēre* ‘atemorizar, horrorisar’ (NDLP). Marchand (1969, p. 248), no entanto, inclui, no subitem 4.8.2, a formação *deterrence* como derivada do verbo *deter* ‘to prevent or discourage from acting, as by means of fear or doubt’ (AHD), também originário do verbo latino *dēterrēre*. A despeito desta divergência, Marchand (1969, p. 249) ainda afirma que, mesmo que não haja base verbal, há casos de substantivos de ação em inglês em que a base é um adjetivo em *-ant*, *-ent*. Nestes casos, é necessário que a formação denote um sentido de ação. O substantivo *deterrence*, neste caso, tem o sentido de ação: ‘Ato ou efeito de impedir o ataque de um possível agressor mediante intimidação’ (AE).

¹⁵² Conforme Marchand (1969, p. 248), o sufixo *-ance* constrói substantivos deverbiais com o significado ‘estado, ato, fato de –’. Este sufixo vem do francês antigo *-ance* que, por sua vez, se remonta ao L. *-antia* e *-entia*. O sufixo ganhou rapidamente força no inglês. Já no início do século XV é possível encontrar derivados de verbos nativos, tais como *utterance* 1436 (motivado talvez por *resistance* 1440), atraindo também a palavra *furtherance* 1440. Os verbos de origem românica eram os mais favorecidos, tais como: *admittance*, *clearance*, *compliance*, etc.

calorescence¹⁵³

calorescência (?calorescente)

Compliance (mecânica), *luminance* (física) *susceptance* (eletricidade) e *calorescence* (física) não expressam a idéia de ação, mas de estado ou qualidade, tal como pode ser observado nos verbetes no Caderno de Anexos. Em inglês, são analisáveis como substantivos deadjetivais construídos com o sufixo *-ance* ou *-ence*.¹⁵⁴ Em geral são construídos a partir de adjetivos em *-ant*, *-ent*, como em *compliance* (f. *complaint*) e *luminance* (f. *luminant*), mas o inglês passou também a construir a partir de adjetivos que não necessariamente terminavam em *-ant/-ent*, como é o caso de *susceptance* (f. *susceptible*), além de também possuir construções irregulares como *calorescence*, considerada pelo OED uma formação irregular a partir do latim *calor* ‘calor’ com base em formações como *calcescence* e *fluorescence*.

Em português, existe um modelo cognato para análise de substantivos de estado ou qualidade; estes são representados pela operação ADJ_{-nte} → S_{-ia}. Esta operação não pode analisar as estruturas importadas porque não há base adjetiva possível terminada em *-nte*. A análise como nomes de qualidade derivados de verbos (temas)¹⁵⁵ também não é possível, haja vista não se reconhecer em português os segmentos: ?*complia-*; ?*lumina-*; ?*suscepta-* e ?*caloresce-*.

¹⁵³ É uma formação irregular segundo o OED.

¹⁵⁴ Segundo Marchand (1969, p. 249), os sufixos *-ancy*, *-ency* formam substantivos abstratos a partir de substantivos e adjetivos em *-ant*, *-ent* com o significado ‘estado ou qualidade de ser ____’. Havia, no entanto, a tendência de utilizar os sufixos *-ance*, *-ence* ao invés de *-ancy*, *-ency*, sendo estes últimos preteridos para a formação de substantivos deadjetivais. Marchand afirma que *fragrance* provou ser mais forte do que *fragrancy*, *intelligence* do que *intelligency*, *observance* do que *observancy*, etc. Este processo surgiu em inglês sob a influência de substantivos latinos abstratos em *-antia*, *-entia* construídos a partir de adjetivos em *-ant*, *-ent*. Os sufixos *-ancy*, *-ency* funcionavam como equivalentes desses empréstimos do latim e como forma de estabelecer uma diferença com os sufixos *-ance*, *-ence*, formadores de substantivos deverbais com a idéia de ação. Alguns exemplos são: *inherence* 1577 pertence a *inhere* 1586, *inherency* 1601 a *inherent* 1578, *insistence* 1611 a *insist* 1586, *insistency* 1859 a *insistent* 1624, *tendency* 1628 a *tendent* 1340, *compliance* 1641 a *comply* 1602, *compliance* 1643 a *compliant* 1642.

¹⁵⁵ Correia (2004, p. 195) defende a possibilidade de formar nomes de qualidade a partir de substantivos deverbais em *-ncia*.

6.3.1.4 [?X (-idade)_{suf}]S

[[X] _{ADJ} (-acy) _{suf}]S	[... (-i)dade) _{suf}]S
[[private] _{ADJ} (-acy) _{suf}]S	
<i>privacy</i>	<i>privacidade</i> (?privac-)

O sufixo *-ia* átono em português seria o sufixo equivalente imediato do sufixo *-acy* em inglês¹⁵⁶. No caso em questão, o sufixo escolhido foi, no entanto, *-(i)dade*. Não é possível afirmar, com certeza, o porquê da escolha de *-(i)dade* em detrimento de *-ia*. Precisava-se, é certo, de uma estrutura capaz de denominar um nome de qualidade¹⁵⁷, e o sufixo *-(i)dade* é característico neste tipo estrutura.

A combinação do segmento *privac-* com o sufixo *-(i)dade* não é, no entanto, analisável¹⁵⁸. As formações com o sufixo *-(i)dade* em português constroem nomes de qualidade a partir de adjetivos, mas o segmento *?privac-*, em *privacidade*, não é reconhecido como um adjetivo e não é interpretável em português. Em termos etimológicos, este segmento é constituído por uma seqüência de segmentos, quais sejam: o radical latino *priv-* ‘individual, particular’ e ‘ac’ parte do sufixo *-acy* em inglês.

6.3.1.5 [?X (-ismo)_{suf}]S

[[ergot] _V (-ism) _{suf}]S	[...(-ismo) _{suf}]S
<i>ergotism</i>	<i>ergotismo</i> (X = ?ergot)

¹⁵⁶ O modelo de construção com o sufixo *-acy* foi descrito no capítulo 5, subitem 5.3.1.2.

¹⁵⁷ A formação *privacy*, construída a partir do adjetivo *private*, está condizente com o modelo existente em inglês, usado para a formar nomes de qualidade ou de estado com o sufixo *-acy* a partir de adjetivos terminados em *-ate*. Segundo Marchand (1969, p. 233), a alternância *-ate/-acy* baseou-se em pares de palavras do latim medieval e do francês antigo tais como LM *advocatus/advocatia* ou FA *avocat/avocacie*, resultando em *advocate/advocacy* no inglês médio.

¹⁵⁸ Em português, a base deveria ser *privado*, embora não seja comum o sufixo *-idade* ser acrescido a bases terminadas em *-ado*. Foi realizada pesquisa eletrônica no AE a partir da máscara **idade* e foram identificadas apenas 13 formações com esta terminação, mas nenhuma delas foi formada em português; são todas empréstimos adotados do latim. É este tipo de restrição que provavelmente dificulta o uso da substituição de *private* por *privado*.

Em *ergotismo* não há base interpretável; há, no entanto, em português a forma homônima *ergot-* ‘cravagem ou esporão do centeio’ (em *ergotícina*, *ergotina*) que pode motivar a produção de uma análise equivocada.

Em inglês, *ergotism* é, segundo o OED, um empréstimo do francês *ergotisme*, formado a partir do verbo do fr. *ergoter* ‘discutir, argumentar’, este, por sua vez, a partir da base latina *ergo* ‘logo, por isso, portanto’. O verbo *ergot* não é mais usado em inglês, tendo em vista o verbete trazer a marca de arcaísmo. Esta formação também não segue propriamente o modelo de construção com o sufixo *-ism* em inglês, que utiliza bases substantivas e adjetivas. Marchand (1969, p. 306-308), no entanto, indica várias funções do sufixo *-ism* em inglês; *ergotism* pode estar relacionado com a seguinte função: i) a possibilidade de o sufixo ser acrescido a “qualquer outra palavra que signifique um princípio real ou um pseudo-princípio, um slogan ou coisa do tipo, como *babyism*, *busybodyism*, *colonialism*, *idiotism*, *gangsterism*.

6.3.1.6 [?X (-or)_{suf}]_S

[[X] _V (-or) _{suf}] _S	[...(-or) _{suf}] _S
[[deflate] _V (-or) _{suf}] _S	deflator (?deflat-)
<i>deflator</i>	

As formações com o sufixo *-or* em português são características de agentivos cuja base é um radical de particípio passado latino ou um radical verbal¹⁵⁹. Este modelo entrou em português a partir de empréstimos do latim e não é usado atualmente para construir novas unidades lexicais. *Deflator* não é analisável a partir deste modelo devido à ausência de uma base que pode ser considerada um radical de particípio passado (r.p.p.) latino ou um radical verbal.

¹⁵⁹ Este modelo foi descrito no capítulo 5, subitem 5.3.1.3. Agentivos deverbais.

6.3.1.7 [?X (-ete)_{suf}]_S

[[X] _S (-ette) _{suf}] _S	[...(-ete) _{suf}] _S
[[kitchen] _S (-ette) _{suf}] _S	
<i>kitchenette</i>	<i>quitinete</i> (?quitin-)

As unidades lexicais com o sufixo *-ete* em português objetivam formar substantivos diminutivos¹⁶⁰ a partir de bases adjetivais, substantivas ou verbais¹⁶¹. No caso em questão, a avaliação, orientada num sentido descendente em razão da atribuição do significado ‘pequeno’ na formação, não pôde ser processada completamente devido à ausência de uma base interpretável.

No inglês, por outro lado, a formação *kitchenette* é analisável como um substantivo diminutivo, tendo sido formado a partir de *kitchen* ‘cozinha’. Segundo Marchand (1969, p. 290) *kitchenette* é uma formação recente do inglês americano a partir do sufixo diminutivo *-ette*.¹⁶²

6.3.1.8 [?X (-ic-; -ári-; -an-)_{suf}]_{ADJ}

[[X] _S (y) _{suf}] _{ADJ}	[... (y) _{suf}] _{ADJ}
--	---

¹⁶⁰ Em Rio-Torto (1998a, p. 128) o sufixo *-ete* é um operador afixal a serviço da regra intitulada ‘RFP AVAL’ (regra de formação de palavra avaliativa). Esta regra gera produtos isocategoriais que expressam uma avaliação, podendo esta “ser de natureza quantitativa e/ou qualificativa (...); o resultado desta traduz-se pela expressão da alta/maior ou da baixa/menor quantidade e/ou qualidade de *p*, em que *p* representa a propriedade avaliada, ou a própria base, quando esta se define por *p*.”

¹⁶¹ Há, neste caso, uma diversidade categorial das bases, mas Rio-Torto (1998a, p. 128), assim como Corbin (a publicar *apud* Correia 1999), admite esta diversidade, desde que a relação semântico-categorial instaurada pela regra seja unitária.

¹⁶² O sufixo *-ete* em português e *-ette* em inglês têm a mesma origem francesa e, em última instância, latina (lat. *ittum*). Segundo Sandmann (1989, p.38) a produtividade do sufixo *-ete* (em formações como *cartazete*, *sofanete*) está bem aquém da de *-inho*. Marchand (1969, p.289-290), por sua vez, afirma que *-ette*, representante do sufixo francês *-ette* em diversos empréstimos como *bannerette*, *chemisette*, *collarete*, tornou-se produtivo em inglês no século XIX, formando palavras como *balconette*, *leaderette* ‘curto parágrafo editorial’, *novellette*, *stationette*; no inglês americano produziu-se *dinette* ‘pequena sala de jantar’, *roomette* (em trens) ‘sala pequena’ e *slumberette* (equivalente de *roomette* em aviões).

[[bombast]_S (-ic)_{suf}]_{ADJ} [... (-ic-)_{suf}]_{ADJ}
bombastic *bombástico* (?bombast-)

[[cavity]_S (-ary)_{suf}]_{ADJ} [... (-ári-)_{suf}]_{ADJ}
cavitary *cavitário* (?cavit-)

[[purity]_S (-an-)_{suf}]_{ADJ} [... (-an-)_{suf}]_{ADJ}
puritan *puritano* (?purit-)

[[bathonia]_S (-an-)_{suf}]_{ADJ} [... (-an-)_{suf}]_{ADJ}
bathonian *bathoniano* (?bathonia)
batoniano (?batonia)

A regra que permitiria a análise de *bombástico*, *cavitário*, *puritano* e *bathoniano* é a RCP REL que forma adjetivos relacionais a partir de sufixos como *-ic-*, *-ári-* e *-an-*. No entanto, a ausência de uma base interpretável (?*bombast-*; ?*cavit-*; ?*purit*, ?*bathonia/batonia*) impede o cálculo do significado derivado da estrutura.

No caso de *bombástico*, o segmento *bombast-* não pode ser interpretado em português, de modo que é apenas possível depreender que se trata de um adjetivo. Em inglês, no entanto, *bombast* é interpretável como ‘linguagem empolada, grandiloqüente’ (significado figurado de *bombace* ou *bombast* ‘algodão; enchimento de almofadas’, que é uma adoção do FA. *bombace* ‘algodão, material feito de algodão’, por sua vez do latim tardio *bombāce-m*, acusativo de *bombax* ‘algodão’).

Cavitary em inglês, por sua vez, foi construído em inglês a partir do L. *cavitās* ‘cavidade’, *cavity* em inglês, seguido do sufixo adjetival *-ary*, forma sufixal adotada do latim *-arius*¹⁶³.

¹⁶³ Segundo Marchand (1969, p. 254), os adjetivos latinos em *-arius* eram adaptados em inglês com a utilização do sufixo *-ary*; os exemplos são *dietary*, *elementary*, *pigmentary*, *stationary*, *tributary*, *testamentary* 1456, *disciplinary* 1593. Estas palavras eram analisáveis como radicais do inglês seguido de *-ary*, e serviram como modelo para a formação de outras palavras. Derivados são caracterizados em termos fonéticos podendo terminar em *-nary* (especialmente *-ionary*), *-tary* (especialmente *-mentary*), e (com menos frequência) *-uary*. As formações do inglês são encontradas a partir do final do século XVI em diante, com *cautionary* 1597, *complementary*

Em inglês, *puritan* é um empréstimo do latim moderno, realizado em 1572, sob a forma *puritanus*, derivado de *puritas*, segundo Marchand (1969, p. 247), talvez sob a influência de *Catharan* ou *Lutheran*. A unidade lexical também não é analisável em português, pois o segmento *purit-* não é uma base que se refere à seita presbiteriana.

Por último a unidade lexical em inglês, *bathonian*, tem por base o substantivo próprio *Bathonia*, que é a forma latinizada da cidade de Bath na Inglaterra. Na acepção adotada pelo português, que pertence ao domínio da geologia, *bathonian* serve para caracterizar uma subdivisão do período Jurássico, tendo em vista que as formações rochosas na cidade de Bath são típicas deste período. Em português, o segmento *bathonia* ou *batonia* não é interpretável com este significado, o que impossibilita o cálculo do significado.

6.3.2 Segmentos inexistentes apesar da existência em português da forma evoluída do latim

Neste caso, a base utilizada no inglês para a formação da palavra é cognata de uma forma existente em português, mas ambas, devido ao percurso evolutivo diverso, assumiram forma e significado diferentes. Os casos são:

6.3.2.1 [?X (-mento)_{suf}]_S

[Xment] _S	[...(mento) _{suf}] _S
<i>implement</i>	<i>implemento</i> (?imple-)

A formação importada não é analisável em termos sincrônicos, porque não é possível interpretar o segmento *?imple-* como base. A formação apresenta, no entanto,

1599, supplementary, textuary, traditionary (século XVII), complimentary, convulsionary (século XVIII), cavitory, segmentary, rudimentary (século XIX), inflationary 1920.

um ar de familiaridade com formativos existentes em português, passível de verificação somente por meio da análise etimológica.¹⁶⁴

Em inglês *implement* ‘aquilo que/instrumento que serve para suprir, estocar’ tem significado derivado do latim medieval *implēmentum* ‘ação de preencher, suprir’ (f. L. *implēre* ‘encher’).

6.3.2.2 [?X (-nte)_{suf}]_{ADJ}

[Xnt]_{ADJ}
excurrent

[...(-nte)_{suf}]_{ADJ}
excurrente (?excurrere-)

O adjetivo *excurrente* não é analisável conforme a regra existente em português que analisa adjetivos em *-nte* a partir de temas verbais. Em termos etimológicos apenas, é possível observar que o segmento ?*excurrere-* é o tema do verbo latino *excurrere*, que, por sua vez, deu origem ao verbo *escorrer* em português. Tem-se, portanto, o encontro, nesta sincronia do português, de duas formas cognatas, sendo a última o resultado da evolução da primeira.

Em inglês, *excurrent* ‘que corre para fora; que se estende para fora’ é uma adaptação do L. *excurrent-em*, particípio presente do verbo *excurrere* ‘correr para fora, estender-se para fora’.

6.3.2.3 [?X (-or)_{suf}]_S

[[X]_V (-or)_{suf}]_S
[[effect]_V (-or)_{suf}]_S
effector

[...(-or)_{suf}]_S
efetor (?efet-)

¹⁶⁴ A relação de familiaridade com o português advém de dois fatos: i) o verbo *encher* em português é a forma atual do L. *implēre*, base de *implement*; ii) há derivados de prefixados do verbo *plēre* em português até os dias de hoje como, segundo o verbete *plen(i)-* no Houaiss: a partir de *adimplēo* há *adimplir*, *adimplemento*, *adimplência*, *adimplente*, *adimplir*, etc; de *complēo* há *complente*, *completação*, *completado*, *completador*, *completamento*, *completar*, etc.

Em português, os substantivos com o sufixo *-or* são analisados como agentivos deverbais de particípio passado latino terminado em *t* ou *s*. No caso em questão, tem-se na posição de base o segmento *?efet-*, forma adaptada em português da base verbal *effect* em inglês.

Em português, o segmento *?efet-* não tem status de verbo tal como *effect* tem em inglês. No inglês ocorreu a conversão do substantivo *effect* (substantivo) para *effect* (verbo), com a atribuição do significado ‘fazer, realizar’.

O português somente dispõe do substantivo *efeito*, cuja origem é cognata ao do inglês *effect*, sendo ambos originários do radical do particípio passado *effēct-ūm* do verbo latino *efficēre* ‘fazer, efetuar’.

Observa-se, portanto, em português o encontro, com o auxílio do inglês, de duas formas cognatas pertencentes a períodos diferentes no tempo: *efeito* e o radical latino *effect-* em sua forma adaptada *efet-*. O uso verbal é próprio do inglês, mas não em português, o que impede o cálculo do significado da estrutura.

6.3.3 Tema impossível para a base

Nestes casos, as bases são impossíveis, porque o tema é gramaticalmente incorreto e porque existem em português outros verbos, com a mesma etimologia, que ocupam o mesmo lugar semântico.

[[X] _V (-ance) _{suf}] _S	[...(-ncia) _{suf}] _S
[[impede] _V (-ance) _{suf}] _S <i>impedance</i>	<i>impedância</i> (*impeda-)
[[admit] _V (-ance) _{suf}] _S <i>admittance</i>	<i>admitância</i> (*admita-)
[[transmit] _V (-ance) _{suf}] _S <i>transmittance</i>	<i>transmitância</i> (*transmita-)
[[react] _V (-ance) _{suf}] _S <i>reactance</i>	<i>reatância</i> (*reata-)

[[induct]_v (-ance)_{suf}]_s
inductance

indutância (*induta-)

Nos dados *impedância*, *admitância* e *transmitância*, esperava-se no lugar da base X um tema verbal terminado em –i, ao invés de –a, tendo em vista que a vogal temática dos radicais imped-, admit-, transmit- é o –i-. Resulta que a combinação da vogal –a com os referidos radicais verbais produz uma estrutura morfológica anômala.

Em inglês, este tipo de combinação ocorre freqüentemente porque havia uma preferência em relação ao sufixo –*ance*¹⁶⁵. Além disso, os verbos em inglês não têm tema; o sufixo é acrescentado diretamente ao verbo e, em muitos casos, o verbo é um radical verbal latino, possivelmente de participio passado. Os substantivos de ação são então formados a partir do radical latino seguido do sufixo –*ance*, sem levar em consideração que o –*a*- em –*ance* resultava do tema de verbos latinos.

Essa inovação no modelo de formação de deverbais é típica do inglês e não se ajusta ao modelo existente em português, que necessariamente atrela a vogal temática ao tema específico do verbo que serve de base.

Em *reatância* e *indutância*, também não é possível identificar um verbo e, conseqüentemente, o tema, na posição de base, tal como é necessário em formações terminadas em –*ncia*.

No caso de *reatância*, é possível identificar o radical reat- (que em termos etimológicos é o radical de participio passado latino do verbo *reāgĕre* ‘reagir’), com a acepção de ‘reagir’, conforme o Houaiss (2001), presente em formações como *reator*, *reatorizado*, *reatorizar*, etc. No entanto, a combinação deste radical com a vogal temática –a- produz uma estrutura não-existente [?reat-].

¹⁶⁵ Este comportamento resulta de uma tendência que já vinha desde o latim medieval, no qual, segundo Marchand (1969, p. 248), havia uma preferência pelo sufixo –*antia* ao invés de –*entia*; em francês antigo a forma –*ance* era também a favorita em contextos populares.

No caso de *indutância* também é possível identificar o radical *indut-*¹⁶⁶ em formações como *indutivo*, *indutor* e até em *indução* se considerarmos a sua origem do latim *inductiō, ōnis*. Quanto à interpretação de *indut-*, é possível depreender um significado verbal que é o de ‘produzir uma carga/corrente elétrica/força eletromotriz’, tendo em vista que todas as referidas formações são específicas do domínio da engenharia elétrica/electricidade. A junção, no entanto, do radical *indu(c)t-* com a vogal temática –a- forma um tema desconhecido (?induta-).

A combinação de um radical de particípio passado, *reat-* e *indut-*, seguido de uma vogal temática em ambos os casos é estranha porque o português dispõe em seu léxico dos verbos latinos, respectivamente *reagir* e *induzir*, de modo que o tema esperado seria *reagi-* e *induzi-*.

Em inglês, as derivações *reactance* e *inductance* são consideradas deverbais e condizentes com o modelo de formação de substantivos com o sufixo *-ance*. Marchand (1969, p. 248) reforça esta análise ao indicar que o sufixo *-ance* foi usado para formar vários termos da engenharia elétrica, como *inductance* 1888 e *reactance* 1896, construídos a partir do modelo de *resistance* (*resist* v. + *-ance*).

6.3.4 Categoria lexical impossível

Uma categoria lexical é considerada impossível, porque o segmento na posição de base, embora seja um constituinte existente em português, não é pertencente à categoria lexical esperada pela regra existente em português.

6.3.4.1 [*X (-ção)_{suf}]_S

[[X]_S (-tion)_{suf}]_S

gastrulation

gemulation

glandulation

strobilation

[... (-ção)_{suf}]_S

gastrulação (*gástrula)

gemulação (*gêmula)

glandulação (*glândula)

estrobilação (*estróbilo)

¹⁶⁶ Em termos etimológicos, *indut-* é o radical de particípio passado do verbo latino *inducĕre* ‘induzir’.

Em formações com o sufixo *-ção*, espera-se como base um tema verbal. Nas respectivas formações importadas, no entanto, não é possível identificar um verbo, mas apenas um substantivo, que é uma categoria lexical inapropriada para receber o sufixo *-ção* e, assim, formar substantivos de ação.

Em inglês, as formações com o sufixo *-(a)tion* também exigem um verbo, mas nenhum dos casos acima é deverbal, e sim denominal, o que transgredir o modelo existente em inglês.¹⁶⁷

6.3.4.2 [*X (-ista)_{suf}]_S

[[X] _N (-ist) _{suf}] _S	[... (-ista) _{suf}] _S
[[general] _{ADJ} (-ist) _{suf}] _S	
<i>generalist</i>	<i>generalista</i> (*general-)

As formações¹⁶⁸ com o sufixo *-ista* exigem base substantiva para a construção de substantivos agentivos¹⁶⁹. A estrutura de *generalista* é, portanto, problemática porque a categoria lexical na posição de base é o radical adjetivo culto *general-* (do adjetivo latino *generális, e* 'geral'), presente em unidades lexicais como *generalidade* 'qualidade do que é geral (Houaiss), *generalíssimo* 'extremamente geral' (Houaiss)¹⁷⁰.

¹⁶⁷ Marchand (1969) e o OED, nas respectivas seções sobre o sufixo *-tion*, não fazem menção quanto à possibilidade de formar substantivos com o sufixo *-tion* a partir de bases nominais.

¹⁶⁸ Será comentado apenas o caso de *generalista*, mas foi também identificada a unidade lexical *intelectualista*, cuja base deveria ser *intelecto* e não *intelectual*.

¹⁶⁹ Basílio (2004, p. 74) afirma que o sufixo *-ista* serve para a formação de nomes agentivos a partir de substantivos. Sandmann (1989, p. 43-45) também considera que a base de formações em *-ista* seja um substantivo, e acrescenta outras variantes para o significado produzido com a operação, como o significado "seguidor ou simpatizante de um político": *amaralista*, *malufista*, *virgilista*, ou o significado 'membro de um partido': *pedetista*, *petista*, etc.

¹⁷⁰ Apesar de o modelo exigir base substantiva, existem no léxico do português do Brasil formações, embora poucas, cuja base é um adjetivo: *ambientalista*, *bicameralista*, *convencionalista*, *legalista*, *mensalista*, *ruralista* e *textualista*. Estes dados foram obtidos por meio de uma pesquisa reversa feita no AE por meio da máscara **alista* (-alADJ + *-ista*ADJ) para verificar a disponibilidade de encontrar bases adjetivas com o sufixo *-al* em formações

Em inglês, as formações com o sufixo *-ist* também formam substantivos agentivos a partir de substantivos¹⁷¹, mas é possível a afixação a partir de bases adjetivas usadas como substantivos, mas estes últimos representam um tipo fraco especialmente a partir de bases nativas (germânicas), tal como observa Marchand (1969, p. 310):

Enquanto o sufixo (*-ist*) pode ser anexado a nomes próprios e substantivos comuns nativos (*Annist, Bonapartist, Brownist, Darwinist / cartoonist, columnist, essayist, gardenist*), é rara a afixação a adjetivos nativos usados como substantivos, como *leftist, rightist*, que representam um tipo fraco.¹⁷²

No caso de *generalist* a base é o adjetivo *general*, adotado do francês antigo *general*, este, por sua vez, do latim L. *generālis* ‘pertencente a uma classe ou tipo como um todo’.

6.3.4.3 [*X (-ic-)_{suf}]_{ADJ}

[[X] _S (-ic-) _{suf}] _{ADJ}	[... (-ic-) _{suf}] _{ADJ}
[[opportunist] _S (-ist) _{suf}] _{ADJ}	
<i>oportunistic</i>	<i>oportunístico</i> (*oportunista)

As formações com o sufixo *-ic-* em português exigem base substantiva para a construção de adjetivos relacionais, parafraseáveis por ‘que é típico, próprio ou

terminadas com o sufixo *-ista*. Foram identificadas 160 formações, mas apenas 7, tal como exemplificado, têm base adjetiva.

¹⁷¹ Segundo Marchand (1969, p. 308), o inglês adotou este modelo de formação a partir da entrada de empréstimos lingüísticos do latim. Em inglês, a terminação *-ista* dos empréstimos foi adaptada para *-ist* e, a partir do século XVI, este sufixo pode ser considerado como um formativo do inglês em palavras como *linguist* 1588, *tobacconist* 1599, *votarist* 1603, *non-conformist* 1619, *bigamist* 1631, etc.

¹⁷² “While the suffix may be attached to proper names and common substantives in wfnb (*Annist, Bonapartist, Brownist, Darwinist / cartoonist, columnist, essayist, gardenist*), it is very seldom tacked on to native adjectives used as primaries: *leftist, rightist* represent a weak type”.

característico de Sb'. A estrutura de *oportunistico* é problemática porque a categoria lexical na posição de base é o adjetivo *oportunista* 'relativo ao oportunismo; que aproveita as oportunidades' (AE). Além disso, *oportunista* não tem o mesmo significado que a base substantiva *opportunist* em inglês, que é 'organismo oportunístico', específico do domínio médico conforme o OED, como pode ser constatado na nota a seguir¹⁷³.

6.3.5 Significado importado não-associado à estrutura interna previsível

Nesta seção, o significado importado não pode ser associado a uma estrutura interna previsível segundo um modelo existente em português. A seguir são apresentadas as diversas restrições que impedem a análise da construção importada.

6.3.5.1 Modelos de construção divergentes

O caso sob análise mostra a existência de construções analisáveis em inglês e português a partir de regras divergentes, apesar da semelhança formal das estruturas morfológicas. A existência de um sufixo cognato favorece a substituição de formativos, mas não implica que tais operadores sempre atuem a serviço da mesma regra.

6.3.5.1.1 [*X (-vel)_{suf}]_{ADJ}

[[X]_S (-able)_{suf}]_{ADJ}

[...(-vel)_{suf}]_{ADJ}

[[comfort]_S (-able)_{suf}]_{ADJ}

¹⁷³ **opportunist**, *n.* and *a.* [...] **A.** *n.* (...) **2.** *Med.* An opportunistic organism (cf. **OPPORTUNISTIC** *a.* 3). **1973** *Amer. Jnl. Med.* **55** 862/1 As an opportunist, its ability to produce human disease depends not on its intrinsic virulence but on abnormalities of host defenses. **2002** *Arch. Microbiol.* **177** 197 *Helcococcus kunzii* is a gram-positive, catalase-negative opportunist.

comfortable

confortável (f. *conforto s./ *confortar v.)

Tendo em vista que as unidades lexicais com o sufixo *-vel* em português formam adjetivos a partir de verbos¹⁷⁴, o significado parafraseável de *confortável* seria ‘passível de ser confortado’. Não é este, no entanto, o significado importado.

Em inglês, *comfortable* é um derivado denominal importado do francês, com o significado parafraseável por ‘caracterizado por Nb (*comfort*¹⁷⁵)’ ou ‘mostrando Nb de um modo específico.’¹⁷⁶

O problema de interpretação do significado importado em português advém, portanto, do fato de o modelo utilizado pelo inglês não ser usado em português, apesar da existência de estruturas formalmente semelhantes, denominais e deverbais¹⁷⁷.

6.3.5.1.2 [*X (-or)_{suf}]_s

[Xor]_s

capacitor

[...(-or)_{suf}]_s

capacitor (f. *capacit-*)

As formações com o sufixo *-or* são analisadas em português como substantivos agentivos formados a partir de um radical verbal ou de participio passado latino.

¹⁷⁴ Ver capítulo 5, subitem 5.3.2.3. (Adjetivos de possibilidade).

¹⁷⁵ *comfort* 6a. ‘a state of physical and material well-being, with freedom from pain and trouble, and satisfaction of bodily needs’ (OED), ‘estado de bem-estar físico e material, sem dor e problema’ [tradução nossa].

¹⁷⁶ Marchand (1969, p. 231) afirma que o padrão denominal “passou a existir a partir de empréstimos do francês, tais como IM *charitable, comfortable, customizable, favorable, honorable, profitable* todos com um significado básico ‘caracterizado por ..., mostrando ... de um modo específico’. O modelo ganhou força e o inglês passou a construir seus próprios derivados: *treasonable* ‘*adj.* Relating to, constituting, or involving treason: *a treasonable act such as espionage.*’ (AHD); *seasonable* ‘*adj.* **1.** In keeping with the time or the season. **2.** Occurring or performed at the proper time; timely’ (AHD); *personable* ‘*adj.* Pleasing in personality or appearance; attractive’. (AHD).

¹⁷⁷ Há em português as construções formadas a partir de bases substantivas, como observa Sandmann (1989, p. 58-59), em formações como *agriculturável* e *colunável*, parafraseáveis, respectivamente, como ‘digno de ser usado na agricultura’; ‘digno de ser citado nas colunas sociais’. Nessas construções, há, no entanto, a idéia de possibilidade. A análise de *confortável* como ‘digno de conforto’ expressa a idéia de possibilidade, mas não expressa, no entanto, o significado importado do inglês, que é ‘caracterizado pelo conforto’.

Se considerarmos o radical verbal *capacit-* como base teríamos uma formação parafraseável por ‘aquilo que capacita’, o que não corresponde ao significado importado. Em inglês a construção de *capacitor* também não segue o modelo esperado em formações com o sufixo *-or*, que prevê o uso de bases verbais. Segundo o OED, *capacity* foi formado a partir do substantivo *capacity*, com a acepção específica do domínio da eletricidade.

6.3.5.2 Derivação semântica

As formações nesta seção são analisáveis a partir de uma regra existente em português, mas o significado parafraseável não pode ser identificado ao importado, uma vez que este último resulta de uma derivação semântica¹⁷⁸.

6.3.5.2.1 [... (-mento)_{suf}]_s; [... (-ncia)_{suf}]_s

- a) X-mento: *estabelecimento* (X = estabelecer), *parlamento* (X = falar)
- b) X-ncia: *referência* (X = referir), *variância* (X = variar)

As unidades lexicais podem ser analisadas por meio da RCP ACT, com o significado verbal de ação/processo de *estabelecer*; *parlar*; *referir*; *variar* e/ou resultado da ação/processo de *estabelecer*; *parlar*; *referir*; *variar*.¹⁷⁹ No entanto, não são estes os significados importados do inglês, que são: *estabelecimento* ‘conjunto dos grupos dominantes numa sociedade; *parlamento* ‘A(s) assembleia(s) ou câmara(s)

¹⁷⁸ A derivação semântica produz polissemia da unidade lexical. Esta polissemia, em certos casos, pode ser regular, quer dizer, pode ser possível prever os significados derivados passíveis de ocorrer em um determinado tipo de estrutura, como apontado em relação aos substantivos deverbais no capítulo 5.

¹⁷⁹ Em inglês, as formações podem também ter o mesmo significado verbal, haja vista o inglês ter também o mesmo modelo que forma substantivos deverbais com o sufixo *-ment* e *-ance*. Conforme Marchand (1969, p. 331), *-ment* é um sufixo substantival, formador de nomes deverbais a partir de raízes românicas. Entrou na língua por meio de empréstimos do FA e do AF. Alguns exemplos do inglês médio são *abetment*, *achievement*, *admonishment*, *adornment*, *advancement*, *agreement*, *appeasement*, *appointment*, *assignment*, *commencement*, *judgement*, etc. Como os verbos correspondentes também existiam como empréstimos do francês, *-ment* rapidamente tornou-se um formativo do inglês.

legislativa(s) nos países constitucionais; *referência* ‘nota informativa de remissão (em publicação), *variância* ‘medida de dispersão dos valores de uma variável em torno de sua média’.

Tal como já referido no capítulo 5, item 5.3.1.1, é previsto que produtos deverbais acusem, de modo recorrente, a atuação de uma operação de derivação semântica de vários tipos. Nos casos sob análise, foi possível identificar três tipos de derivação semântica: 1) *estabelecimento* “conjunto dos que estabelecem”; 2) *parlamento* “agentes que parlam (parolar ‘trocar idéias, conversar’)”; 3) *referência* “produto da ação de referir”; *variância* “produto da ação de variar”.

6.3.5.2.2 [... (-ia)_{suf}]_S

X-ia: *inteligência* (X = inteligente)

A análise possível de *inteligência* em português resultaria em um nome de qualidade a partir da base adjetiva *inteligente* parafraseável pelo ‘fato de ser inteligente’. Ao significado importado do inglês ‘serviço de informação’ não é possível, no entanto, associar uma estrutura morfológica, a não ser parcialmente identificando-se o sufixo *-ia* que marca a categoria lexical (substantivo) e atribui o gênero feminino.

6.3.5.2.3 [... (-al;-an-)_{suf}]_{ADJ}

X-al: *crucial* (X = cruc-)

As formações terminadas com o sufixo *-al* são analisadas a partir da RCP REL que forma adjetivos relacionais. Tendo em vista tal regra, é possível derivar uma formação a partir da base *cruc-* ‘cruz’, parafraseável por ‘relativo a cruz’/ ‘em forma de cruz’ (cruciforme)¹⁸⁰. O significado importado ‘decisivo’ resulta, no entanto, de

¹⁸⁰ A acepção ‘em forma de cruz’ advém do fato de a base *cruc-*, em função do nome regente com o qual era usado, receber uma interpretação intensional de tipo perceptual, na qual são selecionados traços semânticos de intensão do Nb *cruc-* ‘cruz’, que correspondem às

uma derivação semântica não analisável em português, nem mesmo em inglês. Do ponto de vista formal, o adjetivo está bem construído; o que não condiz é o significado¹⁸¹.

X-an-: *anglicano* (X = ânglico)

Em português, a regra que permitiria a análise de *anglicano* é a RCP REL, a partir da qual seria possível depreender o significado ‘relativo a ânglico (anglo ou inglês)’, pertencente a ânglico’. O significado importado ‘relativo/pertencente à igreja reformada da Inglaterra’ não pode, no entanto, ser calculado, pois *ânglico* não tem o significado de ‘igreja reformada da Inglaterra’.

Em inglês, *anglican* é uma adaptação do latim medieval *anglicān-us*, que passou a caracterizar algo relacionado com a igreja reformada da Inglaterra.

6.3.5.2.4 [... (-iv-) _{suf}]_{ADJ}

X-iv-: *derivativo* (X = derivat-)

O adjetivo *derivativo* seria passível de ser interpretado em português segundo o modelo que analisa adjetivos formados a partir de uma base constituída por um radical de particípio passado latino terminado em *-t-*, com o significado genérico do ‘que é próprio de derivação’. Este significado parafraseável não é, no entanto, o importado do inglês, que é pertencente ao domínio da economia/finanças, o qual não pode ser associado à referida estrutura morfológica. Existe apenas uma estrutura morfológica na qual é apenas possível identificar o sufixo *-ivo*, marcador recorrente em adjetivos.

propriedades perceptíveis sensorialmente do Nb (nome de base) e também do nome regente. Esta análise tomou por base Mélis-Puchulu (1991) em artigo que trata dos adjetivos denominais.

¹⁸¹ Além das duas construções discutidas, identificou-se também neste grupo a unidade lexical *excêntrico* ‘diz-se de, ou indivíduo original, extravagante, esquisito’ (AE), cujo segmento *excentr-* ‘desvia, afasta do centro’ não pode ser considerado base da referida unidade lexical, pois este é produto de uma derivação semântica.

6.3.5.3 Distinto significado da base

Nos casos apresentados nesta seção, o constituinte em inglês e em português na posição de base são cognatos. O distinto percurso de evolução seguido por ambos constituintes motivou, no entanto, o surgimento de significados diferentes.

6.3.5.3.1 [*X (-ista)_{suf}]_S

Xista: *laborista* (X = *labor), *internista* (X = *interno)

As formações com o sufixo *-ista* em português produzem um adjetivo parafraseável por ‘relativo ao Sb’ e, posteriormente por conversão, substantivos de relação¹⁸², considerados agentivos parafraseáveis por “aquele que exerce atividade relacionada com Sb”.

No caso de *laborista*, a base *labor* ou *labour* em inglês e a base *labor* em português originam-se do latim *labor, óris* ‘trabalho’. Em inglês, a base refere-se ao partido trabalhista inglês. Em português, no entanto, não é possível atribuir a *labor* este significado, haja vista a sua não-recorrência em outras formações.

No caso de *internista*, o significado parafraseável seria ‘relativo a interno’, considerando *interno* como substantivo, com o significado de ‘estudante de medicina que auxilia num hospital’ (Aurélio)¹⁸³. O significado importado de *internista* denomina, no entanto, o médico que exerce a medicina em geral, mas este significado não é previsível em português, porque a base em português refere-se ao estudante de medicina e não à medicina.

¹⁸² Rio-Torto (1998a, p. 125) afirma que “associada aos “adjetivos de relação” está também uma classe heterogênea de nomes de relação, que resultam primitivamente da conversão dos adjetivos homólogos, mas que, com o evoluir da língua, terão passado a formar-se directamente a partir das bases substantivas.”

¹⁸³ A construção do substantivo agentivo *internista* a partir do substantivo *interno* é redundante, tendo em vista o traço [+Hum] da base. Além disso, o significado parafraseável ‘aquele que exerce atividade relacionada com interno’ não é o mesmo significado adotado do inglês.

Em inglês, a base é *internal medicine* ‘medicina interna’, e *internist* formou-se a partir da base *intern(al)* após a elisão de *medicine*, obtendo-se um substantivo agentivo parafraseável por ‘aquele que exerce atividade relacionada com medicina interna’, tal como previsto pela regra de formação de substantivos denominais com o sufixo *-ist* em inglês¹⁸⁴, que também prevê, tal qual o português, uma base substantiva.

6.3.5.3.2 [*X (-ismo)_{suf}]_S

6.3.5.3.2.1 Base substantiva em inglês

[[X]_S (-ism)_{suf}]_S

[*X (-ismo)_{suf}]_S

[[fruitarian]_S (-ism)_{suf}]_S

fruitarianism

frutarianismo (*frutariano)

[[advent]_S (-ism)_{suf}]_S

adventism

adventismo (*advento)

[[collaboration]_S (-ism)_{suf}]_S

collaborationism

colaboracionismo (*colaboração)

Tendo em vista as características do modelo de formação com o sufixo *-ismo*, tal como apresentadas no capítulo 5, 5.3.1.2. (nomes de qualidade), *frutarianismo* pode ser analisável, mas o significado previsto a partir da regra existente não produz o significado importado do inglês. Existe uma diferença na interpretação do significado da base, pois a regra que analisa *frutariano* em português não é a mesma que analisa *frutarian* em inglês.

¹⁸⁴ Tomou-se Marchand (1969, p. 308) como base para a compreensão do funcionamento do sufixo *-ist* em inglês.

Em português, *frutariano* pode ser interpretado como um adjetivo relacional analisável a partir de duas bases diferentes *frutaria* ou *frutário*, com interpretação locativa¹⁸⁵:

- 1) *frutaria* + *-an-*, passível de ser analisado como um adjetivo relacional tendo em vista a sufixação de *-an-* à base substantiva locativa *frutaria*, obtendo-se uma formação parafraseável por ‘relativo à/próprio de frutaria’;
- 2) *frutário* + *-an-*, passível de ser analisado como um adjetivo relacional formado a partir da base substantiva locativa *frutário* (local de cultivo de frutas), obtendo-se uma formação parafraseável por ‘relativo à/próprio de frutário.

Em inglês, no entanto, *fruitarian* é analisada a partir de uma outra regra que utiliza o sufixo *-arian* para formar substantivos agentivos, em geral a partir de radicais latinos, com o significado de ‘membro de uma seita, portador de um princípio, doutrina ou princípio eclesiástico’; *fruitarian* ‘one who lives on fruits’, OED, (aquele que vive de/que é adepto de frutas) formou-se em 1893 a partir do modelo de *vegetarian* f. *veget-*, tal como explica Marchand (1969, p. 253).¹⁸⁶

¹⁸⁵ Unidades lexicais como *vacariano* ‘relativo à vacaria (estabelecimento)’ reforçam esta análise de *frutariano*. Não é, no entanto, comum a sufixação de *-an-* a bases locativas: uma pesquisa reversa no Aurélio a partir da máscara *ariano identificou 34 unidades lexicais com esta terminação. Nenhuma delas, com exceção de *vacaria*, apresentou aceção com significado locativo com o sufixo *-aria*.

¹⁸⁶ *-arian* originou-se como uma mera substituição para palavras latinas em *-arius* na segunda metade do século XVI. O exemplo mais antigo conhecido por Marchand é *sacramentarian* 1535 (o termo de Lutero para teólogos protestantes com certas visões sacramentais). O princípio de formação baseou-se em passar o L. *-arius* para o inglês *-arian*. Posteriormente, *-arian* ganhou independência formativa sendo acrescido a radicais latinos. *Sacrament-arian* motivou a formação de *parliamentarian*, *establishmentarian*. Isto explica *vegetarian* (formado tal como *veget-able*, *veget-al*, *veget-ation*, e não a partir de *vegetable*, considerada uma formação irregular pelo OED). O paralelismo de trinity/trinitarian levou a *authoritarian*, *charitarian*, *neutralitarian*, *societarian*, *totalitarian*, etc. A derivação a partir de uma palavra inglesa é excepcional: *nothingarian* 1789

A interpretação agentiva de *frutariano* 1) ou 2) seria possível por meio da conversão passível de ocorrer em adjetivos relacionais. Teríamos os significados: 1) aquele que exerce atividade relacionada com frutaria; 2) aquele que exerce atividade relacionada com frutário. Ambas as formações, no entanto, não se identificam com o significado importado do inglês (aquele que vive de/que é adepto de frutas).

Em português, o sufixo equivalente de *-arian* seria *-ista* utilizado em construções adjetivas, primeiramente, parafraseáveis por “que é adepto, simpatizante de Nb” e passível de denominar o agente (aquele é adepto, simpatizante de Nb). Assim, uma alternativa para *frutariano* e *frutarianismo* seria, respectivamente, o substantivo agentivo possível °frutista e o nome de qualidade °frutismo, com o truncamento de *-ista*.

Em *adventism*, a base *advent* em inglês refere-se à vinda de Jesus Cristo, mas em português não foi possível identificar, no AE e no Houaiss, uma acepção de *advento* com o mesmo significado do inglês *advent*. Em *colaboracionismo*, a base *colaboração* também não tem a acepção de *collaboration* ‘traitorous cooperation with the enemy’ (cooperação com o inimigo) em *collaborationism*, tal como pode ser observado no Caderno de Anexo.¹⁸⁷

6.3.5.3.2.2 Base verbal em inglês

[[X] _X (-ing) _{suf}] _S	[*X (-ismo) _{suf}] _S
[[camp] _V (-ing) _{suf}] _S <i>camping</i>	<i>campismo</i> (*campo)

‘one who holds no religious belief’ é um termo sério, também raro é *fruitarian* 1893, mas *nutarian* é uma formação humorística (a partir do modelo anterior e de *vegetarian*).

¹⁸⁷ Pode ser incluída neste grupo a unidade lexical *escotismo*, que também faz parte dos dados identificados. Em relação ao segmento na posição de base, deu-se a substituição de *scout* por *escote*, motivada pela semelhança formal de ambas as formas. *Escote* não pode, no entanto, ser base de *escotismo*, pois não é possível relacioná-las em termos semânticos.

Não foi identificada, nem no Aurélio, nem no Houaiss, uma acepção de *campo* que pudesse estar relacionada com o significado da base verbal *camp* ‘acampar’ em inglês, tal como pode ser observado no Caderno de Anexos.

Camp, verbo, foi substituído pelo substantivo *campo* em português, tendo em vista a origem cognata de ambos e uma semelhança formal, mas *campo* não serve como equivalente de *camp* em inglês, pois o significado de ambos não é o mesmo.

6.3.5.3.3 [*X (-or)_{suf}]_S

X-or: condutor (X = *condut-)

Condutor ‘aquele que conduz’ já existia em português, mas o significado importado do inglês ‘aquele que cobra e/ou arrecada as passagens nos bondes, ônibus e trens’ não é previsível, uma vez que o segmento *condut-* somente é interpretável em português como ‘conduzir, levar junto’ (Houaiss).

6.3.5.4 Especialização do significado da base em inglês

6.3.5.4.1 [*X (-ção)_{suf}]_S X-ção: *coliquação*¹⁸⁸ (X = *coliquar)

A RCP ACT não serve para analisar a unidade lexical importada *coliquação*, tendo em vista que o significado parafraseável ‘ação/processo de coliquar’ não explica o significado importado, cuja base adquiriu uma nova acepção proveniente do domínio científico, mais especificamente da patologia, como pode ser observado no Caderno de Anexos. Apesar de o português dispor do verbo *coliquar*, o significado

¹⁸⁸ A unidade lexical *coliquação* (ou ing. *colliquation*) foi importada do francês, tal como registra o Houaiss, mas a nova acepção do domínio da patologia veio do inglês, como pode ser observado na acepção 3 do OED.

especializado do verbo cognato em inglês não está registrado no Aurélio e Houaiss nem foi encontrado em textos em português na Internet.

6.3.5.4.2 [*X (-dade)_{suf}]s
X-dade: *diretividade* (X = *diretivo)

Em inglês a base *directive*¹⁸⁹ em *directivity* tem um significado pertencente ao domínio das telecomunicações, ‘como pode ser observado no Caderno de Anexos do capítulo 6. A base *diretivo* em português não apresenta, no entanto, uma acepção técnica nem no AE, nem no Houaiss¹⁹⁰.

6.4 Síntese do capítulo

As unidades lexicais importadas se caracterizam, inicialmente, por ter a sua estrutura construída a partir de uma estrutura existente em português que é formalmente semelhante à estrutura da unidade lexical em inglês. A semelhança entre as duas estruturas deve-se a características comuns entre as estruturas: i) são estruturas binárias, constituídas por dois constituintes, um na posição de base e outro na posição de sufixo; ii) uso de um modelo de formação de palavras cognato, quer dizer, que se originou no latim. Partindo dessas semelhanças, o que se faz em português é substituir os constituintes, especialmente o sufixo, pelo sufixo cognato em português.

Foram, no entanto, observadas imperfeições na estrutura construída, tendo em vista não ser possível identificar todos os constituintes da estrutura morfológica e estabelecer uma interpretação semântica da unidade lexical.

¹⁸⁹ A entrada do OED remete para **directional**, a. [f. prec. (direction) + -al¹.] 5. directional *Telecommunications*. Concerned with the record of directions indicated by radio signals received from a vessel, etc. Also, pertaining or relating to apparatus that transmits or receives radio signals, etc., more strongly in or from certain directions than others.

¹⁹⁰ Foi, no entanto, identificado em textos da Internet o termo *antena diretiva*, que é provavelmente uma tradução do inglês *directive antenna*.

Para entender as razões das referidas imperfeições, foram identificadas restrições, tendo em vista o funcionamento de regras existentes em português, que impedem que a unidade lexical importada tenha uma estrutura interna analisável.

Verificou-se que a análise dessas unidades é parcial tendo em vista disporem de uma estrutura complexa não-construída na qual se identifica somente a categoria de afixo dentre os constituintes da estrutura. Este afixo exerce primordialmente a função de marcar a categoria lexical e de atribuir a categoria morfossintática de gênero à unidade lexical.

A análise completa da unidade lexical importada é impossibilitada devido à ausência de uma base. Isto quer dizer que não se identificou qualquer constituinte que pudesse cumprir as exigências de um segmento na posição de base. Foram, conseqüentemente, identificados segmentos inexistentes no léxico e segmentos impossíveis em termos gramaticais, quer dizer, segmentos que violam as exigências definidas por uma regra de construção de palavra do português, especialmente exigências em relação à categoria lexical e morfológica da base (radical, tema ou palavra) e ao significado previsível da unidade complexa. A ausência dessas exigências impediu, conseqüentemente, a realização do cálculo do significado da unidade lexical e a existência de uma unidade lexical analisável em português.

CAPÍTULO 7

PERCURSO, VERNACULIZAÇÃO E CONVIVÊNCIA DAS UNIDADES LEXICAIS IMPORTADAS NO PORTUGUÊS

7.1 Introdução

A análise, realizada nos capítulos 5 e 6, permite identificar, respectivamente, unidades lexicais importadas analisáveis segundo uma regra de construção de palavras do português, assim como unidades parcialmente analisáveis cuja estrutura morfológica e a interpretação semântica não são associáveis.

As unidades lexicais importadas são estruturas vernaculizadas cuja construção teve o objetivo de criar uma unidade lexical com características próprias de uma unidade lexical do português.

O presente capítulo tem três objetivos. O primeiro deles é apresentar o percurso das unidades lexicais importadas desde a sua origem até a adoção pelo português do Brasil. O segundo é explicar como se deu o processo de vernaculização das unidades lexicais importadas. Por último, analisa-se a razão pela qual essas unidades, quer analisáveis quer parcialmente analisáveis, são consideradas unidades lexicais do português, vivendo na língua como qualquer outra unidade lexical do português do Brasil.

7.2 Especificidades do percurso dos empréstimos sob análise

A análise permitiu verificar que a maioria dos empréstimos adotados pelo português foi originalmente construída em inglês a partir de bases e afixos de origem

latina. Em menor proporção, tem-se empréstimos do inglês que, por sua vez, entraram em inglês adotados i) do latim diretamente, ou pelas vias do francês e ii) do francês.

Foram identificados quatro percursos até a adoção pelo português do Brasil: o primeiro refere-se aos empréstimos construídos originalmente em inglês; o segundo aos empréstimos de origem latina via inglês; o terceiro aos empréstimos do inglês de origem latina via francês, e o quarto aos empréstimos do inglês de origem francesa, tal como representado a seguir:

Percurso 1

Inglês (léxico de fundo latino) > português do Brasil

Percurso 2

Latim > inglês > português do Brasil

Percurso 3

Latim > francês > inglês > português do Brasil

Percurso 4

francês > inglês > português do Brasil

Servem de exemplo do percurso 1 as unidades lexicais: aculturação, braquiação, deflação, destoxificação, derivatização, embolização, enculturação, especiação, faringalização, indentação, nidação, sanitização, sucumbência, compliância, constringência, deterrência, luminância, resiliência, impedância, susceptância, referência (decalque semântico), calorescência, acurácia, iliteracia, ergotismo, fisicalismo, marginalismo, pedestrianismo, frutarianismo, dextralidade, diretividade, privacidade, conector, deflator, detector, tabulador, bombástico, computacional, confusional, editorial, cavitário, sistêmico, entre outros.

Servem de exemplo do percurso 2 as unidades lexicais: coacervação, eluição, gratificação¹⁹¹ (decalque semântico¹⁹²), enação, eluviação, implemento, excurrente.

Servem de exemplo do percurso 3: inteligência (decalque semântico), derivativo (decalque semântico), moção (decalque semântico), variância.

Servem de exemplo do percurso 4: coliquação, crucial (decalque semântico), estabelecimento (decalque semântico), desapontar, ergotismo, estressar, indentar, interferir, parlamento, reatância.

Nos percursos 2, 3 e 4, observamos que, em geral, as unidades lexicais importadas recebem um novo significado no inglês. Apresentamos a seguir alguns exemplos:

Percurso 2

Inglês	Signif. em latim	Signif. mantido em inglês ¹⁹³	Signif. novo em inglês
Coacervation	L. <i>coacervātiō, onis</i> 'ação de amontoar, acumular'. (NDLP)	não	3. <i>Chem.</i> The action of forming a coacervate. (OED)
Gratification	L. <i>gratificātiō, onis</i> 'benefício, favor, obséquio, serviço'. (NDLP)	não	2. The state of being gratified or pleased; enjoyment, satisfaction (OED)
Elution	L. <i>elutiō, onis</i> 'ação de lavar. Purificação' (NDLP).	Não	(...) In later use [G. <i>elution</i> , in same sense], the removal of adsorbed matter. (OED)

¹⁹¹ O OED, no campo da etimologia, não tem certeza se *gratification* foi adotado diretamente do latim ou pelas vias do francês.

¹⁹² Ressalte-se que os decalques semânticos representam empréstimo do significado, mas não da forma. Nestes casos, o português já dispunha de forma existente, que veio do latim diretamente.

¹⁹³ Isto não significa que o significado adotado do latim não tenha permanecido em inglês. Além deste significado do latim, surgiu um outro, ou surgiram outros. Interessa-nos aqui, no entanto, apenas o significado que foi adotado pelo português.

Percurso 3

Inglês	Signif. em latim	Signif. em francês	Signif. novo em inglês
intelligence	L. <i>intelligentia</i> 'inteligência, entendimento; conhecimento' (NDLP)	F. <i>intelligence</i> 'faculté de connaitre, de comprendre' (PR)	7. a. Knowledge as to events, communicated by or obtained from another; information, news, tidings (OED)

Percurso 4

Inglês	Signif. em francês	Signif. mantido em inglês	Signif. novo em inglês
crucial	Crucial, iale, iaux. (...) 2. (du lat. <i>experimentum crucis</i> , de F. Bacon, 'expérience de la croix', par allus. aux poteaux indicateurs des carrefours) Philos. Expérience cruciale, qui permet de confirmer ou de rejeter une hypothèse, sert de critère. => décisif . (...). (PR)	Não	(...) Freq. in trivial use = 'very important'. (OED)

7.3 O processo de vernaculização

Com o intuito de acomodar a unidade lexical importada de modo a torná-la uma unidade lexical como qualquer outra unidade do léxico do português, produziu-se uma estrutura vernacular, cuja construção foi realizada tendo em vista um modelo de estrutura morfolexical existente em português.

A seguir são apresentados os tipos de estruturas de vernaculização identificados nas estruturas nominais e nas estruturas verbais.

7.3.1 Estruturas nominais

A estrutura vernacular nominal (substantivos e adjetivos) caracteriza-se pela construção de uma estrutura morfológica por meio de um processo de substituição total ou parcial dos constituintes em inglês por constituintes em português.

Dois fatores subjazem à construção dessa estrutura vernacular. Um deles é a existência em português de constituintes latinos cognatos aos do inglês, especialmente sufixos cognatos. O segundo é a realização de uma operação de analogia formal, quando se detecta uma semelhança formal entre a unidade lexical em inglês com outra em português.

Essa operação analógica aciona o processo de substituição que será conduzido tendo em vista um modelo de estrutura interna existente em português. O falante considera que a estrutura em inglês é, em termos estruturais, formalmente semelhante a uma estrutura morfológica existente em português. O falante realiza então a substituição dos constituintes cognatos, como radicais e/ou sufixos, sem alterar a ordem dos constituintes da estrutura, tendo-se sempre o radical seguido pelo sufixo.

Ressalte-se que em inglês todas as unidades lexicais complexas foram construídas a partir de uma regra de construção de palavras originária do latim; esta regra, por sua vez, existe também em português, porque foi herdada do latim.

As regras têm, portanto, uma origem comum, o latim, mas certamente surgiram especificidades de construção em inglês e em português, à medida que cada língua começou a construir as suas próprias derivações, tais como o tipo de base exigido, os afixos envolvidos em uma operação morfológica, as variações da base e/ou do afixo no ambiente derivacional, os significados esperados, etc. Assim, não é possível pensar na equivalência total dos modelos estruturais em inglês e em português.

Nas estruturas vernaculares nominais é recorrente a substituição do constituinte sufixal do inglês pelo constituinte sufixal cognato em português. Já a substituição do constituinte na posição de base por constituinte cognato em português nem sempre foi

possível. Quando não foi possível a substituição, foi mantido o segmento do inglês, mas adaptado em termos ortográfico, fonológico e silábico, conforme o caso.

Tendo em vista as regras de normalização propostas por Santos (1992), especialmente regras de normalização ortográfica, regras de normalização fonológica e regras de normalização silábica, entende-se que a adaptação ortográfica se dá quando o(s) grafema(s) do sistema ortográfico do inglês é(são) substituído(s) por grafema(s) do sistema ortográfico do português. Já a adaptação fonológica ocorre quando a grafia do segmento é mantida tal qual no inglês, mas o segmento é pronunciado com os fonemas correspondentes à grafia no sistema fonológico do português¹⁹⁴. E, por último, a adaptação silábica ocorre com a presença do elemento mínimo da sílaba do português, que é, nos casos analisados, a vogal por prótese. Mais adiante, serão discutidos os exemplos de cada adaptação.

7.3.1.1 Estruturas com os sufixos *-ção*, *-ncia* e *-mento*

As estruturas em português que serviram de base para a construção da estrutura vernacular a partir de estruturas em inglês terminadas com o sufixo *-ation/-tion*, *-ance/-ence* e *-ment* foram estruturas características de substantivos terminadas, respectivamente, com o sufixo *-ção*, *-ncia* e *-mento*, cuja formalização pode ser assim representada: X-ção, X-ncia, X-mento, em que X representa um constituinte na posição de base, podendo este ser um radical ou um tema.

As estruturas com base temática representam as estruturas produtivas. Há estruturas em que o radical representa apenas um constituinte formal, não sendo, portanto, portador de significação. As referidas estruturas, quer regulares, quer

¹⁹⁴ Apesar de as regras fonológicas na construção da estrutura vernacular, tais como a aplicação de regras relacionadas com a mudança de acento ao se substituir um sufixo do inglês pelo sufixo cognato em português, certamente terem um papel essencial na formação da estrutura vernacular, esta tese apenas se dedicou ao estudo dos aspectos morfológicos e semânticos da estrutura obtida.

idiossincráticas, dispõem das propriedades categorial, semântica e morfossintática: todas pertencem à categoria lexical de substantivo; no que se refere à categoria de gênero, X-ção e X-ncia trazem a propriedade inerente de gênero feminino, enquanto X-mento, a propriedade inerente de gênero masculino.

A seguir, apresentam-se os modos de construção das estruturas de vernaculização. A construção da estrutura se deu :

a) Com a substituição total dos constituintes: os constituintes pertencentes à posição de base e à posição sufixal são substituídos por constituintes cognatos em português. Tem-se como produto um decalque morfológico.

Em alguns casos, as bases em inglês são complexas, o que implicou também uma construção tendo em vista uma estrutura interna existente em português. Serve de exemplo *derivatização* a partir do inglês *derivatization*.

Em inglês, *derivatization* é uma estrutura complexa pertencente ao modelo Xation, em que X é uma base complexa, *derivatize*, acrescida do sufixo *-ation*. A base complexa é, por sua vez, formada pelo truncamento do sufixo *-ive* da base *derivative* para o acréscimo do sufixo *-ize*, tal como representado na estrutura em colchetes:

$$[[\text{derivat(ive)}]_{\text{ADJ}} (-\text{iz-})_{\text{suf}}]_{\text{V}} (-\text{ation})_{\text{suf}}]_{\text{S}}$$

Tendo em vista que a estrutura análoga de Xation em português é Xção, inicia-se a construção da estrutura vernacular por meio da substituição dos constituintes. A estrutura existente em português exige um tema na posição de base, formado pelo radical, seguido da vogal temática, e por um sufixo.

A despeito de, no inglês, o sufixo ser *-ation*, o português interpreta *derivatization* como uma estrutura decomponível pelo tema *derivatiza-* seguido do sufixo *-tion*. Tem-se assim a substituição do sufixo *-tion* por *-ção* e do constituinte na

posição de base, *derivatiza-*, por *derivatiza-*. *Derivatiza-* é uma estrutura possível tendo em vista a existência em português de estruturas sufixais em *-iz-* formadas a partir de bases adjetivas complexas com o truncamento do sufixo *-ivo*. Neste caso, a estrutura em português pode ser explicada por meio do truncamento do sufixo *-ivo* da base adjetiva *derivativo*, com o acréscimo do sufixo *-iz-*. Uma vez formado o radical *derivatiz-*, tem-se a sufixação da vogal temática *-a-* para a formação do tema, que servirá de base para a sufixação de *-ção*, tal como representado na estrutura em colchete:

[[derivat(-ivo)]_{ADJ} (-iz-)_{suf}]_{RV} (-a)_{VT}]_T (-ção)_{suf}]_S

Nos exemplos a seguir, observa-se o mesmo processo: o português interpreta o constituinte que antecede *-tion* como um tema complexo terminado em *-iza-*, e realiza a substituição. O tema complexo produzido tem o status de base¹⁹⁵, tal como pôde ser constatado na análise realizada no capítulo 5.

Inglês	→ Português
X-ation	X-ção
Derivatization	derivatiza-ção
Embolization	emboliza-ção
Initialization	inicializa-ção
Pharyngalization	faringaliza-ção
Sanitization	sanitiza-ção
Solarization	solariza-ção
Strobilization	estrobiliza-ção

¹⁹⁵ Estas bases são novas e foram analisadas no capítulo 5.

Um outro exemplo de base complexa, mas diferente dos casos acima, é *aculturação*. Em inglês, o OED afirma que *acculturation* tem a seguinte estrutura: [AC- prefix + CULTURE n. + -ATION]. Isto quer dizer que *acculturation* formou-se pela circunfixação do prefixo *ac-* e do sufixo *-ation* à base *culture*. Em português, a construção de *aculturação*, no entanto, baseia-se no modelo da estrutura X-ção. O português interpreta *acculturation* como uma estrutura decomponível pelo tema *accultura-* seguido do sufixo *-tion*. Tem-se assim a substituição do sufixo *-tion* por *-ção* e do constituinte na posição de base *accultura-* (constituído por *ac-* + *culture*) pelo tema *acultura-* em português.

A base *acultura-*, por sua vez, é uma estrutura possível tendo em vista a existência em português de estruturas verbais formadas pela circunfixação do prefixo *-a-* e do sufixo temático *-a-* a bases substantivas, com significado parafraseável por ‘prover de Sb’.

No que se refere ao prefixo *a-*, ressalte-se que este prefixo é cognato do prefixo *ac-* em inglês, e ambos são resultado de um processo de assimilação. Em inglês, o prefixo *ac-* é a forma assimilada do prefixo latino *ad-* diante de palavras iniciadas por *c-* (*k-*): há assimilação no ponto de articulação, pois a dental [d] torna-se oclusiva diante de [k].

Em português, o prefixo *a-* também é a forma assimilada do prefixo latino *ad-* diante de palavras iniciadas pela consoante *c*; em português, no entanto, ao invés de se manter o prefixo *ac-*, este reduz-se a *a-*, simplificando a consoante geminada¹⁹⁶.

Acultura- é, portanto, passível de ser considerado o tema de *aculturação*, tal como representado na estrutura em colchete:

[[(a-)pref [cultura]s (-a-)Suf.Tem.]TV (-ção)suf]s

¹⁹⁶ Além de haver assimilação diante da consoante *c*, Cunha (1986, p. 13) afirma que o *-d-* do prefixo *ad-* diante das consoantes *f, g, l, n, p, r, s*, e *t* é geralmente assimilado e reduz-se a *a-* nos verbos portugueses oriundos de substantivos ou de adjetivos.

Há ainda exemplos de substituição por temas já existentes em português, tais como:

i) Inglês → Português

X-ation X-ção

Coacervation coacerva-ção

Elution elui-ção

Equalization equaliza-ção

Estivation estiva-ção

Gratification gratifica-ção

Globalization globaliza-ção

Ideation Idea-ção

Importation importa-ção

Lenition leni-ção

Levitation levita-ção

Colliquation coliqua-ção

ii) Inglês → Português

X-ence X-ncia

Succumbence sucumbe-ncia

Tem-se também a substituição de radicais do inglês por radicais cognatos em português, com a manutenção da vogal final do sufixo em inglês, para a formação do tema em português. Serve de exemplo *impedance*, em que há a substituição do radical *imped-* do inglês pelo cognato *imped-* em português, com a manutenção da vogal final *-a-*. Os demais exemplos também seguem o mesmo processo:

Inglês	→ Português
X-ance	X-VT-ncia
Impedance	imped-â-ncia
Admittance	admit-â-ncia
Transmittance	transmit-â-ncia
Reactance	reat-â-ncia
Inductance	indut-â-ncia

Por último, tem-se a substituição de constituintes na posição de base por constituintes pertencentes à categoria lexical de substantivo, sendo esta categoria inapropriada tendo em vista a regra de construção de substantivos deverbais em português. Serve de exemplo *gastrulação*, cujo constituinte *gástrula* é um substantivo na posição de base. Demais casos são apresentados a seguir:

Inglês	→ Português
X-tion	X-ção
Gastrulation	gastrula-ção
Gemulation	gemula-ção
Glandulation	glandula-ção

b) Com adaptação ortográfica ou silábica do constituinte de base e substituição do sufixo. São empréstimos morfossemânticos híbridos.

Serve de exemplo:

Chelation	quela-ção (base com adaptação ortográfica: [ch] é substituído por [qu])
-----------	---

c) Com radicais tais quais no inglês (com adaptação fonológica) e substituição sufixal: neste caso, mantém-se o constituinte de base do inglês porque não existe em português um constituinte cognato ou equivalente. São empréstimos morfossemânticos híbridos.

Serve de exemplo *indentation*, interpretável em português como constituído do tema *indenta-* seguido do sufixo *-tion*. A partir dessa interpretação, substituiu-se o sufixo *-tion* por *-ção* e mantém-se *indenta-* como tema. No caso de *enation*, por exemplo, o segmento *ena-* é mantido na posição de base, embora não tenha o status de base, e substituem-se os sufixos. Tal processo é também observado nos demais dados a seguir:

Inglês	→ Português
1. X-ation	X-ção
Indentation	indenta-ção
Enation	ena-ção
Eluviation	eluvia-ção
Motion	mo-ção
Deflation	defla-ção
2. X-ence/-ance	X-ncia
Deterrence	deterre-ncia
Compliance	complia-ncia
Luminance	lumina-ncia
Calorescence	caloresce-ncia

d) Com a substituição da unidade lexical no inglês por uma unidade lexical existente em português: neste caso tem-se uma tradução literal, motivada pela semelhança formal que a forma estrangeira tem com uma forma na língua de acolhimento. Tem-se

como produto de calques semânticos. Serve de exemplo *establishment* traduzido literalmente em português por *estabelecimento*. Os demais exemplos são seguem o mesmo processo:

Inglês	→ Português
Establishment	estabelecimento
Parliament	parlamento
Reference	referência
Variance	variância

7.3.1.2 Estruturas com os sufixos $-ia^1$ átono (substantivos de adjetivais em *-nte*), $-ia^2$ tônico (substantivos de adjetivais), $-(c)ia^3$ átono (substantivos de origem latina), *-dade* e *-ismo*.

Os modelos de estruturas em português que serviram de base para a construção da estrutura vernacular, a partir da estrutura em inglês, foram estruturas nominais específicas de nomes de qualidade, cuja base canônica é adjetival, mas com a possibilidade de ocorrência de bases substantivas ou de constituintes sem status de base.

As estruturas em inglês terminadas em *-ency/ence* foram construídas em português tendo em vista a estrutura de base $X-ia^1$ (átono), em que X é um adjetivo terminado em *-nte*, com estrutura representada por $A_{-nte} \rightarrow S_{-ia}$, ou X é um constituinte sem status de base.

As estruturas em inglês terminadas em *-acy* tiveram por base em português a estrutura $X-ia^2$ (tônico), em que X é um adjetivo, com estrutura representável por $A \rightarrow S_{-ia}$ (tônico), ou X é um constituinte sem status de base. Foi também possível identificar o uso da estrutura $X-(c)ia^3$ (átono), em que X é um radical sem status de base.

As estruturas terminadas em *-ism* tiveram por base em português a estrutura X-ismo, em que X é um adjetivo ou substantivo, com estrutura representável por $A \rightarrow S_{\text{ismo}}$, ou X é um constituinte sem status de base.

Já as estruturas terminadas em *-ity* tiveram por base em português a estrutura X-dade, em que X é um adjetivo, com estrutura representável por $A \rightarrow S_{\text{-dade}}$, ou X é um constituinte sem status de base.

O processo de construção das estruturas é apresentado a seguir. A construção da estrutura se deu:

a) Com a substituição total dos constituintes: os constituintes pertencentes à posição de base e sufixal são traduzidos por constituintes cognatos em português. Têm-se decalques morfológicos.

Serve de exemplo *resiliência* a partir do inglês *resilience*. A estrutura vernacular de *resiliência* foi construída tendo em vista a existência em português de uma estrutura análoga à do inglês, sendo esta estrutura originária, em ambas as línguas, de um modelo do latim¹⁹⁷.

Em português, a construção de *resiliência* é possível a partir da estrutura X-ia¹, em que X é o adjetivo *resiliente*, sendo a regra de construção de palavra formalizável por $A_{\text{-nte}} \rightarrow S_{\text{-ia}}$.

Na estrutura morfológica de base em português, há a aplicação de uma regra fonológica de assibilação que atua na construção da estrutura morfológica. Assim, no

¹⁹⁷ No latim, havia substantivos abstratos formados a partir de adjetivos, com forma proveniente do particípio presente, terminado em *-ant/-ent-*. Servem de exemplos: L. *pūdēntiā* ‘pudor, recato, castidade’ < *pūdēns, ēntīs*, ‘que tem vergonha’, particípio presente de *Pudet* ‘ter vergonha’; L. *ābsēntiā* ‘ausência’ < *ābsēns, ēntīs* ‘que não está em um certo lugar, ausente’, particípio presente de *Absum* ‘estar retirado, ausente’. As estruturas de *pūdēntiā* e de *ābsēntiā* poderiam ser assim representadas: $[[\text{pudent-}]_{\text{RA}} (-\text{ia})_{\text{suf}}]_{\text{S}}$ e $[[\text{absent-}]_{\text{RA}} (-\text{ia})_{\text{suf}}]_{\text{S}}$.

caso acima, é possível observar a assibilação de /t/ → /s/ diante da adjunção do sufixo *-ia* à base adjetiva *resiliente*.

Servem de exemplo também unidades lexicais construídas a partir de outras estruturas. Tem-se o exemplo *iliteracia*, a partir do inglês *illiteracy*, com base na estrutura X-ia² (tônico), em que X é o adjetivo *iliterado*. Na construção da estrutura, há a atuação da regra fonológica de assibilação de /d/ → /s/ diante da adjunção do sufixo *-ia* à base *iliterado*.

Com relação às unidades terminadas em *-ismo*, servem de exemplo *inflacionismo* e *abolicionismo* (ing. *inflationism* e *abolitionism*), formadas com base na estrutura X-ismo, em que X é o substantivo *inflação* e *abolição*, respectivamente. Na construção, há a aplicação de uma regra morfofonêmica que ativa a variante *cion*, em substituição de *-ção*, diante da sufixação de *-ismo*. O segmento <cion> representa a variante ativada em contexto derivacional.

Por último, as unidades terminadas em *-dade*, representadas por, por exemplo, *excentricidade* e *testabilidade*, a partir do inglês *eccentricity* e *testability*. Foram construídas em português com base na estrutura X-dade, em que X é o adjetivo *excêntrico* e *testável*, respectivamente. Na construção de *excentricidade*, tem-se a assibilação de /k/ → /s/ diante da adjunção do sufixo *-idade*¹⁹⁸ à base *excêntrico*. Em *testabilidade*, ocorre a atuação de uma regra morfofonêmica que ativa a variante *bil*, em substituição de *-vel*, diante da sufixação de *-idade* à base adjetiva *testável*. O segmento <bil> representa a variante ativada em contexto derivacional.

b) Com adaptação ortográfica e fonológica do constituinte de base e substituição do sufixo. Tem-se um empréstimo morfossemântico híbrido.

¹⁹⁸ Segundo Rio-Torto (1998a, p. 38), o sufixo *-idade* seria uma variante do sufixo *-dade* “quando precedido por sibilante surda, nomeadamente quando defluente de /S/ (*tenacidade, felicidade*), por /R/ (*paridade*), por /L/ (*dualidade, fiscalidade, pluralidade, realidade, ruralidade, sociabilidade, universalidade*) e nos demais contextos consonânticos (*brevidade, castidade, curiosidade, dignidade, falsidade, novidade, urbanidade, raridade, representatividade*);”

Serve de exemplo *acurácia*, a partir do inglês *accuracy*:

Inglês	→	Português
X-cy		X-(c)ia
Accuracy		acurácia (base com adaptação ortográfica: substituição dos grafemas [cc] pelo grafema [c])

A construção de *acurácia* apóia-se no modelo de estruturas latinas em português com a terminação *-ácia/ícia*, como *pertinácia*, *letícia*, *malícia*, e outras. A estrutura vernacular é construída tendo em vista a estrutura X-(c)ia³, em que X é, geralmente, um constituinte formal não portador de significação¹⁹⁹. Neste caso, ocorre a substituição do sufixo, sem a substituição do constituinte de base porque não existe em português constituinte cognato ou equivalente. Tem-se apenas uma adaptação ortográfica com a supressão de uma das letras c do radical em inglês. Observa-se também a mudança da posição do acento: diferentemente do inglês que atribui acento na sílaba inicial [ac]²⁰⁰, o acento em português é atribuído na penúltima sílaba, seguindo a acentuação esperada em português.

c) Com radicais tais quais no inglês (com adaptação fonológica) e substituição sufixal: neste caso mantém-se o constituinte de base do inglês porque não existe em português um constituinte cognato ou equivalente. São empréstimos morfossemânticos híbridos.

¹⁹⁹ Em português, estas estruturas são procedentes do latim e, portanto, foram construídas originalmente no latim. A estrutura que representa estas construções é X-cia, em que X geralmente não pode ser considerado base em português em termos sincrônicos. Por exemplo, não é possível considerar *amicícia* uma palavra analisável segundo uma RCP do português, porque a base latina *amicus* ‘amigo’ não é interpretável, em termos sincrônicos, em português. Reforça ainda esta posição o fato de *amicus* não ser uma palavra usada como base para formar novas palavras em português.

²⁰⁰ A pronúncia transcrita no AHD [ak’yər-ə-sē] marca o acento na primeira sílaba.

Serve de exemplo *ergotismo*, a partir do inglês *ergotism*. Tem-se a substituição do sufixo *-ism* por *-ismo* e manutenção do radical *ergot-*, que não é portador de significação em português.

d) com substituição de parte do sufixo do inglês por sufixo não-cognato em português e manutenção do segmento restante como radical. São empréstimos morfossemânticos híbridos:

Serve de exemplo *privacidade*, com base no inglês *privacy*. Houve substituição de parte do sufixo *-cy* pelo sufixo *-idade* do português: substituiu-se o *-y-* (em *-cy*) por *-idade* e interpretou-se o segmento *privac-* como radical. Uma possível substituição literal seria *-cy* por *-cia* e teríamos ^o*privácia*, necessariamente acentuada pois o sufixo é átono.

7.3.2 Estruturas verbais

No caso das estruturas verbais, é recorrente o acréscimo do sufixo temático ao radical para marcar a categoria morfológica de tema da estrutura verbal em português.

Seguem a seguir os tipos de processos utilizados para a construção das estruturas de vernaculização com base em estruturas verbais em português.

Tendo em vista a estrutura interna de verbos em português, os verbos adotados do inglês foram construídos, para o uso em português, com base em três modelos de estruturas:

- 1) verbos isocategoriais, cuja base é um radical verbal;
- 2) verbos denominais;
- 3) verbos de mudança de estado.

As duas primeiras estruturas são formalizáveis por S/Rv → V_{-a(r)}, e a última por S → V_{-iz-(-a(r))}. O processo de vernaculização se deu:

- a) com a substituição do verbo do inglês por radical existente²⁰¹ e cognato em português seguido do acréscimo do sufixo temático. Têm-se decalques semânticos com acréscimo do sufixo temático.

Serve de exemplo *conectar*, a partir do inglês *connect*. Em português, o radical *conect-* já era existente, pois está presente em formações como *conectivo*, *conectividade*. O radical *conect-* é um radical de origem latina (lat. *connectĕre* ‘prender, atar, ligar juntamente’) que entrou em português pelas vias do francês, com a adoção de *conectivo* em 1799, segundo o Houaiss. Ressalte-se que o português também dispõe de *conexivo*, sendo este, por sua vez, o radical de particípio passado originário diretamente do latim *connexivus, a, um* ‘que liga, copulativo’, radical de *conexum*, supino de *connectĕre*.

Seguem também o mesmo processo os verbos *conotar* (f. *conot-*) / in. *connote*; *formatar* (f. *format-*, presente em *formato*, *formativo*) / in. *format*; *tabular* (f. *tabul-*, presente em *tabula*, *tabulário*) / in. *tabulate*; *acessar* (f. *acess-*, presente em *acesso*, *acessão*, *acessível*, *acessibilidade*, *acessional*, *acessivo*, e outros) / in. *access*; *estrobilar* (f. *estróbil-*, presente em *estrobilação*, *estrobiláceo*, *estrobilântea*, *estrobilífero*, etc).

- b) com a substituição total dos constituintes: os constituintes pertencentes à posição de base e afixal são traduzidos por constituintes cognatos em português para a formação do radical e, em seguida, tem-se o acréscimo do sufixo temático. São decalques morfológicos, com acréscimo do sufixo temático.

²⁰¹ Este radical recebeu um novo significado proveniente do inglês.

Serve de exemplo *desapontar*, a partir de *disappoint* em inglês. Em português, tem-se a formação de um tema constituído pelo radical decalcado e pelo acréscimo do sufixo temático –a-. O radical *desapont-* formou-se por meio da tradução literal dos constituintes do verbo em inglês: o prefixo *dis-* (do latim *dis-*, que exprime as idéias de ‘negação’, ‘cessação’, ‘separação’) é substituído pelo prefixo cognato *des-* (do latim *dis-*) e *appoint* por *apontar*. Apesar da identificação de constituintes, o radical *desapont-* não é uma estrutura analisável a partir da prefixação do prefixo *des-* à base verbal *apont-*, porque este radical não tem o significado importado parafraseável por ‘realizar ação contrária a apontar’.

Segue também o mesmo processo os verbos de mudança de estado tendo em vista a estrutura $S \rightarrow V_{-iz-(a(r))}$: *estrobilizar* (estróbilo + -iz- + -a-) a partir do ing. *strobilize* (strobila + ize); *inicializar* (inicial + -iz- + -a-) a partir do ing. *initialize* (initial + -ize) e *maximizar* (máximo + -iz- + -a-) a partir do ing. *maximize* (maxim + -ize). A estrutura morfológica pode ser representada do seguinte modo:

[[estróbilo]_S (-iz-)_{Suf.}]_{Rv} (-a)_{suf. Tem.}]_{TV}

[[inicial]_{ADJ} (-iz-)_{Suf.}]_{Rv} (-a)_{suf. Tem.}]_{TV}

[[máximo]_{ADJ} (-iz-)_{Suf.}]_{Rv} (-a)_{suf. Tem.}]_{TV}

c) a manutenção do radical tal qual no inglês (com adaptação fonológica) seguido de acréscimo da vogal temática.

Servem de exemplo *detectar* (f. detect-), *indentar* (f. indent-), *mixar* (f. mix-) e *extraditar* (f. extradit-).

d) com adaptação silábica do constituinte de base e acréscimo da vogal temática.

Servem de exemplo *estressar*, a partir do verbo do inglês *stress*, e *escanear*, a partir do verbo *scan*. Em ambos os verbos, observa-se a prótese do [e] para adaptar ao padrão silábico do português, seguido do acréscimo das vogais temáticas –a- e –ea-, esta última sendo um sufixo verbal característico de ação de ‘transformação’, ‘mudança de estado’, o que reflete o significado do verbo *escanear* ‘que converte imagens ou sinal analógico em código digital ou para o processamento por computador’ (Houaiss).

e) com a adaptação silábica do radical verbal em inglês, substituição do sufixo verbal e acréscimo de vogal temática

Serve de exemplo *estandardizar*, a partir do inglês *standardize*. Tem-se em português a prótese do [e] ao verbo *standardize* para a adequação ao padrão silábico do português, obtendo-se *estandardize*, seguido da substituição do sufixo –ize por –iz- e acréscimo da vogal temática –a-, tal como a seguir representado:

Adaptação silábica: e + [standardize]_v = [estandardize]

Substituição sufixal: -ize por –iz

Acréscimo da vogal temática: -a = estandardiza-

7.4 Empréstimos como unidade lexical do português

Os empréstimos sob análise se caracterizam por apresentar uma estrutura vernacular, cuja construção teve a finalidade de dar ao empréstimo o status de unidade lexical do português.

Os empréstimos adquiriram esse status porque apresentam todas as características exigidas para o uso como qualquer outra unidade lexical do português.

Essas características referem-se às propriedades necessárias que guardam informações gramaticais. Uma unidade lexical contém propriedades categorial, semântica, morfossintática, fonológica e pragmática, além de ter autonomia sintática. Para ilustrar com um exemplo de uma unidade lexical do português, serve de exemplo a unidade *chá*:

- a) categorial: substantivo;
- b) semântica: ‘infusão preparada com ervas’;
- c) morfossintática: gênero masculino;
- d) fonológica: sua pronúncia /a /.

Ao empréstimo também foram atribuídas as propriedades essenciais por meio da construção da estrutura vernacular, seja a estrutura analisável, seja a parcialmente analisável, segundo uma regra de construção de palavra do português, tal como pode ser observado a seguir:

i) estrutura analisável: *nidação*, que dispõe das seguintes propriedades:

- a) categorial: substantivo
- b) semântica: ‘fixação do óvulo fecundado à parede do útero’ (Houaiss);
- c) morfossintática: gênero feminino;
- d) fonológica: /nida’sãw/;
- e) pragmática: domínio de especialidade: embriologia.

ii) estrutura parcialmente analisável: *impedância*, que dispõe das seguintes propriedades:

- a) categorial: substantivo
- b) semântica: ‘medida da capacidade de resposta de um circuito elétrico percorrido por uma corrente alternada’ (Houaiss);
- c) morfossintática: gênero feminino
- d) fonológica: /impe’dansja/
- e) pragmática: domínio de especialidade: eletricidade; eletrônica.

iii) estrutura verbal analisável: *formatar*, que dispões das seguintes propriedades:

- a) categorial: verbo
- b) semântica: ‘preparar (meio de armazenamento magnético) para receber dados’
- c) morfológica: tema formata-
- d) fonológica: /forma’tar/
- e) pragmática: domínio de especialidade: informática

Desse modo, tendo em vista a recorrente atribuição de propriedades essenciais para cumprir as exigências do português, as unidades importadas podem então ser reconhecidas e usadas como qualquer outra unidade lexical do português.

7.5 Síntese do capítulo

Este capítulo apresentou quatro percursos por meio dos quais as unidades lexicais importadas do inglês passaram até chegar ao português do Brasil. Foram identificados quatro tipos de unidades e seus percursos: i) as que se formaram em inglês com constituintes latinos; ii) as que foram adotadas do latim pelas vias do inglês; iii) as que foram adotadas do latim pelo inglês por meio do francês; e iv) as que foram adotadas diretamente do francês pelo inglês.

Em seguida, foram identificados os processos por meio dos quais as estruturas de vernaculização foram construídas. Esses processos, divididos em processos de substituição total dos constituintes, substituição parcial, importação tal qual no inglês (com adaptação fonológica em especial) e acréscimo do sufixo temático no caso das estruturas verbais, são conduzidos tendo em vista um modelo de estrutura morfolexical existente em português. As estruturas produzidas, analisáveis e parcialmente analisáveis, segundo uma regra de construção de palavras do português, têm a característica comum de dispor de propriedades essenciais que permitem o seu reconhecimento como qualquer outra unidade lexical do português.

CONCLUSÃO

A análise da estrutura interna das unidades lexicais importadas do inglês pelo português do Brasil possibilitou a identificação de estruturas analisáveis e de estruturas parcialmente analisáveis, características, respectivamente, de estruturas complexas construídas e de estruturas complexas não-construídas.

Os parâmetros teóricos e metodológicos que presidiram a análise morfolexical das referidas estruturas tiveram por base teórica o modelo associativo de morfologia lexical, desenvolvido especialmente por Corbin (1987, 1991, 1997a e 1997b). O modelo preconiza a análise da estrutura interna de uma unidade lexical segundo o princípio da associatividade, definido como a conjugação da estrutura morfológica e da interpretação semântica para se verificar a existência de relação derivacional. Corbin defende um componente lexical que abarca a morfologia derivacional. Isso quer dizer que é no léxico que se dá a construção de novas unidades lexicais. O léxico dispõe, no componente de base, das entradas lexicais e das entradas afixais que são o material de base para as novas construções, assim como dispõe das regras derivacionais que conduzem o processo de construção.

O componente lexical desenvolvido por Corbin também faz referência ao léxico que reúne as unidades lexicais atestadas, chamado de léxico convencional, no qual estão presentes todas as unidades atestadas de uma língua, tanto as analisáveis segundo uma RCP, como aquelas parcialmente analisáveis ou não-analisáveis, portadoras de alguma idiossincrasia em termos sincrônicos, seja no significado ou na constituição da estrutura morfológica. O modelo de Corbin, o modelo SILEX, representa, entre os modelos analisados, um modelo com maior potencial de análise do léxico, porque estabeleceu dispositivos que incrementaram a capacidade de análise morfolexical, criando mecanismos para analisar toda a complexidade das unidades

lexicais. A estratificação do componente, estabelecendo níveis, tem justamente a função de explicar a regularidade lexical, identificando as irregularidades de fachada, as sub-regularidades e as idiossincrasias. Alguns mecanismos foram especialmente importantes para o desenvolvimento desta tese, quais sejam: i) o reconhecimento da base não-autônoma, que dá ao morfema (e não somente à palavra, como defendido por Aronoff (1976)) a possibilidade de ser base de uma unidade lexical complexa e de ser usado para formar novas palavras; ii) a proposição da REI para a análise de unidades lexicais com alguma particularidade idiossincrática, considerada parcialmente analisável. Corbin observou a existência de unidades que, embora não fossem analisáveis por completo, dispunham de informações previsíveis, detectáveis pela REI: a estrutura de uma REI é aquela que identifica um constituinte ao menos com status sígnico; iii) a constatação de que a unidade lexical reúne propriedades categorial, morfológica, semântica, morfossintática, fonológica e pragmática, e iv) a observação de que, ao se construir uma unidade lexical complexa, as propriedades categorial, morfológica, semântica e morfossintática de gênero (em substantivos) são atribuídas pela regra de construção e de que tais propriedades são previsíveis e recorrentes na unidade complexa.

Todos estes mecanismos foram essenciais para realizar a análise morfolexical da unidade lexical importada, porque possibilitou constatar que tais unidades apresentam uma estrutura interna. No âmbito da tese, foram identificadas estruturas analisáveis, tendo em vista uma regra de construção de palavras do português, assim como os princípios para a identificação de uma base e de um afixo, definidos por Corbin (1987). Todas as estruturas são de sufixação, sendo esta a única operação morfossemântica em atuação no âmbito das referidas regras.

Para a análise dos substantivos, utilizaram-se três regras: regra de construção de substantivos deverbais (RCP ACT), regra de construção de nomes de qualidade (RCP ESSIV) e regra de construção de agentivos deverbais (RCP AG). Os operadores sufixais a serviço das regras foram:

- 1) RCP ACT: sufixos *-ção* e *-ncia*;
- 2) RCP ESSIV: sufixos *-ia¹*; *-ia²*; *-ismo*; *-idade*;
- 3) RCP AG: sufixos: *-or*; *-dor*; *-nte*.

Para a análise dos adjetivos, foram utilizadas também três regras: regra de construção de adjetivos relacionais (RCP REL), regra de construção de adjetivos deverbais e regras de construção de adjetivos deverbais de modalização (RCP Modal). Os operadores sufixais a serviço das regras foram:

- 1) RCP REL: sufixos *-al*; *-ic-*; *-ist-*; *-ári-*;
- 2) Adjetivos deverbais: sufixo *-ivo*;
- 3) RCP Modal: sufixo *-vel*.

Para a análise dos verbos, utilizaram-se três regras: regra de construção de verbos isocategoriais, regra de construção de verbos denominais e regra de mudança de estado. Os operadores ao serviço das regras foram:

- 1) Verbos isocategoriais: sufixos *-a(r)*; *-i(r)*;
- 2) Verbos denominais: sufixos *-a(r)*; *-i(r)*;
- 3) Verbos de mudança de estado: sufixo *-iz-*.

As unidades lexicais complexas não-construídas caracterizam-se por dispor de uma estrutura interna em que um dos seus constituintes, o constituinte na posição de base, é um constituinte formal sem natureza sígnica e, conseqüentemente, não portador de significado. O constituinte na posição sufixal, por outro lado, exerceu a função de atribuir a propriedade morfossintática de gênero e de marcar a categoria lexical da

estrutura, o que possibilitou o uso da unidade lexical importada como qualquer outra unidade lexical do português.

Foram identificados cinco tipos de restrições ao constituinte na posição de base que impediram considerar a estrutura como analisável: 1) Segmentos inexistentes na posição de base; 2) Segmentos inexistentes apesar da existência em português da forma evoluída do latim; 3) Tema impossível para a base; 4) Categoria lexical impossível e 5) Significado importado não-associado à estrutura interna previsível, sendo esta última restrição passível de ser explicada pelo fato de a estrutura importada do inglês ter: i) sido construída a partir de um modelo não existente em português; ii) passado por uma derivação semântica, assumindo significados figurais não passíveis de previsão; iii) base com significado distinto da base cognata em português e, por último, iv) base com significado especializado, pertencente a um domínio técnico-científico.

As unidades lexicais importadas, quer analisáveis ou parcialmente analisáveis, são estruturas vernaculizadas cuja construção se deu tendo em vista um modelo de estrutura morfolexical existente no português do Brasil, com o objetivo de criar uma unidade lexical com características próprias de uma unidade lexical do português.

A construção da estrutura de vernaculização se deu por meio de vários processos. Nas estruturas nominais, foi utilizado um processo de substituição total ou parcial dos constituintes da unidade lexical em inglês por constituintes em português. Nas estruturas verbais, além do uso do processo de substituição, deu-se também o acréscimo do sufixo temático para a construção do tema, que é a categoria morfológica característica das estruturas verbais em português. Em ambas as estruturas, recorreu-se às adaptações ortográficas, fonológicas e silábicas quando não foi possível a substituição.

É possível afirmar que os objetivos principal e específicos pretendidos com a tese foram cumpridos, pois foi constatado que os problemas de depreensão da estrutura morfológica e do significado de uma unidade lexical importada estão

relacionados com a construção de uma estrutura sem a observação do princípio de associatividade, o que torna tais estruturas não passíveis de serem analisadas segundo uma regra construção de palavra (RCP) do português. Apesar da identificação desse tipo de estrutura, foram, por outro lado, também identificadas estruturas analisáveis segundo uma RCP do português, o que implica a ocorrência de uma unidade previsível com estrutura morfológica e interpretação semântica associável. Por fim, podemos constatar que a construção das estruturas vernaculizadas, conduzida por um modelo de estrutura morfolexical existente em português, cumpriu o papel de construir uma unidade lexical contendo propriedades essenciais, tais como as propriedades categorial, semântica, morfossintática, morfológica e fonológica, as quais permitem o seu reconhecimento como uma unidade lexical do português.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARONOFF, Mark. *Word formation in generative grammar*. Cambridge: The MIT Press, 1976.

BASÍLIO, Margarida. *Estruturas lexicais do português*. Petrópolis: Vozes, 1980.

----- . Verbos em –a(r) em português: afixação ou conversão? *D.E.L.T.A*, v. 9, n. 2, p. 295-304, 1993.

----- . *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

BASÍLIO, Margarida; MARTINS, Helena. Verbos denominais no português falado. In: KOCH, Ingedore G. Villaça (Org.). *Gramática do português falado: Desenvolvimentos*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. v. 6, p. 377-396.

BAUER, Laurie. *English word formation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

----- . *Introducing linguistic morphology*. 2. ed. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 2003.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl.. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CÂMARA Jr., Mattoso Joaquim. *Princípios de lingüística geral*. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1973.

CHOMSKY, Noam. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton, 1957.

----- . Remarks on nominalization. In: *Readings in English transformational grammar*. Waltham: Ginn and Co., 1970.

CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. *The sound pattern of English*. New York: Harper e How, 1968.

CORBIN, Danielle. *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1987. 2 v.

-----. Form, structure and meaning of constructed words in an associative and stratified lexical component. In: *Yearbook of Morphology* 2, 1989. p. 31-54.

-----. Introduction – La formation des mots: structures et interpretations. In: *Lexique* 10. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires de Lille, 1991. p. 7-30.

-----. Entre les mots possibles et les mots existants: les unites lexicales à faibles probabilité d'actualisation. In: *Publication de l'U.R.A. 382 C.N.R.S. (SILEX)*. Université de Lille III, 1997a. n.1, p.79-89.

-----. La représentation d'une "famille" de mots dans le "Dictionnaire dérivationnel du français et ses corrélats théoriques, méthodologiques et descriptifs. *Cahiers de Linguistique de Vincennes*. n. 26, p. 5-37, 1997b.

-----. a publicar Francês (França). *Le lexique construit*. Paris: Librairie Armand Colin.

CORBIN, Danielle; CORBIN, Pierre. Sélection et description des dérivés et composés dans le dictionnaire monolingue. In: HAUSMANN, F.J. et al. *Dictionnaires – An International Encyclopedia of Lexicography*, vol. 1. Berlim, Nova Iorque: Walter de Gruyter, 1989. p. 937-946.

CORREIA, Margarita. *Denominação e construção de palavras. : o caso dos nomes de qualidade em português*. Lisboa: Edições Colibri, 2004a.

-----. *A denominação das qualidades – contributos para a compreensão da estrutura do léxico português*. Tese (Doutorado em Lingüística) - Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1999.

HALLE, Morris. Prolegomena to a theory of word formation. *Linguistic Inquiry*, v. 4, n. 1, p. 3-16, 1973.

HAUGEN, Einar. The analysis of linguistic borrowing. *Language*, v. 26, n. 2, p. 210-231, 1953.

HOCKETT, Charles F. Two models of grammatical description. *Word*, n. 10, p. 210-234, 1954.

HUMBLEY, J. Vers une typologie de l'emprunt linguistique. *Cahiers de lexicologie*, Paris, v. XXV, n. II, 1974.

JACKENDOFF, Ray. Morphological and Semantic Regularities in the lexicon. *Language*, v. 51, n. 3, p. 639-671, 1975.

LERAT, Pierre. Le traitement des emprunts en terminographie et en néographie. *Cahiers de Lexicologie*, v. 50, p. 137-144, 1987.

----- . Les internationalismes dans les langues romanes. In: *Hommage à Bernard Pottier*. Paris: Klincksieck, 1988. v. 2. p. 483-491.

LOUBIER, Christiane. *Les emprunts: traitement en situation d'aménagement linguistique*. Québec: Office de la langue française, 2003.

MARCHAND, Hans. *The categories and types of present-day English word-formation: a synchronic-diachronic approach*. München: C. H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung, 1969.

MÉLIS-PUCHULU, Agnès. Les adjectifs dénominaux: des adjectifs de "relation". In: *Lexique 10*, Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires de Lille, 1991. p.217-231.

NUNES, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica portuguesa – Fonética e Morfologia*. 9. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1989.

ROCHA, Luis Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

REY-DEBOVE, J. Étude linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains. The Hague/Paris: Mouton, 1971.

RIO-TORTO, Graça Maria. *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português*. Porto: Porto Editora, 1998a.

----- . Padrões de formação de verbos em português. *Revista Portuguesa de Filologia*. Coimbra, v. XXII, p. 293-327, 1998b.

----- . Mecanismos de produção lexical no português europeu. *Alfa*, São Paulo, v. 42, n. especial, p. 15-31, 1998c.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 8. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

SANDMANN, Antonio. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor, 1989.

SANTOS, João Dino F. P. dos. *Normalização de empréstimos lingüísticos*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 1992.

SPENCER, A. *Morphological Theory*. Oxford: Basil Blackwell, 1991.

BIBLIOGRAFIA DE LEITURA COMPLEMENTAR

ALENCAR, José Arraes de. *Vocabulário latino: por famílias etimológicas: filosofia e poesia da linguagem*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1944.

ANDERSON, Stephen R. Where's morphology? *Linguistic Inquiry*, v. 13, n. 4, p. 571-612, 1982.

----- . Typological distinction in word formation. In: SHOPEN, Timothy (Org.). *Language typology and syntactic description: Grammatical categories and the lexicon*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. v.3, p. 3-56.

ANDRADE, Ana Margarida Rebello de. *As palavras importadas no léxico da decoração*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1995.

ARONOFF, Mark. *Morphology by itself: stems and inflectional classes*. Cambridge: The MIT Press, 1996.

ALVES, Ieda. *Neologismo – Criação lexical*. São Paulo: Editora Ática, 1990.

BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1995.

----- . O princípio da analogia na constituição do léxico: regras são clichês lexicais. *Veredas: revista de estudos lingüísticos*, Juiz de Fora, v.1, n.1, p. 9-21, 1997.

----- . A morfologia no Brasil: indicadores e questões. *D.E.L.T.A.*, v. 15, n. especial, 1999.

----- . Em torno da palavra como unidade lexical: palavras e composições. *Veredas: revista de estudos lingüísticos*, Juiz de Fora, v.4, n.2, p. 9-18, 2000.

-----. Formação e uso da nominalização deverbal sufixal no português falado. In: CASTILHO, Ataliba T. de; BASÍLIO, Margarida (Orgs.). *Gramática do português falado: Estudos descritivos*. 2. ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. v. 4, p. 21-30.

BASÍLIO, Margarida et al. Derivação, composição e flexão no português falado: condições de produção. In: CASTILHO, Ataliba T. de (Org.). *Gramática do português falado: As abordagens*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. v.3, p. 363-432.

BAUER, Laurie. *Morphological productivity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

-----. On lexicalization. *Archivum Linguisticum* 9, p. 3-14, 1978.

BAUGH, Albert C. *A History of the English Language*. 4. ed. London: Routledge and Kegan Paul, 1956.

BEARD, Robert E. On the question of lexical regularity. *Journal of Linguistics*, v. 17, p. 1-178, 1981.

BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1933.

BOOIJ, G. Semantic regularities in word formation. *Linguistics*, v. 17, p. 985-1001, 1979.

BOTEY, Teresa Vallès. *La creativitat lèxica en un model basat en l'ús: una aproximació cognitiva a la neologia i la productivitat*. Tese (Doutorado) - Institut Universitari de Lingüística Aplicada. Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, 2004.

BOULANGER, Jean-Claude. *Lexicologie et lexicographie. Notes de cours*. Université Laval, 1993.

-----. Le miroir aux alouettes: le calque en intelligence artificielle. *Langage et l'Homme*, v. 23, fasc.1, p.3-13, 1988.

BRÉAL, Michel. *Essai de Sémantique*. Paris: Librairie Hachette et Companie, 1911.

BUNSE, Heinrich A.W. *Iniciação à filologia germânica*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1983.

BYBEE, Joan L. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985.

BYNON, Theodora. *Historical linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

CALVET, LOUIS-JEAN. La situation de l'anglais au XIV siècle selon Ranulph Hidgen et John of Trevisa. In: *Linguistique et colonialisme*. Paris: Payot, 1974.

CÂMARA Jr., Mattoso Joaquim. *Estrutura da língua portuguesa*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

-----. *Problemas de Lingüística Descritiva*. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CAMPBELL, Lyle. *Historical linguistics: an introduction*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1999.

CARSTAIRS-MCCARTHY, Andrew. *Current Morphology*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 1992.

CORREIA, Margarita. Terminologia, neologia e normalização: como tratar os empréstimos neológicos. *Terminómetro*, n. especial dedicado a Portugal e países lusófonos, 2004b.

-----. Solução de dificuldades lingüísticas devidas à influência de outras línguas. *Terminologie et Traduction*, n. 2, p. 211-224, 1997.

-----. *A formação dos adjetivos em anti- em português*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 1992.

-----. Euro-: um novo prefixo do português? (inédito), disponível em www.iltec.pt, 1989.

CORREIA, Margarita & LEMOS, Lúcia San Payo de. *Inovação lexical em português*. Lisboa: Edições Colibri e Associação de Professores de Português, 2005.

COSTA, Sergio Corrêa da. *Palavras sem fronteiras*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

CRYSTAL, David. *The English Language*. London and New York, 1988.

DUARTE, Paulo Mosânio Teixeira. *A formação de palavras por prefixo em português*. Fortaleza: UFC, 1999.

----- . *Elementos para uma morfologia do português: em torno da noção de radical*. Fortaleza: UFC, 2001.

DUBOIS, J.; DUBOIS, Cl. *Introduction à la Lexicographie: les dictionnaires*. Paris: Larousse, 1971.

FARACO, Carlos Alberto (Org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola.

FAULSTICH, Enilde. 1994. Entre le français et le portugais du Brésil: des mots migrants. *Actes des 8^o Journées de Linguistique*, Québec, p.55-59.

----- . Formação de termos: do constructo e das regras às evidências empíricas. In: FAULSTICH, Enilde; ABREU, Sabrina Pereira de (Orgs.). *Linguística aplicada à terminologia e à lexicologia: cooperação internacional: Brasil e Canadá*. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, NEC, 2003. p. 11-32.

FRADIN, Bernard; KERLEROUX, Françoise. Introduction. *Langages, Quoi de neuf en morphologie?*, Paris, p. 3-11, 2003.

FREITAS, Myrian A. de. *Os empréstimos do inglês no português do Brasil: algumas estratégias de adaptação*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 1984.

GUILBERT, L. *La créativité lexicale*. Paris: Librairie Larousse, 1975.

GUIRAUD, Pierre. *Les mots savants*. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.

HAENSCH, G et al. *La Lexicografía*. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

HERNANDEZ, Humberto H. (Org.). *Aspectos de Lexicografía Contemporánea*. Barcelona: Biblograf, 1994.

ILARI, Rodolfo. *Linguística Românica*. São Paulo: Ática, 1997.

JERPERSEN, Otto. *Growth and Structure of the English Language*. Basil Blackwell: Oxford, 1958.

JOSEPH, Brian D. Diachronic Morphology. In: SPENCER, Andrew; ZWICKY, A. (Org.). *The Handbook of morphology*. MA: Blackwell Publishers Ltd, 1998. p. 351-373.

-----. *Language history, language change and language relationship: an introduction to historical and comparative linguistics*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1996.

KASTOVSKY, Dieter. The problem of productivity in word formation. *Linguistics*, v. 24, p.585-600, 1986.

-----. The interaction of semantic and formal structures in the lexicon. In: *Meaning and Lexicography*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990. p. 75-91.

KATAMBA, Francis. *Morphology*. England: Palgrave, 1993.

KEHDI, Valter. *Morfemas do português*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2003.

-----. *Formação de palavras em português*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2003.

LAMBERTI, Flávia Cristina Cruz. *Empréstimos lingüísticos no português do Brasil: uma interpretação variacionista*, 1999. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 1999.

LANG, Mervyn F. *Formación de palabras en español: morfología derivativa productiva en el léxico moderno*. Madrid: Cátedra, 1990.

LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. *Manual de morfologia do português*. 3. ed. revisada e ampliada. Campinas: Pontes; Juiz de Fora: UFJF, 2003.

LEES, R.B. *The grammar of English nominalisations*. The Hague: Mouton, 1960.

L'HOMME, Marie-Claude. *La terminologie: principes et techniques*. Montréal: Les Presses de l'Université de Montreal, 2004.

LIEBER R. *On the organization of the lexicon*. Tese (Doutorado) - Massachusetts Institute of Technology (MIT). Indiana University Linguistics Club, 1981.

MATEUS, Maria Helena M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. 2. ed. revisada e aumentada. Lisboa: Editorial Caminho, 1989.

MATTHEWS, P.H. *Morphology*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

MEL'ČUK, Igor. *Cours de morphologie générale: théorique et descriptive. Vol. 1: introduction et première partie: le mot*. Montréal: Les presses de l'Université de Montréal, 1993.

----- *Cours de morphologie générale: théorique et descriptive. Vol. 4: signes morphologiques*. Montréal: Les presses de l'Université de Montréal, 1993.

NIDA, Eugene A. *Morphology: the descriptive analysis of words*. 2. ed. Ann Arbor, Michigan: University of Michigan Press, 1949.

ORTEGA, Soledad Varela. *Morfología Léxica: la formación de palabras*. Madrid: Editorial Gredos, 2005.

PILCH, Hebert. The synchrony-diachrony division in word formation. In: FISIÁK, Jacek. *Historical semantics. Historical word-formation*. Berlin/New York/Amsterdam: Mouton, 1985. p. 408-433.

REY-DEBOVE, J. Effet des anglicismes lexicaux sur le système du français. *Cahiers de lexicologie*, v. 51, n. 2, 1987.

ROSA, Maria Carlota. *Introdução à morfologia*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

RIO-TORTO, Graça Maria. *Formação de palavras em português. Aspectos da construção de avaliativos*. Tese (Doutorado em Lingüística Portuguesa), Universidade de Coimbra, Coimbra, 1993.

SANDALO, Filomena. Morfologia. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2004. v. 1, p. 181-206.

SANDMANN, Antonio. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1997.

----- *Morfologia geral*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

----- *Caminhos da produção lexical*. *D.E.L.T.A.*, v. 9, n.1, p. 59-81, 1993.

SAPIR, Edward. *Language: an introduction to the study of speech*. New York: Harcourt, Brace & World, 1921.

- SELKIRK, Elisabeth. *The syntax of words*. Cambridge: The MIT Press, 1983.
- SERJEANTSON, Mary. *A History of Foreign Words in English*. 2. ed. London: Routledge and Kegan Paul, 1961.
- SIEGEL, D. *Topics in English morphology*. Tese (Doutorado) – Massachusetts Institute of Technology (MIT). Cambridge, Massachusetts, 1974.
- SOLÉ, LLUÏSA Gràcia. *Morfologia lexica. L'herència de l'estructura argumental*. València: Universitat de València, 1995.
- TALMY, Leonard. Lexicalization patterns: semantic structure in lexical forms. In SHOPEN, Timothy (Org.). *Language typology and syntactic description: Grammatical categories and the lexicon*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. v. 3, p. 57-149.
- TAGLIAVINI, Carlo. *Orígenes de las lenguas neolatinas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- VASCONCELOS, Margarida Maria Alacoque de. *Da História Interna das Línguas Latinas*. São Mateus: Expresso, 2000.
- VILLALVA, Alina. *Estruturas morfológicas: unidades e hierarquias nas palavras do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2000.
- WALTER, Henriette. *A Aventura das Línguas no Ocidente*. São Paulo: Mandarim, 1997.
- WEINREICH, Uriel. *Languages in contact*. The Hague: Mouton, 1953.

OBRAS LEXICOGRÁFICAS

Latim

- SARAIVA, F.R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 11.ed. Rio de Janeiro: Garnier, 2000.

THE OXFORD Latin dictionary. 1.ed. Oxford: Oxford University Press, 1982.

Português

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DICIONÁRIO eletrônico Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

DICIONÁRIO eletrônico Houaiss da língua portuguesa. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

DICIONÁRIO da Língua Portuguesa Contemporânea. Academia das Ciências de Lisboa. Lisboa: Editorial Verbo, 2001.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Confluência, 1952.

Inglês

OXFORD English Dictionary on-line. Oxford University Press, 2005.

THE AMERICAN Heritage Dictionary. 3.ed. Houghton Mifflin Company, 1994.

THE OXFORD Dictionary of English Etymology. Oxford University Press, 1966.

Francês

PICOCHÉ, Jacqueline. *Dictionnaire Étymologique du Français*. Paris: LE ROBERT, 1992.

ROBERT, Paul. *Le Nouveau Petit Robert*. Paris: Le Robert, 1993.

